

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**LENI SOARES VIEIRA**

**"O CÉU E A TERRA PASSARÃO, MAS AS MINHAS PALAVRAS NÃO HÃO  
DE PASSAR": OS EFEITOS DOS CRONOTOPOS NO EVANGELHO  
DE MATEUS.**

**SÃO PAULO**

**2019**

**LENI SOARES VIEIRA**

**"O CÉU E A TERRA PASSARÃO, MAS AS MINHAS PALAVRAS NÃO HÃO  
DE PASSAR": OS EFEITOS DOS CRONOTOPOS NO EVANGELHO DE  
MATEUS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Letras.

**Orientador: Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira**

**SÃO PAULO**

**2019**

V658c Vieira, Leni Soares.

"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar": os efeitos dos cronotopos no evangelho de Mateus / Leni Soares Vieira.

146 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

Orientador: João Cesário Leonel Ferreira

Referências bibliográficas: f. 143.

1. Evangelho de Mateus. 2. Cronotopo bakhtiniano. 3. Atemporalidade. I. Ferreira, João Cesário Leonel, *orientador*. II. Título.

CDD 401.41

Bibliotecária Responsável: Andrea Alves de Andrade - CRB 8/9204

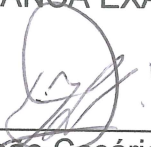
LENI SOARES VIEIRA

“O CÉU E A TERRA PASSARÃO, MAS AS MINHAS PALAVRAS NÃO HÃO DE PASSAR”: OS EFEITOS DOS CRONOTOPOS NO EVANGELHO DE MATEUS.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Letras.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA



---

Dr. João Cesário Leonel Ferreira  
Universidade Presbiteriana Mackenzie



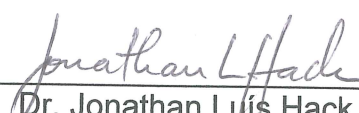
---

Dra. Aurora Gedra Ruiz Alvarez  
Universidade Presbiteriana Mackenzie



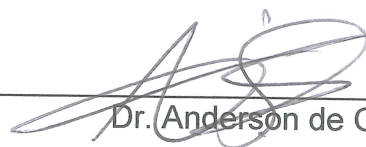
---

Dr. Júlio Paulo Tavares Zabatiero  
Faculdade Teológica Sul Americana



---

Dr. Jonathan Luís Hack  
Universidade Presbiteriana Mackenzie



---

Dr. Anderson de Oliveira Lima

Aos meus queridos pais, Alice e Darcy.  
Obrigada pelo seu amor, ajuda, incentivo e torcida  
em todos os dias de minha vida e durante mais  
esta jornada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as bênçãos de minha vida e por me permitir mais esta vitória.

Ao Prof. Dr. João Leonel, agradeço todos os seus comentários, questionamentos e dicas. Seu interesse e serenidade ao me orientar foram essenciais para a conclusão de meu trabalho.

À Profa. Dra. Aurora Gedra Ruiz Alvarez, agradeço seu interesse, carinho e disposição em se encontrar comigo e pacientemente me explicar os conceitos de Bakhtin, essenciais para a tese.

Aos professores doutores Júlio Paulo Tavares Zabatiero, Jonathan Luís Hack e Anderson de Oliveira Lima, agradeço suas preciosas contribuições, comentários e sugestões no dia de minha defesa..

Aos meus preciosos filhos, Júlia e Pedro, agradeço a paciência, incentivo, força e amor que demonstraram durante toda a minha caminhada e nas várias vezes que ameacei desistir. Amo demais vocês.

Ao meu irmão, Levi, toda a família e amigos parceiros que se alegram comigo neste momento, agradeço seu incentivo e confiança.

A todos os professores do doutorado que despertaram meu interesse por tantos assuntos, ideias e pontos de vista novos, agradeço por exigirem meu melhor e pelo ambiente descontraído e prazeroso que criaram em suas aulas.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, em especial ao Mackpesquisa, agradeço a bolsa que assegurou a conclusão do doutorado.

## RESUMO

Esta tese tem como objetivo analisar a possibilidade de atualização das palavras de Jesus no evangelho de Mateus devido às suas estratégias literárias. Por meio da análise literária dos discursos de Jesus, pretende-se reconhecer a viabilidade da presentificação, ou seja, a redução da distância narrativa. Fundamentais para a tese são conceitos do teórico russo, Mikhail Bakhtin, sobre o *grande tempo* que se refere ao tempo anterior e posterior à escrita de uma grande obra; o cronotopo como um motivo literário considerado unidade indissolúvel das definições temporais e espaciais; o gênero da obra como situação, tema e significados típicos da comunicação. A peregrinação do protagonista é apresentada por meio do cronotopo da estrada e do cronotopo do encontro; durante esse percurso e por meio desses encontros, o terceiro e principal cronotopo, o do reino dos céus, se forma e ganha gradativamente mais significado e importância. Jesus é o grande condutor dos três cronotopos e suas falas e sermões aproximam o leitor do texto exigindo a interpretação dos sentidos. A tese defende que o evangelho de Mateus pertence ao grande gênero de uma narrativa de aventuras e de costumes e apresenta características de vários outros gêneros. Conclui-se que as principais funções dos cronotopos são conferir matiz emocional e ético ao texto, expor os valores e princípios das personagens, contribuir com a formação de imagens, participar da construção das personagens e possibilitar a longevidade do texto. Os cronotopos da estrada, do encontro e do reino devido ao seu próprio caráter de transposição do tempo no espaço, seu claro matiz emocional e ético e as falas e discursos de Jesus cooperam com a atemporalidade do evangelho de Mateus.

Palavras-chave: evangelho de Mateus; cronotopo bakhtiniano; atemporalidade

## ABSTRACT

This thesis goal is to analyse the actualization possibility of Jesus's words in the gospel of Matthew due to its literary strategies. Through the literary analysis of Jesus's discourse, we intend to recognize the presentification viability, that is, the narrative distance reduction. Fundamental to the thesis, are the concepts of the Russian scholar, Mikhail Bakhtin, about the "great time" which refers to the time prior and after a great work writing; chronotope as a literary motif considered as time and space blending; the work genre as typical situation, theme and meanings of a communication. The protagonist's peregrination is presented by the road and meeting chronotopes; during this route and through these meetings, the third and main chronotope is developed and gradually gains more meaning and importance. Jesus is the great conductor of these three chronotopes and his words and speeches bring the reader closer to the text requiring its meaning interpretation. The thesis supports that the gospel of Matthew belongs to the great genre of an adventure and customs genre and presents other genre characteristics. It is concluded that the main functions of the chronotopes are to provide emotional shades to the text, contribute with the images formation, participate in the characters construction and to make the text durability possible. The chronotopes of the road, the meeting and the kingdom due to their own character of time transposition in space, their emotional shades and Jesus's words and speeches cooperate with the gospel of Matthew atemporality.

Key-words: gospel of Matthew; Bakhtin chronotope; atemporality.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 A QUESTÃO DO GÊNERO DO EVANGELHO DE MATEUS.....</b>	<b>26</b>
<b>3 OS CRONOTOPOS DA ESTRADA, DO ENCONTRO E DO REINO.....</b>	<b>41</b>
<b>4 A COMPOSIÇÃO DO EVANGELHO DE MATEUS .....</b>	<b>53</b>
<b>4.1 A relação textual com o Antigo Testamento .....</b>	<b>56</b>
<b>4.2 A relação textual como evangelho de Marcos .....</b>	<b>59</b>
<b>4.3 O papel do narrador .....</b>	<b>70</b>
<b>4.4 A organização do evangelho .....</b>	<b>76</b>
<i>4.4.1 Blocos discursivos e blocos narrativos .....</i>	<i>77</i>
<i>4.4.2 A conexão entre os blocos narrativos e discursivos.....</i>	<i>88</i>
<b>5 OS EFEITOS DOS CRONOTOPOS .....</b>	<b>103</b>
<b>5.1 Jesus fala aos seus seguidores: Análise de Mt 5.17-20 .....</b>	<b>106</b>
<b>5.2 Jesus atende a um centurião gentio: Análise de Mt 8.5-13 .....</b>	<b>119</b>
<b>5.3 Jesus ensina por meio de parábolas: Análise de Mt 13.1-19 .....</b>	<b>129</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>144</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>156</b>
<b>8 BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>160</b>

## 1 INTRODUÇÃO

"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar"<sup>1</sup>. Este versículo, retirado de Mateus 24.35, sintetiza o tema desta tese: a possibilidade de atemporalidade dos discursos de Jesus. Para compreendermos a longevidade do texto bíblico, decidimos privilegiar o evangelho de Mateus.

A intenção do trabalho é analisar a possibilidade de atualização das palavras de Jesus devido às estratégias literárias aplicadas tão habilmente na narrativa bíblica. A visão da Bíblia como literatura, portanto, é o fundamento para a exposição do tema desta tese. Propomos que o texto bíblico, por sua complexa estrutura literária, seja potencialmente talhado a apropriações e releituras que transcendem o tempo histórico de sua narrativa. Por meio da análise literária dos discursos de Jesus, pretendemos reconhecer a viabilidade da presentificação, ou seja, a redução da distância narrativa.

Entendemos que a tese possa contribuir para a visão da Bíblia como literatura por meio da exposição das estratégias narrativas usadas para o convencimento dos seus leitores e, principalmente, da análise dos intrincados sentidos dos sermões e falas do protagonista. A interpretação literária do texto bíblico tem o potencial de enriquecer sua interpretação exegética também. João Leonel e Júlio Paulo Tavares Zabatiero em *Bíblia, literatura e linguagem* acentuam "a importância e atualidade de reflexões baseadas em teorias literárias que vão além das fronteiras da metodologia histórico-crítica e histórico-gramatical" (2001, p.11). Esta tese, então, interessa aos estudos exegéticos e literários da Bíblia.

J. Andrew Overman, especialista em religião, cultura e etnicidade do mundo greco-romano, analisa como a recepção do evangelho de Mateus já sofreu mudanças consideráveis no primeiro século de sua existência. O autor esclarece que, em seu contexto histórico e social, "o evangelho de Mateus

---

<sup>1</sup> Edição Almeida Corrigida e Fiel (ACF).

surge, no século I, claramente como um documento judaico, endereçado a judeus que julgavam praticar o judaísmo em seu sentido mais verdadeiro” (1999, p.20). Porém, no século II, o judaísmo mateano estava extinto na Palestina, e “quando o chamado cristianismo surgiu, inconfundível com o judaísmo, seu precursor, Mateus emergiu como importante texto cristão” (1999, p. 36).<sup>2</sup>

O evangelho de Mateus é considerado um dos livros mais particulares do Novo Testamento: estudiosos concordam que o evangelho visa explicar a vida de Jesus a comunidades cristãs compostas por judeus convertidos; sua estrutura é uma das principais evidências disso, como veremos. Através da textualidade, do seu caráter literário, porém, o texto deixa de ser particular e passa a ser universal.

Pretendemos mostrar que esse processo da recepção do evangelho, passivo de mudanças, coloca-se como uma evidência clara da potencialidade que o texto possui de alcançar leitores através dos tempos. E este é o ponto nevrálgico desta tese: os sermões e falas de Jesus, impregnados por discursos anteriores e ressignificados no presente da narrativa, criam uma prospecção para o futuro.

Erich Auerbach, em sua obra *Mimesis*, comenta sobre como a narrativa bíblica foi escrita com a intenção de se colocar como verdade absoluta, portanto, atemporal: “O mundo dos relatos das Sagradas Escrituras não se contenta com a pretensão de ser uma realidade historicamente verdadeira – pretende ser o único mundo verdadeiro, destinado ao domínio exclusivo” (2007, p. 12). O autor comenta que a pretensão de verdade da Bíblia é urgente e tirânica e “exclui qualquer outra pretensão” (2007, p.11). Auerbach salienta que a ideia não vem da doutrina e sim de seu caráter obscuro que necessita de interpretação:

---

<sup>2</sup> A afirmação de Overman propõe o surgimento formal do cristianismo a partir do sec II. Overman comenta que “ O judaísmo de Mateus e sua luta com o judaísmo formativo são, talvez, o primeiro capítulo da longa e difícil separação desses gêmeos fraternos, cristianismo e judaísmo (1999, p. 16).

Se, desta forma, o texto do relato bíblico necessita tanto de interpretação a partir do seu próprio conteúdo, sua pretensão à autoridade absoluta leva-o ainda mais longe por este caminho. Pois ele não quer nos fazer esquecer a nossa própria realidade durante algumas horas [...], mas suplantá-la; devemos inserir nossa própria vida no seu mundo, sentirmo-nos membros de sua estrutura histórico- universal (2007, p.12).

Além da combinação das técnicas retóricas das narrativas bíblicas, o fato de o texto bíblico ser um texto de cultura também nos permite cogitar sua atemporalidade e sua possibilidade de alcançar leitores além do tempo da narrativa.

Paulo Augusto de Souza Nogueira, em seu artigo *Hermenêutica da recepção: textos bíblicos nas fronteiras da cultura e no longo tempo* (2012), descreve a Bíblia como um texto de cultura devido à sua complexidade estrutural e defende que esta é a razão que possibilita “os processos de recriação de sentido nas mais distantes temporalidades e nos contextos culturais mais periféricos” (2012, p. 15). O autor salienta que a origem do processo de leitura atualizada está exatamente nas propriedades inerentes ao próprio texto (2012, p. 17).

Será fundamental para nosso estudo o conceito do teórico russo, Mikhail Bakhtin, sobre o *grande tempo* que se refere ao tempo anterior e posterior à escrita de uma grande obra. A ideia de Bakhtin é de que uma grande obra, enraizada na cultura popular, nos mitos e nas tradições orais, começa a ser delineada séculos antes de sua produção e necessita de distanciamento temporal após sua escrita para ser realmente compreendida (2003, p. 366). Nossa tese se ampara no conceito do *grande tempo* que traduz a necessidade e o valor do distanciamento temporal para a verdadeira apreciação de um texto; a ideia da literatura como relação social, descrita da seguinte maneira por Bakhtin:

As obras dissolvem as fronteiras da sua época, vivem nos séculos, isto é, no grande tempo, e além disso levam frequentemente uma vida mais intensiva e plena que em sua atualidade [...] Tudo o que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele (2003, p. 362 - 363).

Desde sua criação, por volta do século I, leitores do evangelho de Mateus têm aderido a esse texto bíblico e buscado novas ressignificações. Bakhtin esclarece que as obras, como sistema de cultura, são marcadas pela sua mobilidade no espaço e no tempo: “No processo de sua vida *post mortem* elas (as grandes obras) se enriquecem com novos significados, novos sentidos; é como se essas obras superassem o que foram na época de sua criação” (2003, p. 363).

Essencial para a tese, além do conceito bakhtiniano do *grande tempo*, é a ideia do cronotopo como um motivo literário considerado “unidade indissolúvel (mas não a fusão) das definições temporais e espaciais [...]” (Bakhtin, 1993, p. 222). Veremos que uma importante função do cronotopo é fornecer matiz emocional e ético à obra.

O evangelho de Mateus, após uma apresentação de Jesus como o Cristo, relata a missão itinerante do protagonista de espalhar a mensagem do reino dos céus por meio de vários encontros com toda sorte de interlocutores. A peregrinação do protagonista é apresentada por meio do cronotopo da estrada e do cronotopo do encontro. Iremos analisar como as personagens serão construídas por meio desses cronotopos e como o protagonista se configura como o grande condutor dos cronotopos. Durante esse percurso e por meio desses encontros, o terceiro e principal cronotopo, o do reino dos céus, se forma e ganha gradativamente mais significado e importância. Entendemos que o “reino” seja o conceito em que o cronotopo se apresenta de maneira consistente: é o eixo em torno do qual tempo e espaço se fundem.

Uma função dos cronotopos é a construção dos sujeitos do discurso. Iremos observar como cada personagem se torna protagonista durante seu encontro com Jesus. Além disso, os cronotopos, como elementos estruturais do texto, são criados a partir da realidade; porém, funcionam como uma ponte entre o mundo real, o mundo representado e novamente o mundo real do leitor.

Nossa intenção também é discutir a relação entre os cronotopos da narrativa e o gênero e características de gênero usados no evangelho de Mateus e suas relações com a longevidade do tempo. Bakhtin esclarece que o

gênero não pode ser pensado fora da dimensão espaço-temporal e todas as formas de representação que nele estão abrigadas são, igualmente, orientadas pelo espaço-tempo ( BRAIT, 2005, p. 158).

Iremos observar como as personagens, principalmente o protagonista, se assumem como sujeitos e como se relacionam com o mundo. Em outros termos, de que gêneros Mateus se vale para a construção desses seres da narrativa. Entendemos o gênero, de acordo com Bakhtin, como sendo uma maneira de olhar o mundo e através da construção do gênero uma série de vestígios e indícios são criados para a interpretação dos sujeitos e da sociedade (2003, p. 283). Propomos que o grande gênero do evangelho seja a narrativa de aventuras e de costumes como entendida por Bakhtin (1993, p. 234).

Veremos, também, que vários outros gêneros se juntam na narrativa de acordo com as tarefas e objetivos do sujeito do discurso. Bakhtin afirma que a “vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo *na escolha de um certo gênero de discurso*” (2003, p. 282, grifo do autor). É por essa razão que vários gêneros se juntam. Em Mateus, ao grande gênero da narrativa de aventuras e de costumes, o narrador acrescenta gêneros de acordo com os sujeitos do discurso, de seus interesses e objetivos na comunicação e da circunstância da trama.

O evangelho apresenta, no Sermão do Monte, por exemplo, ditos de sabedoria que incluem as bem-aventuranças e nos capítulos 24 e 25 um sermão escatológico juntamente com várias parábolas. O assunto da escatologia, que é tratado nas religiões, no folclore e na filosofia, sempre desperta grande interesse no geral e isso também ocorre em relação à narrativa bíblica, o que contribui para a longevidade do texto. Destacamos as parábolas, como subgênero do discurso sapiencial, que ocupam um sermão de Jesus (capítulo 13) além de outras várias espalhadas pela narrativa. As parábolas que fazem parte das formas sapienciais são gêneros que evocam a reflexão, o que favorece a hipótese de que Mateus tem mais longevidade porque, entre outras razões, faz o leitor pensar. Roy Zuck define parábola como uma linguagem figurada em que se fazem comparações, uma ampla

analogia em forma de história (apud KUNZ, 2014, p.6). O próprio texto bíblico comenta o acentuado uso de parábolas por Jesus: “sem parábolas nada lhes falava (Mc 4.34); “com muitas parábolas semelhantes lhes expunha a palavra (Mc 4.33); “então Jesus, tomando a palavra, tornou a falar-lhes em parábolas” (Mt 22.1); “e falou-lhe de muitas coisas por parábolas” (Mt 13.3); “abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo” (Mt 13.35).

Outra característica importante do evangelho de Mateus são as referências ao Antigo Testamento, a trajetória da vida de Jesus e a temática de seus ensinamentos aliando passado, presente e futuro que se entrelaçam, se completam e se explicam. A narrativa que retrata a vida do protagonista tem como objetivo principal a apresentação da sua mensagem, a explicação sobre o reino dos céus que também aponta para o presente, passado e futuro: o arrependimento, o início de uma nova vida, a segunda vinda de Jesus e o dia do juízo final. O discurso de Jesus promove e obtém sentido dentro dos cronotopos da estrada, do encontro e do reino que atua com o principal cronotopo da narrativa do evangelho de Mateus.

Como veremos, o evangelho de Mateus trata do reino dos céus: a apresentação do rei, Jesus, o protagonista, o reino, seus integrantes e leis. Observaremos que o reino de Deus se relaciona com o significado da vida, morte e ressurreição de Jesus, o agir e influência de Jesus sobre a vida dos que seguem as leis do reino, e a possibilidade de ação sobre o leitor também, devido às estratégias narrativas.

No evangelho de Mateus, podemos observar como as informações sobre o reino referem-se ao passado, presente e futuro entrelaçados. Observemos:

Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus. (Mt. 3.2)  
Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. (Mt. 5:3)

E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus. (Mt 10.7).

Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde,

benditos de meu Pai, possui por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. (Mt. 25:34)

Não apenas as referências temporais em relação ao reino se mesclam, mas as referências espaciais parecem identificar diferentes localizações do reino: a ênfase, na verdade, está no protagonismo divino. Ora pertence aos céus, ora pertence à terra e ora o reino dos céus e da terra coexistem:

Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus. (Mt. 5.20)

Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus. (Mt. 8.11)

Mandaré o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade. (Mt. 13.41)

E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus. (Mt. 16.19)

Encontramos exemplos de entrelaçamento de tempos no evangelho de Mateus tanto no início quanto no final da narrativa. Em Mt 1.23 o narrador, ao descrever o nascimento de Jesus, diz: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: **Deus conosco**) (grifo nosso)". E a narrativa se encerra com uma fala de Jesus, confirmando essa promessa: "E eis que **estou** convosco todos os dias até à consumação do século" (Mt 28.20; grifo nosso). O presente do indicativo do verbo grego *εἰμί* refere-se não apenas ao presente, mas também a uma ação em andamento ou uma ação que apresenta um valor permanente. Analisaremos, também, a função dos tempos verbais no evangelho de Mateus. A ênfase nas falas de Jesus, no discurso direto, ressalta o uso do presente do indicativo que indica um sinal de alerta para o leitor: sua participação será requisitada. A estratégia da inclusão cria cumplicidade com o ouvinte/leitor.

Ressaltamos a importância do tempo no texto bíblico que transcende a referência temporal, como resume Flávio Aguiar, tradutor de *Código dos*



*Códigos*, no posfácio:

A Bíblia tem por tema principal o tempo, e o tempo futuro. Nossa vida tem um destino, que é o julgamento final; essa viagem ainda não terminou; mas a Bíblia baliza o caminho, do começo ao fim. Estamos sempre em julgamento; portanto o tempo humano na Bíblia é sempre o aqui e o agora. Mas este aqui e agora está em contato permanente com a transcendência, com a eternidade (2004, p.273).

Ao nosso ver, outro ponto que colabora com a ideia de vivificação do texto: o evangelho de Mateus é o único dos evangelhos sinóticos que não termina com a ascensão de Jesus. O narrador, ao optar por não descrever a ascensão, oferece ao leitor a ideia de que Jesus não se retira, ainda “está conosco” até a consumação do século. Essa é outra particularidade do evangelho que pode colaborar com a ideia da sua longevidade. A afirmação de Jesus no final da narrativa é dirigida aos discípulos de mais de dois mil anos atrás e ao leitor de hoje.

Discutiremos outros traços estéticos que colaboram com a possibilidade de atemporalidade do evangelho de Mateus. A obscuridade e ambiguidade do evangelho, por exemplo, exigem a interpretação do leitor para a construção de sentido do texto. O evangelho de Mateus retrata várias polêmicas sociais, religiosas e comportamentais que ocorrem nos encontros de Jesus com toda sorte de interlocutores e o leitor sente-se obrigado a interpretar falas e ações não só do protagonista, como das outras personagens para a compreensão do enredo. Ao longo do evangelho, confrontos apresentados entre o mundo terreno e o divino, o material e o espiritual e as novas interpretações sobre a ideia de pureza, beleza e verdade trazidas pelo protagonista são apresentados ao leitor exigindo não apenas sua interpretação, como também sua ressignificação e atualização.

Extremamente relevante para a análise de Mateus é compreender o papel do narrador que, apesar de onisciente, escolhe não fazer intromissões e delegar aos leitores a tarefa de ir, aos poucos, construindo as personagens, como afirma João Leonel em sua obra *Mateus, o evangelho*:

Opta em revelar o personagem central não mediante

comentários autoritativos, que seriam mais objetivos no nível cognitivo para os leitores, mas através de ações, que se constituem no nível mais baixo de informação, uma vez que delegam ao leitor a responsabilidade de avaliar o que é dito, e também por intermédio do discurso direto do próprio Jesus, que é um tipo de comunicação com os leitores em grau médio de objetividade (2013, p. 86).

A voz do protagonista também percorre toda a narrativa, mas nem sempre para revelar ou esclarecer os fatos, mas para fazer com que seus interlocutores, as outras personagens e o leitor reflitam, tomem posições e construam os sentidos. Várias narrativas dentro do evangelho, por exemplo, não apresentam um fechamento e pretendemos mostrar que a intenção seja de engajamento do leitor: trazer o leitor para a narrativa, fazer com que ele se coloque no lugar das personagens, conclua a história e se aproprie da mensagem. Iremos verificar que as lacunas e a obscuridade são espaços de necessidade de reflexão e exigem um leitor ativo, o que também coopera para a longevidade do texto.

A linguagem desbastada e a supressão de acontecimentos internos e externos parecem não só permitir esse preenchimento de lacunas, como exigir o esforço mental do leitor para pensar na narrativa, nas razões que motivaram as ações das personagens, ligar os fatos e compreender as intrigadas tramas. Eric Auerbach descreve assim essa participação do leitor: "E o relato dirige-se a todos; todos são convocados, obrigados até a se decidirem a favor ou contra o relato; mesmo ignorá-lo é uma tomada de posição" (2001, p.41).

Alter comenta sobre a riqueza que as lacunas oferecem:

Conforme assinalaram Auerbach e outros, os acontecimentos delineados de modo rarefeito no primeiro plano da narrativa bíblica, supõem, de certa maneira, um vasto segundo plano de densas possibilidades de interpretação [...] (2007, p.175)

O autor ressalva que esse silêncio é sempre seletivo e intencional e que uma das razões para essas lacuna é mostrar uma sensação de "ambígua profundidade de caráter" (2007, p.176) em seus personagens.

Auerbach, além de entender as lacunas nas narrativas bíblicas como

uma estratégia que não só convida, mas obriga o leitor a participar, enxerga os acontecimentos narrados na Bíblia como secundários; o importante sempre é seu significado:

Todo o conteúdo das Sagradas Escrituras foi posto num contexto exegético, que frequentemente afastava muito o acontecimento relatado da sua base sensível, enquanto obrigava o leitor ou ouvinte a desviar sua atenção do acontecimento sensível, para concentrá-la no seu significado (2007, p.41).

Outro componente fundamental do evangelho é a intertextualidade com o Antigo Testamento. Alter e Kermode salientam que:

Muito de sua narrativa (dos evangelhos) é construída sobre ele (o Antigo Testamento), bem como muito de sua doutrina. O que parece claro é que os Evangelhos foram inspirados pela necessidade de registrar por escrito algo da vida e dos ensinamentos de Jesus (1997, p. 405).

O dialogismo, como característico do evangelho, aponta para um dialogismo com o presente, ou seja, a possibilidade de uma conversa com o leitor de hoje.

Pensando na possibilidade de presentificação dos sermões e falas de Jesus e os diferentes destinatários dessas enunciações, algumas questões despertam nosso interesse.

Como as personagens e, em especial o protagonista Jesus, se assumem como sujeito e como se relacionam com o mundo?

Quais as estratégias narrativas que, a princípio, possibilitam o caráter de atemporalidade do evangelho de Mateus? As estratégias levam o leitor à reflexão e por isso, à longevidade do evangelho?

São as estratégias do narrador que permitem que o texto seja ressignificado em cada leitura?

Estas problematizações nos levam a hipóteses que relacionam estratégias narrativas e a recepção dos sermões e falas de Jesus.

A hipótese de leitura é que os gêneros constroem uma imagem cronotópica do homem (do protagonista), configurada no evangelho de Mateus

em três cronotopos: o da estrada, constituído pelo sujeito itinerante que sai de sua casa, deixa sua família e caminha pela Galileia para cumprir sua missão; o do encontro, representado pelos numerosos encontros de Jesus com diferentes grupos sociais e distintas pessoas, momentos tensos de embate ideológico. Nestes eventos configura-se também a oportunidade de Jesus realizar seu desígnio, ou seja, o de conduzir seus ouvintes, aqueles que encontra a uma percepção distinta das convenções judaicas. Por essa via, chegamos ao terceiro cronotopo, o do reino de Deus, esfera do elevado, de despreendimento e de superação de eventualidades e contingências da vida eterna.

Nossa segunda hipótese é de que o uso acentuado de sermões e falas é uma estratégia do narrador que diminui a distância narrativa e, por esta razão, possibilita a atemporalidade e releituras do evangelho. Estudaremos a relação entre as enunciações de Jesus e seu propósito de provocar respostas em seus destinatários, sejam as outras personagens ou o leitor. Pretendemos verificar se o vasto uso do discurso direto tem também a função de estender ao leitor a responsabilidade de apreender o sentido da narrativa.

A terceira hipótese é de que a organização do evangelho, o modo como é estruturado, também funciona como estratégia do narrador para conferir fluidez à narrativa com o objetivo de trazer o leitor para dentro das cenas. Estudaremos e explicaremos como o evangelho se estrutura por meio de blocos narrativos (o relato da trama, que também é entremeado por diálogos) e blocos discursivos (sermões ou discursos de Jesus, momentos em que Jesus se comunica com seus ouvintes).

A estruturação de Mateus dividida em blocos narrativos e discursivos que se intercalam e a interpretação da conexão entre eles, têm sido comum e há bastante tempo estudadas por biblistas, como, por exemplo, a que usaremos apresentada por Dale C. Allison em *Studies in Matthew* (2005, p. 137)<sup>3</sup>. Examinaremos a organização em blocos narrativos e discursivos para

---

<sup>3</sup> B.W. Bacon oferece a hipótese moderna mais conhecida e relaciona a estrutura de Mateus com a Torah que também apresenta narrativas e discursos. Escolhemos a divisão apresentada por Davies e Allison porque em primeiro lugar acreditamos ser evidente e nítida a divisão em blocos alternados e além disso, os autores focam nos cinco discursos e tornam clara a preferência do narrador mateano por tríades. Essa subdivisão nos foi bastante importante para a compreensão do texto.

compreendermos a construção de sentido que se forma por meio da intercalação dos blocos e como os cronotopos da estrada, do encontro e do reino vão progressivamente se saturando de sentido e de matiz emocional e ético. A ênfase nas falas e sermões do protagonista, que são o ponto crucial tanto nos blocos discursivos, naturalmente, quanto nos blocos narrativos também, torna o texto mais tenso, e com isso, contribui para a adesão do leitor ao texto.

Tendo em mente essas hipóteses, temos como objetivo da tese analisar alguns dos encontros de Jesus em sua caminhada pela Galileia para identificar o gênero, investigar as estratégias discursivas escolhidas pelo narrador/protagonista para entrar em contato com seu interlocutor, examinar os efeitos de sentido que elas produzem e que imagem de homem o discurso constrói.

A escolha do corpus privilegia diálogos e trechos de sermões (que passaremos a chamar de discursos de Jesus) para a investigação sobre a construção das personagens e sua visão de mundo. Fiorin, em *Astúcias da enunciação* (2010, p.50), define discurso como “um ato de mirar o mundo”: as falas de Jesus são a expressão de sua mensagem que incita o leitor a refletir. Fiorin descreve esse processo que inclui o leitor da seguinte maneira: "O texto constrói um tipo de leitor chamado a participar de seus valores. Assim, ele intervém indiretamente como filtro e produtor do texto" (2010, p.64).

O texto usado é o da Bíblia Sagrada, segunda edição revista e atualizada com tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil. Acreditamos que o vasto número de exemplos sejam o suporte necessário para nossas análises e conclusões, porém, salientamos o limite de nossos resultados e a possibilidade de que análises de outras edições podem gerar outras conclusões.

Usaremos, também, o *Novo Testamento Interlinear*, também publicado pela SBB, que apresenta o texto original grego (*The Greek New Testament, 1994*) e a tradução literal em português. Para uma melhor compreensão do texto, é de grande ajuda entender as escolhas linguísticas por meio da palavra original em grego.

Para o desenvolvimento de nossas hipóteses, o referencial teórico incluirá biblistas e teóricos da análise literária.

O conceito de dialogismo e suas decorrências que percorrem toda a obra de Mikhail Bakhtin serão fundamentais para a análise da intertextualidade do evangelho de Mateus com o Antigo Testamento e o dialogismo existente entre os discursos de Jesus e as falas de seus interlocutores: seus discípulos, o povo que o segue, o poder religioso e político, Deus e o diabo. Nossa intenção é investigar como a narrativa também deixa abertas possíveis relações com os leitores de hoje, como o conceito bakhtiniano de grande tempo sugere. Entendemos que a noção da interação com o leitor de hoje implode do próprio texto com sua pluralidade de interlocutores.

Aplicar os conceitos do “grande tempo” e dos cronotopos de Bakhtin irá possibilitar a verificação da transcendência do tempo nas falas e discursos de Jesus. Estudaremos como os cronotopos da estrada, do encontro e do reino se enchem de sentido por meio das falas e ações das personagens. É importante lembrar aqui o significado de sentido para Bakhtin: “Chamo sentidos as respostas às perguntas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós” (2003, p. 381). Verificaremos que as falas e discursos de Jesus respondem a perguntas dos tempos passado, presente e futuro:

Por mais monológico que seja o enunciado [...] ele não pode deixar de ser em certa medida também uma resposta àquilo já foi dito sobre dado objeto, sobre dada questão, ainda que essa responsividade não tenha matizes mais sutis da composição (BAKHTIN, 2003, p. 298).

O estudo da enunciação proposto por Bakhtin também é importante para a tese em relação à presentificação da narrativa. Para o teórico russo: “a enunciação, de natureza constitutivamente social, histórica, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores produzindo e fazendo circular discursos” (BRAIT, 2005, p.68).

Fiorin, em *Astúcias da enunciação*, comenta sobre a importância da fala de uma personagem e como essa está indissociavelmente atrelada a um espaço e tempo: "Como a pessoa enuncia num dado espaço e num

determinado tempo, todo espaço e tempo organizam-se em torno do 'sujeito', tomado como ponto de referência. Assim, espaço e tempo estão na dependência do *eu*, que neles se enuncia" (2010, p. 42). Como já comentamos, a mensagem de Jesus sobre o reino relaciona-o com o passado, quando o reino já estava sendo anunciado; com o presente, por meio da vida de Jesus; e com o futuro, a eternidade.

Analisar as escolhas dos tempos verbais encontrados nas falas e discursos também é de vital importância do ponto de vista de sua significação retórica. O uso do discurso direto e, por consequência, o presente do indicativo, é um dos elementos chave para a diminuição da distância narrativa. Harald Weinrich em seu livro *Estructura y Función de los Tiempos en el Lenguaje* (1974) trata da relação dos tempos verbais com as situações comunicativas e divide-os em dois grupos, ou "sistemas temporais". Iremos estudar essas marcas do tempo, principalmente em sua relação com o discurso direto. Em resumo, o autor explica que a forma verbal presente, usada no discurso direto, tem a função de aproximar a narrativa do leitor (1974, p. 70) e esse será o ponto de nosso estudo.

Usaremos também a obra de Ingedore Koch, *Argumentação e linguagem*. A autora esclarece que a função básica da linguagem é argumentar e estuda, comenta e exemplifica os princípios de Weinrich. Cita o autor, por exemplo, quanto à função do presente do indicativo: "nada tem a ver com o Tempo: constitui, justamente, o tempo principal do mundo comentado, designando uma atitude comunicativa de engajamento, de compromisso" (1999, p.39).

Kermode também discute o fato de os discursos serem centrais para a narrativa e o uso do presente é um recurso retórico que tem a função de aproximação do leitor. Leonel, em sua tese *"E ele será chamado pelo nome de Emanuel": o narrador e Jesus Cristo no evangelho de Mateus*, de 2006, comenta essa posição de Kermode: "A consciência dessa ética de excesso restaura a força do impacto que os discursos exercem nos leitores, anulando, em contrapartida, o tom professoral proposto, e assumindo o de radicalização e

urgência" (2006, p. 354).

Robert Alter em seu livro, *A arte da narrativa bíblica*, fala sobre a importância dos diálogos, cenas-padrão e convenções (2007, p.78). O autor discorre sobre o significado da escolha do narrador ao passar a palavra às personagens e optar pela interação entre elas por meio dos diálogos. Alter acredita que sendo a narrativa bíblica econômica "boa parte do sentido (do texto) se concentra nos diálogos" (2007, p. 64). A importância dos diálogos é fundamental para o sentido das narrativas bíblicas. O autor reflete sobre "o papel extremamente subsidiário da narração em comparação com a fala das personagens" (2007, p.104).

Após a introdução, a tese será organizada em quatro capítulos que contemplarão os pontos de definição teórica dos conceitos de Bakhtin, base da tese; a origem do evangelho e o estudo da organização do evangelho em blocos discursivos e narrativos; análise do corpus selecionado.

No Capítulo 2, discutiremos os gêneros, compreendidos por Bakhtin não como formas puras, mas como fenômeno em constante renovação, na medida em que se prestam a manifestar as formas de o homem, de diferentes épocas atuar. Bakhtin insiste na renovação do gênero:

O gênero sempre conserva os elementos imorredouros da *archaica*. É verdade que nele essa *archaica* só se conserva graças à sua permanente *renovação*, vale dizer graças à atualização. O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova a cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. Nisto consiste a vida do gênero. [...] O gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo. [...] É precisamente por isso que tem a capacidade de assegurar a unidade e a continuidade desse desenvolvimento. (1997, p. 106)

Estudaremos quais características de uma narrativa de aventuras e de costumes e de outros gêneros podem ser identificadas em Mateus.

Discutiremos no Capítulo 3 as funções relevantes que o cronotopo de Bakhtin exerce na narrativa tanto no que diz respeito à sua estrutura quanto à configuração da imagem do sujeito na narrativa. Estudaremos como os cronotopos da estrada, do encontro e do reino se formam, se enchem de



significado e matiz emocional e ético e como são construídos pelas personagens e, ao mesmo tempo, as constroem.

O quarto capítulo será dedicado ao estudo da estrutura do evangelho de Mateus. O gênero da narrativa de aventuras e de costumes garante ao protagonista um grande espaço para seu discurso: Jesus se coloca como o condutor e formador dos cronotopos da estrada, do encontro e do reino. O entrelaçamento dos discursos do protagonista com as narrativas propicia a exposição das ideias sobre o reino reveladas por meio de ações e palavras de Jesus.

Veremos, nesse capítulo, as estratégias narrativas que contribuem para a construção da narrativa de aventuras e de costumes e das personagens. Estudaremos a intertextualidade do evangelho de Mateus com o Antigo Testamento desenvolvida por meio dos três processos possíveis de incorporação de um texto em outro: a citação, a alusão e a estilização.

Também muito estudada e consenso entre os biblistas, está a relação literária entre os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. A intertextualidade pode ser explicada devido a muitas semelhanças com relatos dos mesmos acontecimentos. Existem, porém, várias divergências entre os evangelhos em relação à extensão da narrativa e a inclusão de material próprio.

O papel do narrador onisciente, porém reservado, coopera em grande extensão com a atemporalidade do texto, visto que sua posição exige a participação do leitor. Veremos quais estratégias o narrador utiliza para convencimento e persuasão do ouvinte/leitor; observaremos os momentos em que o uso de lacunas ocorre; e qual a relevância da estrutura do evangelho para a construção de sentido do texto.

Dedicaremos o Capítulo 5 à análise de três trechos do evangelho de Mateus, focando nas falas e discursos de Jesus e na formação de sua identidade por meio dos cronotopos da estrada, do encontro e do reino. Pretendemos, com as análises, identificar e salientar as estratégias narrativas que possibilitam a atemporalidade do texto de Mateus. Examinaremos três encontros de Jesus onde os cronotopos da estrada, do encontro e do reino estão interligados: por toda a narrativa, Jesus, ao percorrer seu caminho, se

encontra com pessoas dos mais diversos segmentos sociais para a condução daqueles que o ouvem (inclusive o leitor) para o reino de Deus. Entendemos que esta condução implica em uma retórica do convencimento, da persuasão e nossa intenção é observar quais estratégias são usadas pelo narrador.

Resolvemos privilegiar um trecho que faz parte do célebre Sermão do Monte, o primeiro discurso de Jesus, destinado a seus discípulos e pessoas da multidão que querem aprender mais sobre o reino dos céus. Em Mt 5.17-20, Jesus trata de um assunto polêmico e esclarece que não veio para revogar a Lei de Moisés e os Profetas.

O segundo trecho que analisaremos será Mt 8.5-13 que trata do exemplo de fé de um gentio, um centurião romano. O trecho apresenta a narrativa do encontro de Jesus com um centurião não judeu que pede a cura de um servo seu. Estudaremos o diálogo que se trava observando a construção de sentido em relação à identidade das personagens e o que o texto traz que colabora com a possibilidade de vivificação do texto.

Nossa terceira análise será do trecho de Mt 13.1-9 que trata da Parábola do Semeador. O capítulo 13 apresenta um conjunto de parábolas que entendemos que sejam explicações para a rejeição que Jesus sofre por parte dos escribas e fariseus, o poder religioso. Estudaremos a razão para o uso do gênero das parábolas, o porquê de o narrador ceder a palavra ao protagonista que conta essas histórias e a relação com a longevidade do texto bíblico.

Nossa intenção com a escolha desses três trechos do evangelho de Mateus é privilegiar as palavras de Jesus em três encontros e tipos de comunicação diferentes: uma parte de um de seus discursos, um diálogo com um interlocutor e em um ensino por meio de uma parábola. Olharemos detalhadamente para a relação entre os cronotopos e a construção das personagens e os processos de releituras, de recriação de sentidos que são viabilizados.



## 2 A QUESTÃO DO GÊNERO DO EVANGELHO DE MATEUS

Usaremos as teorias de Bakhtin para ampararmos nossas reflexões quanto ao gênero do evangelho de Mateus. O autor russo, em *Estética da criação verbal*, parte da premissa de que todas as atividades humanas em todos os campos estão relacionadas com a utilização da língua: nós nos comunicamos por meio de enunciados (orais e escritos) variados, únicos e criativos (2003, p. 279). Esses enunciados são elaborados dentro de tipos relativamente estáveis: os gêneros do discurso (2003, p. 262).

Ao aprendermos nossa língua, também incorporamos diferentes gêneros que utilizamos de acordo com a situação da comunicação, nosso interlocutor, nosso objetivo, etc (2003, p.281). O enunciado, oral ou escrito, reflete por meio de seu tema, seu estilo e sua construção composicional, as condições e as finalidades das esferas das atividades humanas (2003, p. 279). A questão do estilo é essencialmente relacionada ao gênero, já que esse é responsável por integrar o enunciado a um determinado gênero. Bakhtin assim explica: “Onde há estilo, há gênero” (2003, p. 268).

Fazemos um parêntese aqui para refletirmos sobre como a questão do gênero do evangelho de Mateus tem sido tratada. O evangelho de Mateus tem sido estudado costumeiramente como um gênero próprio do cristianismo, uma biografia greco-romana ou um texto que apresenta uma multiplicidade de gêneros reunidos.

Originalmente, no início do século XX, o evangelho de Mateus foi classificado como um gênero criado pelos cristãos. Martin Dibelius<sup>4</sup>, um dos fundadores da Crítica das Formas, defendia que os Evangelhos eram uma forma criada pelo cristianismo e que suas narrativas não deveriam ser realmente consideradas obras literárias (DIBELIUS, 1935; apud: MCDOWELL, 2001, p. 278). O evangelho era visto como *sui generis*, único, e não

---

<sup>4</sup> (1883-1947) Pastor, professor de exegese e crítica do Novo Testamento, contribuiu com uma coleção substancial de artigos sobre os evangelhos, o livro de Atos, e as epístolas de Paulo e Tiago. (2007, p. 367)

comparável a qualquer outro gênero literário. O método sociológico e antropológico de Dibelius procurava investigar as formas e gêneros originais dos evangelhos, isto é, o período anterior ao seu registro, concentrando-se na etapa das tradições orais. Em seu livro *From tradition to Gospel* (1971), Dibelius classifica os evangelhos como uma literatura menor devido ao fato de não apresentarem características da literatura do Antigo Oriente Próximo. Considerava também seus autores como simples compiladores, transmissores ou redatores: “Os evangelistas aproveitaram-se de um material que já possuía forma própria. Eles juntaram alguns parágrafos, os quais, antes mesmo disso, já tinham um certo caráter de inteireza independente” (DIBELIUS, 1935, apud MCDOWELL, 2001, p 305). Dibelius acreditava que “os evangelhos ou suas fontes surgiram dentro da tradição da igreja. Devemos nos perguntar sobre o motivo que causou a disseminação dessa memória [...] e às normas que governaram essa” (DIBELIUS, 1935, apud MCDOWELL, 2001, p 306).

Josh MCDOWELL, em seu livro *Evidência Que Exige um Veredito. Evidência Histórica da Fé Cristã*, afirma que os estudiosos que utilizavam a Crítica das Formas acreditavam que os evangelistas não se interessavam pela reconstrução da biografia de Jesus e que as circunstâncias da igreja primitiva fizeram com que seus escritores adaptassem a mensagem e, por isso, os evangelhos não apresentavam valor histórico. Essa metodologia supõe que as mensagens de Jesus tenham sido reformuladas para servir à época atribulada que o judaísmo de linha farisaica estava passando. As mensagens desses textos eram construídas em pequenas perícopes, sem uma construção cronológica, o que impossibilitava a visão dos evangelhos como biografias (2001, p. 265-303).

A Crítica das Formas tentava contextualizar o evangelho e, com isso, apreender o sentido do texto, porém suas conclusões eram hipotéticas, visto que a tarefa de investigar as etapas da tradição oral não pode ser realizada assertivamente. Porém, a obra de Dibelius inegavelmente possui o mérito de incitar a discussão sobre métodos de análise dos evangelhos. O método da Crítica das Formas também foi utilizado por grandes nomes da exegese como

H. Gunkel<sup>5</sup> e R. Bultmann<sup>6</sup>. Bultmann aperfeiçoou a metodologia dos estudos sobre a forma: estabeleceu que primeiramente a análise dos estágios da tradição oral deveria ser feita e posteriormente, a busca do discernimento entre o que pertence à tradição e o que pertence à edição dos evangelistas (BULTMANN, 1926, apud MCDOWELL, 2001, p. 305). Era necessário, então, o estudo de toda a história do cristianismo primitivo. Acreditamos que a profundidade do contexto sociológico e antropológico dos textos do evangelho de Mateus, em especial, desperta a atenção, porém, o próprio texto apresenta essa tensão. O contexto crítico de insegurança do século I com o império romano instalado, a divisão entre judeus-cristãos e judeus da linha farisaica e a liderança judaica dividida são direta ou indiretamente revelados ao longo da narrativa do evangelho de Mateus mostrando a tensão sociológica, política e religiosa em que a comunidade mateana está inserida.

Muitos biblistas como Graham Stanton (1999) e Charles Talbert (1988) veem os gêneros como “padrões de características textuais” ou “convenções de leitura” (MITCHELL, 2007, p. 31, tradução nossa). Esses teóricos consideram o evangelho de Mateus uma biografia greco-romana. Graham Stanton, em *A gospel for a new people: studies in Matthew*<sup>7</sup>, comenta sobre como os evangelhos nos anos 1950 e 1960 eram considerados um gênero próprio e seus autores como “evangelistas teólogos” e defende que o evangelho deve ser situado no contexto literário do século I, ou seja, como biografia greco-romana (1992, p. 61). O autor acredita que “os autores geralmente adaptam ou ampliam os gêneros existentes que são familiares aos seus leitores” (1993, p. 61). Porém, o autor também considera importante o contexto do evangelho. Sua preocupação se concentra no público destinatário

---

<sup>5</sup> (1862-1932) Professor de Dibelius e Bultmann, relacionou muitos textos bíblicos com o folclore, analisou os salmos como representações de formas de fé e escreveu sobre as estruturas da vida mostradas nos textos bíblicos. Sua maior contribuição foi ter enxergado conexões entre as situações da vida, o conteúdo e a forma verbal dos textos bíblicos. (Dictionary of major biblical interpreters, 2007, p. 499)

<sup>6</sup> (1884-1976). Eminent teólogo e um dos maiores estudiosos do Novo Testamento do século XX. Muito criticado por sua visão de uma íntima relação entre teologia e antropologia. Adepto de um método de interpretação existencial dos textos bíblicos. (2007, p. 266)

<sup>7</sup> “Um evangelho para um novo povo: estudos sobre Mateus” (tradução nossa).

do evangelho de Mateus e suas realidades políticas, culturais e religiosas. Considera, portanto, essencial a busca de um equilíbrio entre as metodologias.

De fato, várias características da biografia greco-romana podem ser encontradas no evangelho: a seletividade, a origem nobre do herói, sua autoridade, a ausência de descrição da personalidade e motivações da personagem (TALBERT, 1988, p. 56-57). Consideramos, porém, que o evangelho vá além da biografia greco-romana do contexto helenista. Definir e encaixar o evangelho de Mateus em uma biografia greco-romana diminui as possibilidades de interpretação do texto e compromete sua atemporalidade.

Bakhtin argumenta que quando desejamos interpretar e explicar uma obra apenas a partir das condições da época em que foi escrita, não conseguimos atingir as profundezas de seu sentido (2003, p. 362). O autor entende que o fechamento da obra em sua época impede que esta obra atinja seu potencial em relação a todos os seus sentidos. A cada época, descobrimos novos sentidos para uma obra: “No processo de sua vida *post mortem* elas (as grandes obras) se enriquecem com novos significados, novos sentidos; é como se elas superassem o que foram na época de sua criação” (2003, p. 363).

Em meados do século XX, os estudos literários da Bíblia de Erich Auerbach, apresentados em seu livro *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (1947), especialmente seus dois primeiros capítulos, foram um marco para a visão da Bíblia como literatura. Auerbach foi o responsável por uma mudança de paradigma na literatura judaico-cristã. Ao comparar narrativas do Antigo Testamento com as de Homero, o autor ressaltou na narrativa bíblica, o uso de temas do cotidiano, a densidade das personagens, o significado das lacunas e a participação compulsória do leitor para a interpretação dos textos. Começava, então, uma nova fase da análise literária da Bíblia, o que certamente trouxe uma grande contribuição aos estudos bíblicos.

Alter e Kermode, teóricos sobre o estudo da Bíblia como literatura, defendem a pluralidade de gêneros encontrados no Antigo Testamento:

A variedade genérica dessa antologia (Antigo Testamento) é de qualquer modo notável, englobando historiografia, narrativas ficcionais, e muita mistura de ambos, listas de leis, profecias tanto em verso como em prosa, obras aforísticas e de meditação, poemas de culto e devoção, hinos de lamentação e vitória, poemas de amor, tábuas genealógicas, contos etiológicos e muito mais. (ALTER, KERMODE, 1997, p.24)

Podemos observar que esta é uma característica dos textos bíblicos não apenas do Antigo Testamento, como também do Novo Testamento. No evangelho de Mateus, é nítida a presença de vários gêneros ou características desses gêneros sempre a serviço de diferentes mensagens e interlocutores, o que caracteriza, inclusive, a força literária do evangelho.

Em *The gospel of Matthew in current study*<sup>8</sup>, David Aune (2001, p. 64) argumenta que o evangelho seja uma mistura de gêneros, apresentando estrutura e características biográficas, sem, no entanto, se qualificar como biografia greco-romana. O autor defende que o evangelho tenha sido escrito em resposta à situação dos cristãos da época divididos entre o judaísmo do tipo farisaico e os novos ensinamentos do cristianismo primitivo. Outro importante comentário refere-se ao foco do evangelho como cristocêntrico, e não teocêntrico como a literatura rabínica (2001, p. 8).

Na obra de Boer (2007), *Bakhtin and the genre theory in biblical studies*<sup>9</sup>, Carol A. Newsom, no capítulo *Spying Out the Land: A Report from Genology*<sup>10</sup> (BOER, 2007, p. 20), comenta sobre como os teóricos que estudam gêneros têm se sentido cada vez mais insatisfeitos com uma teoria que os define por meio de uma lista de características. As objeções são de várias naturezas. Abordagens por meio de definições e classificações agora não são vistas como representantes das funções de gênero na comunicação humana.

---

<sup>8</sup> Estudo atual sobre o evangelho de Mateus (tradução nossa)

<sup>9</sup> Bakhtin e a teoria de gênero nos estudos bíblicos ( tradução nossa).

<sup>10</sup> Observando a terra: um relato sobre o estudo de gêneros (tradução nossa).



Nesta mesma obra, Fuller, no capítulo *Matthew's Genealogy as Eschatological Satire: Bakhtin Meets Form Criticism*<sup>11</sup>, argumenta que a compreensão criativa proposta por Bakhtin se revela muito eficaz quando tratamos de estudos bíblicos e esclarece: “As ideias de Bakhtin não excluem outros métodos de crítica bíblica. Pelo contrário, elas recontextualizam esses métodos como apropriados dentro da esfera de troca dialógica” (BOER, 2007, p. 131, tradução nossa).

Vemos, então, que há muito tempo, várias metodologias e suas revisões e adaptações têm muitas vezes dividido os estudiosos. Bakhtin considera os diferentes enfoques justificáveis e possíveis de uma coexistência. O autor afirma que: “cabe salientar que a literatura é um fenômeno complexo e polifacético demais, e os estudos literários ainda são excessivamente jovens para que se possa falar de um “método salvador único” nos estudos literários” (2003, p.362).

Para Bakhtin, gênero não é simplesmente uma forma literária, mas um modelo de cognição. Bakhtin é categórico ao afirmar que a literatura é parte inseparável da cultura e “não pode ser entendida fora do contexto pleno da toda a cultura de uma época” (2006, p. 360). A cultura está sempre inserida na obra e o autor critica o costume de ligar uma obra imediatamente a fatores socioeconômicos. Ressalta que o próprio gênero adquire uma existência cultural e surge a partir de situações espaço-temporais específicas. Uma obra, como sistema de cultura, sofre influências socioeconômicas e revela o contexto em que foi criada sem estar presa ao presente de sua escrita: revela seu passado e projeta-se para o futuro. O gênero passa a ser a expressão de um grande tempo das culturas e das civilizações: “As obras dissolvem as fronteiras da sua época, vivem nos séculos, isto é, no grande tempo, e além disso levam frequentemente uma vida mais intensiva e plena que em sua atualidade...Tudo o que pertence apenas ao presente morre juntamente com ele” (2003, p.362-363).

---

<sup>11</sup> A genealogia de Mateus como uma sátira escatológica: Bakhtin confronta a crítica da forma (tradução nossa).

Usar os conceitos de Bakhtin dá-nos, inclusive, a liberdade de reconhecer várias características de gêneros utilizadas pelo narrador no evangelho de Mateus. Nossa intenção é analisar trechos do evangelho para vermos quais características de gêneros são utilizados para a construção do protagonista da narrativa. Bakhtin argumenta que o gênero é um efeito e está intrinsecamente ligado à visão de mundo. Com cada gênero, apresenta-se um campo que determina os parâmetros de eventos e possibilidades de ação e, por consequência, as personagens que habitarão esse mundo.

O evangelho é elaborado principalmente por meio de diálogos, os blocos discursivos, que serão explicados e exemplificados mais adiante. O narrador do evangelho de Mateus concede a voz a uma personagem que fala diretamente ao leitor. Essa característica da estrutura do evangelho, a extensa presença de diálogos, faz sobressair uma das principais características da comunicação discursiva: a compreensão responsiva.

O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc (BAKHTIN, 2003, p.271).

De maneiras diferentes, um enunciado oral ou escrito exige algum tipo de resposta, de reação da parte do ouvinte ou leitor. Nas palavras de Bakhtin, a compreensão de um enunciado vivo é de natureza responsiva: “o ouvinte se torna falante” (2003, p. 271). Ressaltamos que Bakhtin não distingue os enunciados orais e escritos, mas considera ambos como vivos e de natureza responsiva: “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. Tudo o que dissemos aqui refere-se igualmente, *mutatis mutandis*, ao discurso escrito e lido” (2003, p. 272).

Essa resposta nem sempre é imediata e supomos que levar o ouvinte ou leitor a refletir sobre o assunto seja uma resposta. E esse é o ponto nevrálgico

da tese: a possibilidade que o evangelho de Mateus oferece a contínuas releituras.

Para a ativa compreensão responsiva de uma obra, como Bakhtin nomeia, esta apresenta uma disposição para a resposta do outro também que pode se apresentar em diferentes formas como “influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores” (2003, p. 279). Como a resposta em um diálogo, a obra também é um “elo na cadeia da comunicação discursiva e está vinculada a outras obras -enunciados: com aquelas às quais responde, e com aquelas que lhe respondem” (2003, p. 279).

O falante ou escrevente, como Bakhtin o descreve, devido à sua “vontade de discurso” (2003, p. 282) escolhe o gênero que mais beneficiará seu enunciado em relação à melhor exposição de sua ideia, a maneira como esse enunciado atingirá o interlocutor, à situação concreta da comunicação discursiva, ou seja, de acordo com as tarefas do sujeito do discurso. Entendemos que esta seja a razão da diversidade de gêneros encontrados no evangelho de Mateus. O protagonista é itinerante, está numa viagem missionária e no percurso encontra interlocutores dos mais diversos tipos, em variadas circunstâncias e estabelece com eles diálogos com propósitos diferentes, o que exige vários gêneros para garantir essa comunicação discursiva. Entendemos que o grande gênero, então, do evangelho seja o que Bakhtin chama de narrativa de aventuras e de costumes. Jesus é um mestre itinerante que espalha a mensagem do reino dentro de deslocamentos e encontros que resultam em transformações, e é justamente este processo que garante um caráter de atemporalidade: o discurso faculta que vários leitores façam sua adesão à narrativa. Dentro dessa narrativa de aventura, diversos outros gêneros surgem à medida que situações, temas e circunstâncias mudam (2003, p.293).

Em sua obra *Questões de literatura e de estética* (1993), Bakhtin registra que na Antiguidade foram criados três tipos fundamentais de romance: o

romance de aventuras e de provações, o romance de aventuras e de costumes e o romance biográfico.

É importante para esta tese quando Bakhtin assinala que “esses três tipos de romance revelaram-se extraordinariamente produtivos e flexíveis” (1993, p. 213) e, posteriormente anota suas sucessivas variações. Mais uma vez, o autor deixa claro que as classificações não são estáveis, o que nos assegura podermos pensar no evangelho de Mateus usando suas teorias e classificá-lo como uma *narrativa* de aventuras e de costumes.

Outro comentário que nos interessa particularmente é que, apesar de algumas características desses três tipos de narrativa poderem variar e estar presente em mais de um tipo, o diferencial relevante para os estudos desse autor refere-se ao “problema do tempo e exclusivamente o que possui relação direta e objetiva com ele” (1993, p. 213). Na narrativa de aventuras e de costumes, o dado fundamental está no fato de o tempo marcar profundamente a vida do homem e ser “um tempo de acontecimentos excepcionais e fora do comum, determinados pela concomitância fortuita e a não concomitância fortuita (1993, p. 238).

Bakhtin ressalta, porém, que a lógica desses acasos está subordinada a uma lógica diferente e superior (1993, p. 239). O principal exemplo de um romance de aventuras e de costumes, para Bakhtin, é *O asno de ouro* de Apuleio. Nesta obra, a feiticeira Photis dá a Lúcio, *por acaso*, a caixinha errada que o transforma em um asno. No evangelho de Mateus, a lógica do acaso está subordinada a Deus e seus desígnios. Os encontros de Jesus com diversas pessoas podem parecer casuais, mas se encaixam no objetivo dessa aventura missionária que é de transformar as pessoas através da mensagem do reino.

A narrativa de aventuras e de costumes tem como uma de suas principais características, a metamorfose, a transformação de um homem em

outro. É dessa maneira que o tempo deixa “uma marca profunda e indelével no homem e em toda a sua vida” (1993, p. 238).

Os encontros de Jesus com homens e mulheres de todas as esferas da sociedade são pontos cruciais, transformadores e determinantes nas vidas destas pessoas. Mais adiante, estudaremos vários destes encontros para vermos como essa transformação se dá e o processo de culpa-castigo-redenção-beatidade, característico da narrativa de aventuras e de costumes.

Vejamos apenas dois exemplos no evangelho de Mateus de encontros entre Jesus e um homem e uma mulher e as transformações que esses encontros ocasionaram. Em Mt 8.14-15, o narrador conta rápida e sucintamente a transformação igualmente instantânea da sogra de Pedro, um dos discípulos de Jesus: “E Jesus, entrando em casa de Pedro, viu a sogra deste acamada, e com febre. E tocou-lhe na mão, e a febre a deixou; e levantou-se e serviu-os”. A decisão da mulher de levantar-se e já servir a Jesus e seus discípulos aponta uma mudança de posicionamento de vida: seu encontro com Jesus foi marcante e decisivo. Igualmente veloz, é a mudança de vida de Mateus, outro dos discípulos de Jesus. Mateus é um cobrador de impostos, serviço que o liga ao poder político da Galileia. Essa classe social era muito criticada e mal vista pela sociedade da época e Mateus, ao ser chamado por Jesus para juntar-se a ele nesta aventura missionária, imediatamente aceita e, mais uma vez, nenhuma explicação é dada pelo narrador: “Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu” (Mt 9.9). O leitor ao ver seguidas histórias de encontros com Jesus resultando em transformações começa a associar a mensagem do reino com transformações de vidas.

Na narrativa de aventuras e de costumes, existe, então, uma assimilação efetiva do tempo no homem, mas não no mundo. Cada pessoa é

responsável por tomar a decisão de ser transformada enquanto o mundo permanece imutável.

Outra característica da narrativa de aventuras e de costumes salientada por Bakhtin refere-se ao papel dos sonhos e visões: “eles dão aos heróis as indicações de como fazer, como proceder para modificar seu destino, isto é, forçam-nos a ações determinadas, à atividade” (1993, p. 239). Podemos observar as personagens sendo conduzidas por sonhos e visões em momentos cruciais do enredo do evangelho de Mateus. No início da narrativa, José pensa em deixar Maria ao saber que ela estava grávida “sem que tivessem antes coabitado” (Mt 1.18). Em sonho, um anjo lhe diz: “José, filho de Davi não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo” (Mt 1.20). Este anjo aparece como um guia para José que age de acordo com as instruções do sonho: “Despertado José do sono, fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher” (Mt 1.24). Após o nascimento de Jesus, José é mais uma vez instruído para escapar da fúria de Herodes que pretende matar o bebê: “Eis que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho e disse: “Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e permanece lá até que eu te avise” (Mt 2.13). Como da primeira vez, José obedece e faz exatamente como o anjo lhe ordena: “Dispondo-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito”. Após a morte de Herodes, um anjo aparece em sonho a José e lhe avisa: “Dispõe-te, toma o menino e sua mãe vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino” (Mt 2.19). Como podemos ver, uma narrativa de aventuras e de costumes pode aparentar ser totalmente dirigida pelos acasos, mas estes estão subordinados a uma lógica superior.

Bakhtin comenta sobre o “emprego criativo das possibilidades de gênero” (2003, p. 121) ao se referir à convivência de várias particularidades de gêneros diferentes em uma mesma obra. O evangelho de Mateus pertence ao grande gênero da narrativa de aventura, porém, apresenta também características de uma menipeia. Este gênero, cuja denominação vem do filósofo Menipo de Gárdara do século II a.C. (1997a, p. 112), originou diversos outros gêneros que

transmitem uma comovisão satírica na literatura. A minipeia também é determinada pelo “seu caráter dialógico interno e externo no enfoque da vida e dos pensamentos humanos” (2002, p. 120). Outra característica da menipeia que se incorpora na narrativa de aventuras é o caráter jornalístico que “enfoca em tom mordaz a atualidade ideológica” (2002, p. 118).

Podemos observar, nos exemplos a seguir, o tom sarcástico e crítico à ideologia do poder religioso do século I. No capítulo 23 do evangelho de Mateus, Jesus critica severamente os escribas e fariseus por apenas cumprirem ritos tradicionais, sem de fato zelarem pelas suas atitudes e pensamentos. No versículo 23, Jesus os censura por darem um dízimo irrisório, o dos condimentos, e não se importarem com “os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé”. E conclui sarcasticamente: “Guias cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo!”.

Em outro trecho, Mt 26, escribas e anciãos julgam e condenam Jesus e alguns, ao cuspirem em seu rosto e o esbofetearem dizem em tom sarcástico: “Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu!” (v. 68).

O caráter jornalístico da menipeia que revela os campos da vida social e ideológica, mostrando os “tipos sociais em surgimento em todas as camadas sociais da sociedade” (2002, p. 119) também está presente na narrativa de aventuras do evangelho de Mateus. Este evangelho é um discurso de oposição e retrata a sociedade dominada pela elite religiosa, representada pelos escribas, fariseus e as sinagogas e o poder político, representado por Herodes e Roma. Jesus, seus discípulos e sua comunidade representam a oposição a essa visão social que discrimina os estrangeiros, os pobres, os pagãos, os marginalizados em geral. Logo no início do evangelho, o narrador revela como o rei Herodes usa mentira e malícia para tentar enganar os magos e descobrir onde estava o “recém-nascido, Rei dos judeus?” (Mt 2.2): “Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo” (Mt 2.8). Os magos não retornam e quando Herodes percebe que não conseguiu os enganar, resolve usar de uma

violência brutal, abusando totalmente de seu poder: “[...] mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos” (Mt 2.16).

Em outra passagem, vemos como esse grupo contrário aos abusos do poder político e religioso da época, a comunidade de Jesus, aumentava quando não só os que eram curados, mas os que ouviam sobre seus milagres e sua fama, vinham de diversas partes para o seguirem: “E da Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e além do Jordão numerosas multidões o seguiam” (Mt 4.25).

Bakhtin comenta que a menipeia apresenta indícios tão heterogêneos (os que apresentamos são apenas os que mais claramente aparecem no evangelho de Mateus) porque se formou em uma época de “desintegração da tradição popular nacional, e numa época de luta intensa entre inúmeras escolas e tendências religiosas e filosóficas heterogêneas” (2002, p. 119). Acrescenta ainda: “Era a época de preparação e formação de uma nova religião universal: o cristianismo” (2002, p. 119). Bakhtin apresenta, novamente, como exemplo deste gênero, Apuleio com seu caráter jornalístico e sua atualidade mordaz. Salientamos que o autor também classifica Apuleio como um exemplo de romance de aventuras e de costumes, enfatizando que “elementos essenciais desse tipo (romance de aventura) tenham sido representados por outros gêneros, principalmente as sátiras menipeias” (1993, p. 234). Como já comentamos, o autor reconhece a coexistência de vários gêneros ou características de gênero que se completam em uma mesma obra e diz “a menipeia tinha a capacidade de inserir-se nos grandes gêneros, submetendo-os a uma certa transformação [...] É também de grande importância a penetração transformadora da menipeia nos gêneros narrativos da literatura cristã antiga” (2002, p. 121).

Ao introduzir suas teorias sobre os tipos fundamentais de unidade de romance, Bakhtin afirma que “Não almejamos a totalidade nem a precisão de



nossas formulações teóricas e definições” (1993, p. 212). Reforçamos que o próprio Bakhtin nos concede a liberdade para adaptações quando suas teorias são aplicadas e, por esta razão, chamamos o evangelho de Mateus de uma narrativa de aventuras e de costumes.

Bakhtin afirma que “a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois, a variedade virtual da atividade humana é inesgotável” (2003, p. 279). Iremos observar as características do repertório de gêneros empregadas, tendo em vista as diferentes formas e construções dos enunciados dentro dessa narrativa de aventura. Importante também salientar que as passagens de estilo de um gênero para outro modificam o som do estilo; “o tom é dado por determinados gêneros do discurso” (2003, p. 268).

O autor discute que, devido à grande heterogeneidade dos gêneros discursivos, existe uma impossibilidade de haver um plano único para seu estudo: desde a Antiguidade, estuda-se apenas um corte de sua especificidade literária distinguindo suas diferenças (2003, p. 262). Por esta razão, o autor salienta a importância de se distinguir os gêneros entre primários (simples) e secundários (complexos). Devemos ressaltar que estas distinções não se referem à uma diferença funcional: “os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, etc) surgem nas condições de um convívio cultural muito desenvolvido e organizado” (2003, p. 263).

Para o autor, a concentração do estudo deve estar na natureza do enunciado em geral e nas particularidades dos diversos tipos de enunciados, isto é, nos diversos gêneros. A concepção de Bakhtin sobre gênero nos dá a liberdade de não precisarmos buscar um único gênero para compreendermos o evangelho de Mateus: dentro da narrativa de aventuras e de costumes, o narrador faz uso de outros vários outros gêneros que possam agregar à produção de sentido: “ a escolha do gênero é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal de seus participantes, etc (2003, p.281).

Ressaltamos agora alguns estilos distintos claramente visíveis nas falas do protagonista do evangelho de Mateus. A narrativa de aventuras e de costumes permite um destaque maior ao discurso do viajante: a interação entre Jesus e seus interlocutores durante seu percurso também aproxima o leitor da cena. Ao longo da narrativa, por exemplo, Jesus fala por meio de sermões e parábolas pertencentes ao gênero sapiencial com seus discípulos e com as multidões. O importante da questão é analisar o porquê da escolha: as formas sapienciais evocam a reflexão e é isso que o narrador busca ao colocar Jesus usando esse gênero. O narrador deseja incentivar esses interlocutores de Jesus e, por que não, seus posteriores leitores, a refletir sobre esses pontos levantados pelo protagonista: “Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo [...]” (Mat 5.1-2). Começa neste trecho o célebre ‘Sermão do Monte’ em que Jesus ensina sobre a ética do reino de Deus; é um momento crucial nesta aventura missionária do protagonista que se coloca como mestre que ensina e fala sem ser interrompido. O narrador finaliza o extenso trecho com duas afirmações importantes sobre dois grupos antagonistas com os quais o protagonista vai interagir durante toda a narrativa: “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mt 7.28-29). Além dos ensinamentos sobre o reino, o leitor recebe a informação de que a multidão recebe esse ensino acreditando ser esta uma ética real já que se ‘maravilha’ e que o protagonista vive o que ensina diferentemente dos escribas por isso tem ‘autoridade’. Enfatizamos que o uso do gênero sapiencial neste trecho indica a ideia de uma atemporalidade do texto visto que incita o leitor de qualquer época à reflexão.

### 3 OS CRONOTOPOS DA ESTRADA, DO ENCONTRO E DO REINO

Vimos que, para Bakhtin, gênero é um campo que abriga visões de mundo e assemelha-se a uma janela por meio da qual é possível olhar o mundo. A vontade discursiva, como discorre o autor, realiza-se na escolha de determinado gênero do discurso (2003, p. 282). O evangelho de Mateus relata o nascimento de Jesus, seu ministério, morte e ressurreição. Todos estes acontecimentos relacionam-se intimamente com a missão de Jesus: inaugurar e anunciar o reino de Deus. É no gênero de uma narrativa de aventuras e de costumes que a personagem dispõe de um grande campo de ação e uma ampla possibilidade de encontrar pessoas de diversas classes sociais, nacionalidades, idades, circunstâncias de vida e, principalmente, interesses em relação a Jesus.

É essencial compreendermos também que cada gênero narrativo expressa um modo particular de entender o tempo e que este se inscreve no espaço e o processo é revelado no indivíduo histórico real (1993, p. 211). Como sabemos, todos os elementos do texto, ou objetos representados, têm e devem ter uma relação essencial com a personagem (2003, p. 89). Bakhtin comenta que “os visíveis indícios complexos do tempo histórico, na verdadeira acepção do sentido, são vestígios visíveis da criação do homem, vestígios de suas mãos e da sua inteligência: cidades, ruas, casas, obras de arte, técnicas, organizações sociais, etc” (2003, p. 225). O tempo que se inscreve no espaço pode ser identificado pela ação do homem neste espaço no mundo real e no mundo criado. Este é um dos principais conceitos de Bakhtin e será essencial para esta tese: o cronotopo. O autor toma emprestado das ciências matemáticas o termo cronotopo que, de acordo com a teoria da relatividade de Albert Einstein, estabelece que o tempo não pode ser dissociado do espaço:

Em todos os seus momentos essenciais esse tempo está localizado em um espaço concreto, marcado nele. [...] não há acontecimentos, enredos, motivos temporais que sejam indiferentes a um determinado lugar no espaço da realização, que possam realizar-se em toda parte e em lugar algum (os “eternos” enredos e motivos). Tudo nesse mundo é tempo-espaço, cronotopo autêntico (BAKHTIN, 2003, p. 245).

Teoricamente, o tempo é social e o espaço é histórico, mas, para Bakhtin, tempo e espaço são duas manifestações de um mesmo fenômeno: o tempo ao se inscrever no espaço delimita o campo de possibilidades de cada gênero. Gênero e cronotopo são dependentes um do outro e funcionam em cumplicidade: cada gênero narrativo manifesta um modo específico de entender o tempo. No evangelho de Mateus, a missão itinerante do protagonista apresenta ao leitor espaços sócio-históricos sob a ação do tempo: influências do passado, significados do presente e expectativas para o futuro. Bakhtin explica que “a estrada atravessa o país natal, e não um mundo exótico e estranho: é revelado e mostrado o aspecto sócio-histórico múltiplo desse país natal” (1993, p. 351).

Bakhtin discorre sobre a indissolubilidade de tempo e espaço da seguinte maneira: “Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo” (1993, p.211). Os espaços não são estáticos, mas neles podemos ver as marcas do passado, as evidências do presente e as prospecções para o futuro, uma diversidade e simultaneidade de tempos.

Os cronotopos carregados de sentidos exercem funções relevantes na narrativa tanto no que diz respeito à sua estrutura, quanto à configuração da imagem do sujeito: traz concretude à narrativa criando os acontecimentos e moldando as personagens dentro da obra. A interligação do espaço com o tempo histórico e o tempo da vida humana privilegia tipos de acontecimentos e oferece abertura para determinadas personagens e suas ações. Percebemos que cada gênero se desenvolve em determinados cronotopos que possibilitam um tipo de narrativa.

Responsáveis pelo andamento da narrativa, ou seja, pelo percurso da protagonista e o modo como a personagem lê e atua no mundo, os cronotopos são, então, intrínsecos aos gêneros. Certos cronotopos “grandes e fundamentais”, como Bakhtin os denomina, englobam todos os aspectos da narrativa e são tipologicamente estáveis (1993, p. 349).

No evangelho de Mateus, ocorre uma interação complexa e específica de três cronotopos grandes, fundamentais e temáticos: o cronotopo da estrada, o cronotopo do encontro e o último grande e principal cronotopo, o do reino. Os cronotopos da estrada e do encontro, cunhados por Bakhtin, referem-se a “grandes cronotopos tipologicamente estáveis, que determinaram as variantes mais importantes do gênero romanesco nas primeiras etapas da sua evolução” (1993, p. 349). O autor comenta sobre como a estrada é o lugar preferido dos encontros casuais e acrescenta que na estrada cruzam-se num único ponto espacial e temporal os caminhos espaço-temporais das mais diferentes pessoas, representantes de todas as classes, situações, religiões, nacionalidades, idades (1993, p. 349). O evangelho de Mateus não somente é repleto destes encontros nas estradas, ou seja, nos percursos que Jesus faz, mas seu enredo depende deles porque são as oportunidades de Jesus mostrar seu poder e transmitir sua mensagem sobre o reino de Deus. Neste trabalho, compreendemos o evangelho de Mateus como uma série de encontros. Ao tratarmos do enredo do evangelho, listaremos estes encontros que preenchem toda a narrativa. Ressaltamos aqui exemplos de alguns encontros em que pessoas se aproximam de Jesus em busca de cura:

Ora, descendo ele do monte, grandes multidões o seguiram. E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me. (Mt 8.1-2)

Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião, implorando: Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente. (Mt 8.5-6).

Partindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos, clamando: Tem compaixão de nós, Filho de Davi! (Mt 9.27)

Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom. E eis que uma mulher cananeia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada. (Mt 15.21-22)

Jesus também tem vários encontros com representantes do poder religioso e político que buscam um confronto. Fariseus e escribas questionam o protagonista com o objetivo de apontar seu erro e constrangê-lo:

Então, vieram de Jerusalém a Jesus alguns fariseus e escribas e perguntaram: Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem. (Mt 15.1-2)

Ao regressar à sua casa, em Nazaré, Jesus expõe a mensagem do reino em sua sinagoga onde também é criticado:

E, chegando à sua terra, ensinava-os na sinagoga, de tal sorte que se maravilhavam e diziam: Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos? Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isto? E escandalizavam-se nele [...] (Mt 13.54-57)

Quando o enredo se aproxima do final, porém, Jesus entra em Jerusalém onde multidões o adoram:

E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas! E, entrando ele em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou, e perguntavam: Quem é este? E as multidões clamavam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia! (Mt 21.9-11)

Através destes encontros nesta estrada, o protagonista revela o sentido do reino de Deus e seu papel como rei, que não é o que a sociedade espera. É exatamente da relação dialógica entre cronotopos que Bakhtin trata, quando diz: “Os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas” (1993, p. 357).

Como já esclarecemos, o evangelho de Mateus pode ser chamado de uma narrativa de aventuras e de costumes. Jesus é uma personagem itinerante que percorre várias cidades, sobe e desce montanhas, vai e volta do mar, entra em diversas sinagogas e casas em sua viagem missionária. Neste caminho que percorre, a “grande estrada”<sup>12</sup>, trava diálogos com pessoas diferentes entre

---

<sup>12</sup> Bakhtin chama o cronotopo da estrada de “grande estrada”: um ponto espaço temporal onde “contrastos de toda espécie” podem ocorrer. O termo surge para representar a rica metaforização “Parece que o tempo se derrama no espaço e fui por ele (formando os caminhos); daí a tão rica

si de várias maneiras e a estrada também revela costumes e ideias, valores e ideologias da sociedade da época. O protagonista do evangelho de Mateus, ao percorrer esse caminho em sua aventura missionária itinerante, encontra personagens adeptas ou não à sua mensagem e, sendo assim, os encontros se transformam em “arenas de embates sociais”, como descreve Bakhtin (1988, p.1). Desta maneira, existe na narrativa a coexistência do cronotopo da estrada com o cronotopo do encontro que cooperam para a formação do cronotopo do reino. Jesus, como protagonista desta narrativa de aventuras e de costumes, é o grande condutor destes cronotopos. A partir da teoria de Bakhtin sobre cronotopos, podemos chamar o reino dos céus de cronotopo e considerá-lo o principal e mais complexo cronotopo do evangelho visto que todo o enredo gravita em torno deste reino e de seu rei. A complexidade se deve ao fato que o reino pertence à terra e ao céu e refere-se ao passado, ao presente e ao futuro. A missão itinerante do protagonista é justamente falar sobre o reino que foi prometido no Antigo Testamento, está sendo inaugurado no presente da narrativa, nesta aventura missionária e estará totalmente instalado no futuro, como podemos observar em várias passagens no decorrer de toda a narrativa do evangelho de Mateus.

Em Mt 12.17-19, Jesus pede que não espalhem a notícia das suas muitas curas e o narrador, ao explicar a razão deste pedido, traz a relação do reino com o Antigo Testamento:

[...] para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías:  
Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz.

Em outro trecho, Mt 5.3, Jesus, no Sermão da Montanha, diz que o reino se refere ao tempo presente e define quem pertence ao reino: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.”

---

metaforização do caminho-estrada: “o caminho da vida”, “ingressar numa nova estrada”, “o caminho histórico”. (1993, p. 350).

O reino também se refere -se ao futuro e Jesus trata disto em Mt 13.43: “Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça”.

Por fim, dois exemplos, em Mt 25.34 e 26.64, de como o reino trata da coexistência de presente, passado e futuro: “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” e “Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”.

Bakhtin comenta sobre como Goethe percebia o sincronismo, a coexistência dos tempos capazes de revelar a “plenitude do tempo” (2003, p. 243). Goethe se referia a Roma e a grandes monumentos, às vezes em ruínas, que apresentavam visivelmente a coexistência de diferentes épocas. Porém, podemos transpor esses conceitos para a narrativa de Mateus quando pensamos no reino de Deus que está preparado desde a fundação do mundo, pertence aos humildes de espírito que resplandecerão como o sol no futuro. O discurso sobre o reino de Deus expressa a teoria bakhtiniana do *grande tempo*, a coexistência visível de diferentes épocas. Veremos mais adiante que as falas de Jesus são formadas da mesma maneira, dentro do grande tempo: seu discurso retoma um discurso anterior, o ressignifica e projeta-o para o futuro. Suas falas são plásticas, como define Bakhtin, e perceptíveis ao olho; é por esta razão que podemos criar imagens e visualizar cenas: “Tudo que é essencial pode e deve ser visível” (2003, p. 227).

Os cronotopos da estrada, do encontro e do reino no evangelho de Mateus são responsáveis por revelar gradativamente a identidade do protagonista. Por outro lado, os discursos de Jesus, suas falas e seus ensinamentos sobre o reino, que são revelados nessa estrada e durante esses encontros, impregnam os cronotopos da estrada, do encontro e do reino de significados. Em Mt 4.23, o narrador descreve as atividades de Jesus ao atravessar essa estrada: “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo”. A não ser quando Jesus se retira para estar a sós



com Deus, ele está sempre cercado de pessoas em sua missão de revelação do reino através de suas palavras, seu silêncio ou suas ações.

À medida que a narrativa avança, mais significados são anexados a esses cronotopos pelas falas de Jesus e das outras personagens que aparecem e interagem com ele; o leitor presencia o processo de formação destes cronotopos enquanto mais e mais imagens são acrescentadas. Podemos perceber, então, que os cronotopos artísticos-literários, como Bakhtin chama os cronotopos do mundo criado, são formados pela união indissolúvel dos elementos espaciais e temporais tendo personagens e seus discursos que lhes acrescentam sentido.

Observamos como o cronotopo do encontro é repleto de valor emocional e ético: as interações de Jesus com toda uma série de personagens expõem sentimentos e emoções tão variados quanto a singularidade das personagens e despertam no leitor identificação ou estranhamento.

É interessante observar a maneira como o gênero privilegia certos cronotopos que conduzem a enredos específicos, os quais, por sua vez, exigem personagens inerentes a este mundo para o habitarem. O gênero do romance de aventuras, ou de narrativa de aventura, como chamamos o evangelho de Mateus, possibilita, antes de mais nada, uma oportunidade plena para um enredo formado por inúmeras mini narrativas independentes, embora complementares.

O cronotopo da estrada está totalmente relacionado ao gênero da aventura. A estrada, como metáfora da vida humana inclusive, oportuniza acontecimentos de vários tipos, primeiramente pela circunstância de a personagem estar em movimento e exposta ao acaso, a eventualidades, a toda espécie de episódios não planejados. Como já comentamos, o cronotopo da estrada está ligado tematicamente ao percurso da vida, o que Bakhtin descreve da seguinte maneira: “Este é o ponto do enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos. Parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando os caminhos)” (1993, p. 350). Bakhtin

comenta sobre a capacidade que o cronotopo possui de, pela sua própria constituição e essência, conduzir o enredo: “Eles [os cronotopos] são os centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance”. É no cronotopo que os nós do enredo são feitos e desfeitos. Pode-se dizer francamente que a eles pertence o significado gerador do enredo. (1993, p. 355). O sentido temático do cronotopo da estrada relaciona-se, então, com este favorecimento dos encontros e acontecimentos casuais.

O cronotopo também possui um significado figurativo ao fornecer um campo em que imagens podem ser formadas, como a clara associação do cronotopo da estrada com a própria vida humana cotidiana em que fatos inesperados ocorrem. Bakhtin ressalta que:

Todos os elementos abstratos do romance – as generalizações filosóficas e sociais, as ideias, as análises das causas e dos efeitos, etc. – gravitam ao redor do cronotopo, graças ao qual se enchem de carne e de sangue, se iniciam no caráter imagístico da arte literária (1993, p. 356).

Vejamos em um trecho do evangelho de Mateus como os sentidos temáticos e figurativos dos cronotopos se revelam. Mateus 9.18-26, por exemplo, por meio do encaixe de uma narrativa em outra, trata de dois encontros entrelaçados de Jesus com a história de duas mulheres representantes de vidas totalmente opostas.

Vejamos o texto:

**18** Enquanto estas coisas lhes dizia, eis que um chefe, aproximando-se, o adorou e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a mão sobre ela, e viverá.

**19** E Jesus, levantando-se, o seguia, e também os seus discípulos.

**20** E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste;

**21** porque dizia consigo mesma: Se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada.

**22** E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou. E, desde aquele instante, a mulher ficou sã.

**23** Tendo Jesus chegado à casa do chefe e vendo os tocadores de flauta e o povo em alvoroço, disse:

**24** Retirai-vos, porque não está morta a menina, mas dorme. E riam-se dele.

**25** Mas, afastado o povo, entrou Jesus, tomou a menina pela mão, e ela se levantou.

**26** E a fama deste acontecimento correu por toda aquela terra.

Este cruzamento de histórias, propiciado pelo cronotopo da estrada, faz com que o leitor visualize a cena e pense sobre algumas questões filosóficas e sociais. Consultando o texto em grego, temos a informação de que se trata de um chefe da sinagoga,  $\alpha\rho\chi\omega\upsilon$ , pertencente a uma elite social e religiosa, cuja grande parte se opõe aos ensinamentos messiânicos. Devido ao desespero pela morte da filha, toma a iniciativa e se aproxima de Jesus pedindo um milagre. A narrativa não é estática, é dinâmica e, à medida que a cena se desenrola, o leitor tem a oportunidade de refletir sobre as atitudes do chefe e de Jesus e o espaço-temporal em que tudo ocorre. Podemos acompanhar as ações de Jesus e seus encontros enquanto percorre seu caminho: é claro o entrelaçamento do cronotopo da estrada com o cronotopo do encontro. No início do capítulo 9, Jesus vai para sua cidade, Nazaré: “Entrando Jesus num barco, passou para o outro lado e foi para a sua própria cidade” (Mt 9.1). Jesus, ao continuar seu percurso nesta estrada, encontra Mateus: “Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu” (Mt 9.9). Chegando em sua casa, reúne-se com publicanos e pecadores: “E sucedeu que, estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos” (Mt 9.10). E, neste momento chega o chefe, e pede o auxílio de Jesus que o segue até sua casa: “E Jesus, levantando-se, o seguia, e também os seus discípulos” (Mt 9.19). Bakhtin fala de como toda imagem é totalmente cronotópica e que a linguagem pode ser definida como um tesouro de imagens (1993, p. 356). Através das imagens que as cenas evocam, o narrador procura levar o leitor a pensar em questões sociais, por exemplo, daquele tempo-espaço descrito assim como do seu próprio.

O chefe da sinagoga aproxima-se de Jesus, o adora e diz: “vem, impõe a mão sobre ela, e viverá” (9.18). Sua fé não é descrita, mas é

ressaltada pelas suas ações de se aproximar e adorar e por sua fala sobre a certeza do poder de Jesus. O modo como a imagem e a linguagem do texto revelam o tipo de fé desse chefe pode ser comparado com a maneira como Bakhtin comenta sobre a beleza de Helena de Homero que também não é descrita mas “é introduzida numa cadeia de acontecimentos representados e ao mesmo tempo se apresenta não como um objeto de uma descrição estática, mas como o objeto de uma narrativa dinâmica” (1993, p. 356).

A narrativa prossegue com Jesus, seguido por seus discípulos e acompanhando esse pai desesperado em seu percurso nessa estrada, quando é tocado por uma mulher anônima e que sofre há doze anos de uma hemorragia. Esta mulher, certamente, é discriminada já que seu problema lhe causa segregação conjugal, social e religiosa devido ao código de pureza levítico<sup>13</sup>. Diferentemente do chefe da sinagoga, esta mulher não tem coragem para se dirigir a Jesus e fazer o seu pedido. O texto diz que ela “veio por trás e lhe tocou nas na orla da veste; porque dizia consigo mesma; se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada” (18.20-21). A condição social ou as características da fé desta mulher também não são descritas, porém o leitor pode tecer ideias e conclusões a partir da imagem da cena e da linguagem utilizada. Esta mulher, considerada impura pela sua família e conhecidos já que sofria de uma hemorragia, não se sente digna de se dirigir a Jesus: apenas toca sua veste e por trás, sem lhe dirigir a palavra e sem chamar sua atenção. A iniciativa é de Jesus de se voltar, olhar para ela e falar com ela: “tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou” (9.22). O leitor pode imediatamente enxergar a imagem desta mulher, agora feliz, grata e aceita quando é chamada de “filha”. O sentido figurativo deste encontro também se alarga quando o leitor tem a oportunidade de refletir sobre a atitude de Jesus

---

<sup>13</sup> "Também a mulher, quando manar fluxo do seu sangue, por muitos dias fora do tempo da sua menstruação ou quando tiver fluxo do sangue por mais tempo do que o costumado, todos os dias do fluxo será imunda, como nos dias da sua menstruação. Toda cama sobre que se deitar durante os dias do seu fluxo ser-lhe-á como a cama da sua menstruação; e toda coisa sobre que se assentar será imunda, conforme a impureza da sua menstruação. Quem tocar estas será imundo; portanto, lavará as suas vestes, banhar-se-á em água e será imundo até à tarde" (Lv 15.25-27).

de interromper seu percurso para ajudar uma personagem ilustre e dar atenção a uma mulher que ninguém sequer enxergava.

Jesus continua seu percurso até a casa do chefe e, ao chegar, diz para as pessoas que já estavam preparando o funeral da menina; “Retirai-vos, porque não está morta a menina, mas dorme” (9.24). Outra cena forte e narrada sucintamente, mas capaz de originar uma imagem clara para o leitor que entende quando o narrador diz: “E riam-se dele” (9.24). Jesus, nessa estrada, mostra seu interesse pelas pessoas que o cercam de várias maneiras, porém, a proporção de pessoas contrárias a ele e a tudo que prega aumenta gradativamente. O leitor é continuamente estimulado à reflexão sobre cada um dos encontros de Jesus e diferentes sentimentos são aflorados, o que reforça o valor emocional e ético do cronotopo do encontro.

Porém, a imagem de Jesus curando a mulher que sofria há doze anos e foi curada apenas por tocar a veste de Jesus pode fazer o leitor esperar por outro milagre que realmente acontece: “entrou Jesus, tomou a menina pela mão, e ela se levantou”. Mais uma vez, de forma econômica, o narrador, relata outro milagre e a própria maneira concisa da narração dá espaço para o leitor formar uma imagem desta última cena.

Bakhtin elucida que no cronotopo da estrada “podem se encontrar por acaso, pessoas normalmente separadas pela hierarquia social e pelo espaço, podem surgir contrastes de toda espécie, chocarem-se e entrelaçarem-se diversos destinos” (1993, p. 350). Na narrativa de Mt 9.18-26, podemos constatar, pelas imagens que se depreendem do texto, exatamente o contraste entre as duas mulheres: rica/pobre, conhecida/desconhecida, protegida/desprotegida, amada/abandonada, criança/adulto, viva/morta. No cronotopo do encontro, que se integra ao cronotopo da estrada, os destinos dessas duas personagens tão diferentes se cruzam.

Bakhtin também comenta sobre como as séries espaciais e temporais dos “destinos e das vidas dos homens se combinam de modo peculiar, complicando-se e concretizando-se pelas distâncias sociais, que são superadas” (1993, p. 350). O sentido figurativo do cronotopo da estrada coexistindo com o cronotopo do encontro fica evidente em toda a mini-narrativa: o encontro de Jesus com o chefe da sinagoga e com a mulher anônima localiza-se em um espaço-tempo específico, porém, as questões que levanta fluem no tempo e chegam até o tempo do leitor-ouvinte. Imagens cronotópicas surgem e conectam o mundo representado e o mundo real provocando uma troca. Salientamos que a indeterminação da identidade das personagens, visto que não são nomeadas, reforça esta estratégia.

Entendemos que este exemplo ilustra o entrelaçamento entre os cronotopos da estrada e do encontro ao mesmo tempo mostra como os cronotopos são responsáveis pela formação de imagens na narrativa.

#### 4 A COMPOSIÇÃO DO EVANGELHO DE MATEUS

O evangelho de Mateus, como um tipo de narrativa de aventuras e de costumes, tem o foco no protagonista dos encontros que acontecem em seu percurso, na estrada: em Jesus e em sua peregrinação para propagar a mensagem do reino. Cabe ao narrador decisões sobre estratégias literárias sempre orientadas para a produção de sentido com o objetivo do envolvimento e condução do leitor. O empenho do narrador onisciente do evangelho é enfatizar os ensinamentos de Jesus, sejam estes expostos por meio de narrativas ou de diálogos e sermões.

O gênero da narrativa de aventuras e de costumes garante ao protagonista um grande espaço para seu discurso: Jesus se coloca como o condutor e formador dos cronotopos da estrada, do encontro e do reino. O entrelaçamento dos discursos de Jesus com as narrativas propiciam a exposição das ideias sobre o reino, principalmente nos discursos, com as razões e as “concomitâncias fortuitas e não concomitâncias fortuitas” (BAKHTIN, 1993, p. 238) expostas nas narrativas. Como explicamos, no tempo da narrativa de aventuras e de costumes, os encontros inesperados acontecem regidos pelo acaso e por essas concomitâncias que, na verdade, estão sempre subordinadas a uma lógica superior. No caso do evangelho de Mateus, os encontros e os acontecimentos excepcionais são direcionados pela vontade de Deus. Desde o início de Mateus, o narrador elucidava, primeiramente por meio da genealogia que apresenta, que Deus preparou meticulosamente a chegada de Cristo, inclusive adicionando nomes de mulheres não israelitas, o que é uma projeção para o reino que se abre para os gentios, por exemplo. Depois da genealogia, vemos que Jesus é concebido pelo Espírito Santo (Mt 1.18) e sua sobrevivência é garantida por um anjo do Senhor que guia a família do Cristo para longe do rei Herodes que deseja sua morte ( Mt 2.12; 2.13; 2.19; 2.22).

Entendemos que são os discursos e falas de Jesus que enchem os cronotopos da estrada, do encontro e do reino de sentido, valores e teor

emotivo. O narrador pretende que a interação do leitor com um número extenso de falas e discursos de Jesus produza uma identificação com as questões levantadas e a inclusão desse leitor na história: a intenção do narrador é diminuir a distância entre o leitor e a mensagem do reino. Ao ceder ao protagonista o direito de se manifestar tão livremente, o narrador também exige do leitor a avaliação das ações e falas de Jesus.

O grande volume de falas das personagens são portas abertas para que o leitor conheça o protagonista e todos seus interlocutores e analise suas atitudes aparentemente sem a influência das opiniões do narrador. Bakhtin, ao falar sobre a importância dos diálogos, ressalta que:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (1997, p.98)

Veremos, neste capítulo, as estratégias narrativas que contribuem para a construção da narrativa de aventuras e de costumes e das personagens e como essas estratégias contribuem para a longevidade do texto. Bakhtin afirma que uma narrativa de aventuras e de costumes não se desenvolve em um tempo biográfico, mas representa “momentos excepcionais da vida humana” (1993, p. 238) que determinam sua imagem definitiva e o caráter de sua vida subsequente. É dessa maneira que o evangelho de Mateus se desenvolve: apresentando os acontecimentos excepcionais que deixam uma marca no protagonista. O narrador fala de sua genealogia, nascimento, missão, sofrimento, morte e ressurreição que formam o caráter e a apresentação completa de Jesus, ou seja, tudo que importa para o leitor saber quem Jesus é, pode ser compreendido por meio desses acontecimentos.

Bakhtin também afirma que “cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (2003, p.301). A escolha do gênero se destina ao



leitor: é através de uma narrativa de aventuras e de costumes que o narrador espera cativar o leitor, levá-lo para dentro da história e lhe propor questionamentos sobre sua própria vida.

Dentro do grande gênero da narrativa de aventuras e de costumes, podemos identificar outros gêneros servindo a esse mesmo propósito de ser o instrumento ideal para a aproximação com seus destinatários. O evangelho apresenta os discursos de Jesus destinados a seus discípulos e a multidão; as parábolas que extrapolam seu tempo histórico e são contadas e recontadas a futuras gerações; os diálogos entre Jesus e representantes da sua aceitação e rejeição que aproximam o leitor da história e pretendem fazê-lo tomar uma posição em relação à mensagem da aventura missionária do protagonista; um sermão escatológico que trata do fim dos tempos e atrai os leitores de todas as temporalidades. Bakhtin diz que “a passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (2003, p. 268). A teoria bakhtiniana vê a linguagem literária como um complexo sistema de estilos, ou seja, uma rede de gêneros, como já comentamos.

#### **4.1 A relação textual com o Antigo Testamento**

Northrop Frye afirma em sua obra *Código dos Códigos* que tradicionalmente os escritores do Novo Testamento veem o Antigo como uma antecipação da vida de Cristo e compreendem que o Novo Testamento seja a chave para o Antigo: “no Antigo Testamento oculta-se o Novo; no Novo, revela-se o Antigo.” (2004, p. 108-109).

O conceito de dialogismo de Bakhtin é o que norteia toda a sua filosofia da linguagem que vê a realidade como diversidade, heterogeneidade, inacabada, eterno vir a ser. O pensamento de Bakhtin sempre gira em torno das relações sociais, o eu e o outro que se completam e, por essa razão, o conceito de dialogismo é o fundamento de suas investigações.

Bakhtin considera o dialogismo uma propriedade intrínseca da linguagem, visto que todo discurso se constrói como resposta a outro discurso, em vista de outro discurso. O dialogismo permeia nossa identidade porque nosso mundo interior é formado por diferentes vozes que estão sempre em uma relação de concordância ou discordância. Bakhtin afirma que tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala (apud BRAIT, 2005, p. 14).

Bakhtin trata também das relações entre textos, do diálogo entre várias escrituras. Fiorin esclarece que o vocábulo “intertextualidade” foi introduzido como “pertencente ao universo bakhtiniano” (2010, p.51), por Júlia Kristeva, em sua apresentação de Bakhtin na França, publicada em 1967 na revista *Critique*. Fiorin define intertextualidade como a “incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (2003, p.30). A relação dialógica entre o evangelho de Mateus e o Antigo Testamento é uma das principais características da narrativa e desde o início da narrativa, o leitor percebe a sua importância.

A intertextualidade do evangelho de Mateus com o Antigo Testamento envolve os três processos possíveis de incorporação de um texto em outro: a citação, a alusão e a estilização. Além disso, o Antigo Testamento serve como base para a estruturação dessa narrativa de aventuras e de costumes. Dale Allison, em *Studies in Matthew (2005)*, ao discorrer sobre a estrutura do evangelho de Mateus, utiliza os estudos de Bacon (1930) que reconhece os cinco discursos de Jesus como cinco “livros” que pretendem remeter ao Pentateuco<sup>14</sup>, questão que veremos adiante. Vejamos alguns exemplos de

---

<sup>14</sup> Na tradição judaica, os cinco livros são chamados sinteticamente de “a Torá” ( ou “a Torá de Moisés”, ‘o livro da Torá’). A divisão em cinco livros manifesta-se em outra expressão usada, “os cinco quintos da Torá”. ela é assumida na expressão grega, “o livro de cinco volumes”, que através da versão latinizada pentateucus (Iber) finalmente levou à designação “Pentateuco”, comum na terminologia acadêmica. ( RENDTORFF, 2009, p. 199).

intertextualidade com o Antigo Testamento em relação à formação do cronotopo do reino.

Em Mt 3.3, o narrador ao descrever a pregação de João Batista no deserto, fala sobre arrependimento e lembra da frase do profeta Isaías, utilizando-a como um propósito: “Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do SENHOR; endireitai no ermo vereda a nosso Deus” (Is 40.3). Podemos pensar de imediato na ligação entre esses dois tempos históricos: Isaías fala da saída do exílio babilônico e pede que preparem o caminho porque Deus os estaria libertando e conduzindo de volta à Israel e João Batista anuncia a chegada de Jesus e como o povo deve se arrepender para participar do reino dos céus. O profeta fala da promessa de fim do exílio babilônico feita por Deus enquanto Mateus atualiza tal libertação agora proclamada por João Batista a respeito de Jesus que vem para trazê-la com a inauguração de seu reino. No Antigo Testamento, a expressão “servo de Deus” refere-se tanto a Israel quanto ao profeta Isaías:

Mas tu, ó Israel, servo meu, tu, Jacó, a quem elegi, descendente de Abraão, meu amigo; tu, a quem tomei das extremidades da terra, e chamei dos seus cantos mais remotos, e a quem disse: Tu és o meu servo, eu te escolhi e não te rejeitei” (Is 41. 8-9)

O SENHOR me chamou desde o meu nascimento, desde o ventre de minha mãe fez menção do meu nome; e me disse: Tu és o meu servo, és Israel, por quem hei de ser glorificado. (Is 49. 1-3)

Jesus também é uma atualização do servo de Deus feita por Mateus. O narrador, ao citar Isaías, liga o quadro histórico de aproximadamente 500 anos a.C. ao século I.

Bakhtin também chama a citação de “discurso citado” e elucida: “O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN, 1997a, p. 108). No caso de nosso exemplo, o texto de Isaías serve como uma confirmação da pregação de João Batista sobre arrependimento.

Em outro trecho, Mt 10.5-15, o narrador cede a voz a Jesus que dá instruções aos doze discípulos sobre sua pregação que deve avisar que “à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus”. No último versículo, adverte sobre a pena para as cidades que não receberem os discípulos: “Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade” (Mt 10.15). A alusão refere-se a duas cidades da narrativa de Gênesis que são tidas como exemplo de lugares desobedientes e que foram destruídos por Deus: “Então, fez o SENHOR chover enxofre e fogo, da parte do SENHOR, sobre Sodoma e Gomorra. E subverteu aquelas cidades, e toda a campina, e todos os moradores das cidades, e o que nascia na terra” (Gn 19.24-25). Nesse trecho, existe, então, uma figurativização do mesmo tema: o problema da desobediência e o castigo divino.

Um terceiro exemplo e tipo de intertextualidade encontra-se em Mt 21.33-46. Neste trecho, o narrador, mais uma vez, cede a voz a Jesus que conta uma parábola sobre o reino dos céus sendo semelhante a uma vinha e seus trabalhadores maus. O uso de parábolas é frequente na literatura judaica e no ensino dos rabinos, como podemos ver no livro de Ezequiel, por exemplo. A narrativa de Ezequiel apresenta duas parábolas sobre o poder imperial da Babilônia: as duas águias e a videira (Ez 17.3-10) e o leão na gaiola (Ez 19.2-9). Ez 24.3-14 expõe a parábola da panela fervendo representa Israel e todo o derramamento de sangue e culpa da cidade de Jerusalém: os pedaços de carne na panela seriam as pessoas que foram dispersas pelo mundo. No livro de Salmos, o leitor não encontra parábolas, mas, sim, referências a este tipo de gênero, prova de como esse gênero era familiar para a época: “Inclinarei os meus ouvidos a uma parábola; declararei o meu enigma na harpa” (Sl 49.4) e “Abrirei a minha boca numa parábola; falarei enigmas da antiguidade” (Sl 78.2).

Em Is 5.1-7, a parábola da vinha má representa Deus e seu povo: a vinha plantada em um terreno fértil e bem tratada deve produzir bons frutos, mas produz uvas bravas e seu produtor é obrigado a derrubá-la. Marcos 12. 1-12,

apresenta a atualização da parábola com acréscimos: vários servos e o próprio filho do homem que plantou a vinha são enviados para buscar os frutos e são espancados e mortos, representação dos antigos profetas e dos que, no contexto de Marcos, espalham o evangelho, como João Batista, por exemplo, e Jesus (“seu filho amado” Mc 12.6). Mt 21.33-46 mostra a incorporação da parábola retratando os opositores judeus de Jesus, que deveriam aceitar o Messias prometido no Antigo Testamento, mas se recusam a reconhecê-lo como tal. O texto de Mateus revela-se uma estilização da intertextualidade realizada por Marcos para esclarecer que o reino pertencerá a quem produzir bons frutos.

Podemos concluir que o evangelho de Mateus é constituído pela História que perpassa seu texto: as vozes do passado, gravadas no Antigo Testamento, as vozes da sociedade do século I, como veremos nos diálogos de Jesus com seus interlocutores e a projeção das vozes do futuro devido aos questionamentos que propõe.

#### **4.2 A relação textual com o evangelho de Marcos**

Examinaremos, agora, como ocorre a intertextualidade do evangelho de Mateus com o evangelho de Marcos.

A questão da relação literária entre os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas está sempre presente nos estudos neotestamentários devido a muitas semelhanças como relatos dos mesmos acontecimentos, assim como várias divergências, quanto à extensão da narrativa e material próprio. As comparações servem ao propósito principal da formação de uma teoria sobre autoria e data dos evangelhos.

Em 1776, J.J. Griesbach desenvolveu uma sinopse dos três evangelhos, dispondo-os em colunas para a clara visualização e comparação de seus textos (ALTER, KERMODE, 1997, p. 405). A partir desse período, estes três evangelhos foram conhecidos como “Evangelhos Sinóticos”, do grego *synopsis*, συν, "syn" («junto») οοψις, "opsis" («ver»).

A evidente interdependência dos evangelhos sinóticos sempre inquietou os estudiosos que buscaram respostas para a “questão sinótica”. Agostinho acreditava que os evangelhos haviam sido escritos na ordem que aparecem na Bíblia: Mateus, Marcos, Lucas. Alter e Kermode salientam a posição de Agostinho que “descreveu notoriamente Marcos como seguidor e abreviador de Mateus, e essa concepção prevaleceu por muitos séculos” (1997, p.405).

A hipótese aceita pela maioria dos pesquisadores atualmente é a que Lachmann desenvolveu em 1835: o evangelho de Marcos seria o mais antigo, escrito por volta dos anos 70 d.C., tendo os evangelhos de Mateus e Lucas baseados em seu texto e escritos aproximadamente nos anos 80 e 90 d.C. Em 1838, C. H Weisse propôs que o material de Mateus e Lucas que não é encontrado em Marcos seja creditado a uma outra fonte chamada de evangelho Q, de Quelle, “fonte”, em alemão. Acredita-se que este documento perdido apresentasse apenas Ditos de Jesus, fonte dos discursos. Assim, formou-se a Teoria das Duas Fontes, que diz que os evangelhos de Mateus e Lucas se baseiam em duas mesmas fontes, o evangelho de Marcos e o documento Q. Além dessas duas fontes, Mateus apresenta textos únicos, fonte exclusiva M e Lucas também, fonte exclusiva L.

Acreditamos que, ao compararmos os evangelhos de Mateus e Marcos, torna-se evidente a sua relação e a existência de material próprio de Mateus, provavelmente baseado no documento Q sobre os Ditos de Jesus.

Consideramos, portanto, os textos como dialógicos porque são resultado da confluência de várias vozes e, no caso do evangelho de Mateus, podemos identificar a polifonia de tais vozes como representantes dos discípulos, dos que aceitam Jesus como Cristo, dos que buscam apenas os milagres, dos que não creem e dos que o perseguem. Lembramos que Bakhtin defende que a palavra autoritária “não é circundada de diálogos vivos, agitados, e em múltiplas ressonâncias” (1993, p.144), portanto, as vozes que defendem e atacam as questões que envolvem Jesus e sua mensagem sobre o reino validam a narrativa como não autoritária. Exatamente pela estratégia narrativa do narrador de apresentar tantos posicionamentos diferentes (vozes sociais)

revelados pelos discursos, a narrativa de Mateus apresenta-se como um texto não autoritário que pode ser reconhecido por revelar as vozes sociais que são contrárias às ideias expostas. A característica de polifonia da narrativa de Mateus também fortalece nossa tese de que o texto se estende como um convite à participação de todos os ouvintes/leitores.

Analisaremos alguns trechos da narrativa do evangelho de Mateus referentes também ao cronotopo do reino em que podemos identificar sua intertextualidade com o evangelho de Marcos. Warren Carter, em *Matthew: Storyteller, Interpreter, Evangelist*, afirma que o evangelho de Mateus exhibe diferenças em relação ao evangelho de Marcos em relação a cinco aspectos: omissão, expansão e adição, reordenação, síntese e estilo. Vejamos algumas dessas decisões do narrador de Mateus sempre à serviço da construção de sentido da narrativa.

Salientamos em primeiro lugar a extensa adição que Mateus decide fazer para iniciar a narrativa, relatando a genealogia, concepção sobrenatural e nascimento de Jesus. A narrativa se inicia com a genealogia de Jesus, o que resgata a memória cultural dos ouvintes e leitores do século I devido ao assunto e a forma utilizada. A apresentação e referências a genealogias são comuns no Antigo Testamento, como demonstram os exemplos:

E todas as suas aldeias, que estavam em redor destas cidades, até Baal. Estas foram as suas habitações e suas genealogias. (ICr 4.33)

Estes, pois, são os chefes das casas paternas e esta a genealogia dos que subiram comigo de babilônia no reinado do rei Artaxerxes: (Es 8.1)

Então o meu Deus me pôs no coração que ajuntasse os nobres, os magistrados e o povo, para registrar as genealogias; e achei o livro da genealogia dos que subiram primeiro e nele estava escrito o seguinte: (Ne 7.5)

A forma também é familiar porque é o modo repetidamente utilizado tanto para o relato da criação do mundo, quanto para dez genealogias em Gênesis:

Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados quando o Sêneros são uma maneira de pensar. Eles acumulam experiência e através do uso repetitivo, adquirem uma memória

sedimentada de seu uso pelo tempo.O SENHOR Deus os criou (Gn 2.4);

Este é o livro da genealogia de Adão. No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez (Gn 5.1);

São estas as gerações dos filhos de Noé, Sem, Cam e Jafé; e nasceram-lhes filhos depois do dilúvio. (Gn 10.1);

São estas as gerações de Sem. Ora, ele era da idade de cem anos quando gerou a Arfaxade, dois anos depois do dilúvio;(Gn 11.10);

São estas as gerações de Ismael, filho de Abraão, que Agar, egípcia, serva de Sara, lhe deu à luz. (Gn 25.12)

O narrador de Mateus tem o propósito de estabelecer Jesus como o Messias esperado do Antigo Testamento e usa sua onisciência e autoridade para isso ao iniciar a narrativa, além de exprimir seus próprios julgamentos. Vários aspectos importantes sobre o protagonista são revelados pela genealogia apresentada pelo narrador. Em primeiro lugar, o narrador imediatamente estabelece Jesus como o Cristo: "Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão" (Mt 1.1). A genealogia que se segue, como comenta Warren Carter, mostra que a seletividade e parcialidade indicam a perspectiva da narrativa como um todo: "A genealogia não testemunha o controle de Roma sobre o destino humano. Ela descreve a vontade soberana de Deus e as promessas guias" (2002, p.84).

Outro aspecto importante é a presença inusitada de mulheres gentias, o que aponta para como será o desenrolar desta narrativa de aventuras e de costumes: os encontros de Jesus pela estrada serão com todos os tipos de pessoas, inclusive as minorias.

A partir do capítulo 5, o narrador prefere se retrair e ceder espaço para o protagonista, Jesus, o que oferece uma abertura para o leitor tecer juízos e fazer deduções sobre o significado dessa narrativa de aventuras e de costumes. A participação maior do narrador não obrigaria a participação do leitor da forma como de fato ocorre no evangelho de Mateus: as estratégias narrativas que oferecem os espaços em branco exigem que o leitor seja ativo



na compreensão da narrativa. Auerbach, ao analisar uma narrativa do Antigo Testamento, comenta sobre como o leitor que considera a Bíblia Palavra de Deus está habituado a procurar os sentidos escondidos no texto: “O texto fica tão pesado, tão carregado de conteúdo, ele contém em si ainda tantas alusões acerca da essência de Deus e da atitude do homem piedoso, que o crente se vê motivado a se aprofundar uma e outra vez no texto e a procurar em todos os pormenores a luz que possa estar oculta” (1987, p. 12).

Consideramos extremamente relevante para a formação do cronotopo do reino a primeira frase de Jesus no início de sua missão itinerante. Comentamos anteriormente que Jesus é o condutor deste grande principal cronotopo que se forma ao longo de toda narrativa. A frase é uma citação do evangelho de Marcos, apesar de não ser literal: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15). A nosso ver, a frase de Jesus no evangelho de Mateus adquire mais força e urgência devido à maneira direta e que não oferece alternativas para seu ouvinte ou leitor. O narrador escolhe inverter a ordem da frase e, em primeiro lugar, colocar o imperativo da ordem de Jesus: “Arrependei-vos”. Está revelado, então, a primeira condição para os que querem participar do reino que Jesus está inaugurando. A mudança de estilo empregada por Mateus confere uma ênfase maior à ordem de Jesus: cabe às pessoas reverem suas atitudes e se comprometerem com mudanças.

Um pouco mais adiante, Jesus começa a ser perseguido e a receber críticas por se relacionar com gentios. Mt 9 apresenta Jesus fazendo uma refeição com publicanos e pecadores e os fariseus vêem nisso uma oportunidade para censurar Jesus que se defende, mostrando o propósito do reino dos céus: “Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes” (Mt 9.12). O reino dos céus está inaugurado e aberto aos gentios, pecadores, necessitados e rejeitados pela sociedade também. O cronotopo do reino é alargado e seu significado começa a carregar mais sentidos: os participantes do reino são os que têm fé e aceitam o rei como o Cristo, e não os que são unicamente descendentes de Abraão. Em Mt12.1-8, Jesus explica que “o

Filho do Homem é senhor do sábado”, mostrando mais que uma nova interpretação da lei no reino dos céus: a importância de viver as leis e não apenas obedecê-las; deve-se pensar no sentido e objetivo de cada lei. As instruções acerca do cumprimento das leis indicam que o reino dos céus pertence ao presente e os que pertencem a ao reino devem ter esse comportamento diferenciado no seu dia-a-dia. O narrador de Mateus mostra a preocupação dos fariseus apenas com a obediência de uma lei quanto à restrição de atividades no sábado, enquanto Jesus mostra que no reino dos céus, os sacrifícios têm menos importância que a compaixão: “Misericórdia quero e não holocaustos” (Mt 12.7). Seguindo uma tendência característica do evangelho de Mateus, há a expansão da narrativa do evangelho de Marcos (Mc 2.23-28):

<p>Marcos 2.23-28</p> <p><b>23</b> Ora, aconteceu atravessar Jesus, em dia de sábado, as searas, e os discípulos, ao passarem, colhiam espigas.</p> <p><b>24</b> Advertiram-no os fariseus: Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados? <b>25</b> Mas ele lhes respondeu: Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros? <b>26</b> Como entrou na Casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da proposição, os quais não é lícito comer, senão aos sacerdotes, e deu também aos que estavam com ele? <b>27</b> E acrescentou: O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado; <b>28</b> de sorte que o Filho do Homem é senhor também do sábado.</p>	<p>Mateus 12-1-8</p> <p><b>1</b> Por aquele tempo, em dia de sábado, passou Jesus pelas searas. Ora, estando os seus discípulos com fome, entraram a colher espigas e a comer. <b>2</b> Os fariseus, porém, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado. <b>3</b> Mas Jesus lhes disse: Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome? <b>4</b> Como entrou na Casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes? Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo: <b>6</b> aqui está quem é maior que o templo. <b>7</b> Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos,</p>
--	---

	teríeis condenado inocentes. <sup>8</sup> Porque o Filho do Homem é senhor do sábado.
--	---

O narrador de Mateus decide acrescentar duas referências ao Antigo Testamento para salientar a autoridade da fala de Jesus. Em Mt 12.5, Jesus diz: “Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?”. Essa é uma alusão a Nm 28.9-10, em que Deus dá instruções a Moisés sobre o sacrifício adicional que deve ser feito aos sábados: “No dia de sábado, oferecerás dois cordeiros de um ano, sem defeito, e duas décimas de um efa de flor de farinha, amassada com azeite, em oferta de manjares, e a sua libação; é holocausto de cada sábado, além do holocausto contínuo e a sua libação”. Em seguida, o narrador cita Os 6.6 quando Deus revela o que é mais importante que os sacrifícios: “Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos”.

É pertinente observar como o narrador organiza a sequência dos eventos no evangelho de Mateus em comparação com o evangelho de Marcos.

No primeiro capítulo de Marcos, temos o episódio da tentação de Jesus no deserto, seguido pela urgência do arrependimento e o chamado de Tiago e João. No evangelho de Mateus, existe a mesma sequência dos três eventos, porém, estão no capítulo 4 porque, como já vimos, o narrador decide ser importante revelar antes do início da missão itinerante de Jesus a sua identidade, relatando sua descendência, concepção sobrenatural e a interferência de Deus que garantiu sua sobrevivência.

Apesar de a sequência desses três eventos ter permanecido a mesma no evangelho de Mateus, ao compararmos os dois evangelhos, o que ressalta é a utilização da Fonte Q, o que resulta em uma ampla expansão na narrativa da tentação de Jesus no deserto no texto mateano:

<p>Mateus 4.1-11</p> <p><b>1</b> A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. <b>2</b> E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. <b>3</b> Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. <b>4</b> Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. <b>5</b> Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo <b>6</b> e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem;</p> <p>e: Eles te susterrão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra. <b>7</b> Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus.</p> <p><b>8</b> Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles <b>9</b> e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. <b>10</b> Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto. <b>11</b> Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram.</p>	<p>Marcos 1.12-13</p> <p><b>12</b> E logo o Espírito o impeliu para o deserto, <b>13</b> onde permaneceu quarenta dias, sendo tentado por Satanás; estava com as feras, mas os anjos o serviam.</p>
---	---

É importante salientar que Mateus mantém a organização da narrativa de Marcos colocando a tentação de Jesus antes de seu ministério para demonstrar ao ouvinte/leitor a identidade de Jesus como o Cristo nesse

enfrentamento com satanás. O ouvinte/leitor sabe que este é o rei do reino dos céus que está sendo instaurado. O cronotopo do reino tem Jesus como seu formador que, ao longo da narrativa, expande seu sentido, ao mesmo tempo que o cronotopo coopera para ampliação da identidade de Jesus também.

Em Mc 1.12-13, o narrador conciso e misterioso narra em apenas dois versículos a tentação de Jesus no deserto, episódio que representa uma prova antes de Jesus começar sua missão itinerante: “E logo o Espírito conduziu Jesus ao deserto, onde ficou durante quarenta dias, sendo tentado por Satanás. Estava com as feras, e os anjos o serviam”. O narrador onisciente de Marcos entende que o mais importante é relatar que Jesus passou quarenta dias no deserto, fato que imediatamente remete o ouvinte/leitor do século I ao episódio da história israelita descrito no Antigo Testamento quando seu povo passou quarenta anos no deserto a caminho da Terra Prometida (Ex 15.22-18.27).

Esse mesmo episódio em Mateus se estende por 11 versículos e o foco está totalmente voltado para o diálogo entre Jesus e o diabo. O diálogo aproxima o leitor da cena e coloca-o em uma posição favorável para que comece a tecer juízo de valores acerca de Jesus e sua missão porque como Bakhtin salienta: “Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte...A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (1997, p. 117). Entendemos que quando o narrador resolve transcrever o diálogo entre Jesus e o diabo, insere o leitor na cena que passa, então, a ser um destinatário das palavras de Jesus também.

O narrador de Mateus, também onisciente, decide especificar as três tentações e registrar as três recusas de Jesus e todas na forma de falas de Moisés registradas em Deuteronômio. O texto registra que, após os quarenta dias de jejum, Jesus teve fome e, nesse momento, o diabo se aproxima tentando-o a transformar pedras em pães, ao que Jesus responde: “Não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do SENHOR viverá o homem” (Dt 8.3). Em seguida, o diabo o tenta usando frases de Moisés,

também registradas em Salmos: “Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito para que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra” (Sl 91.11-12). E Jesus, mais uma vez, recusa-se a provar Deus, citando Moisés: “Não tentarás o SENHOR, teu Deus” (Dt 6.16). Finalmente, o diabo oferece todos os reinos da terra, se Jesus o adorar e Jesus lhe diz: “O SENHOR, teu Deus, temerás, a ele servirás, e, pelo seu nome, jurarás” (Dt 6.13). Consideramos a inclusão dessa tentação sobre o poder sobre os reinos da terra extremamente significativa para o enredo de Mateus: Jesus vem para estabelecer o reino dos céus na terra.

O narrador de Mateus, como já dissemos, inicia a narrativa com a genealogia de Jesus para validar sua identidade e autoridade e, em seguida, narra seu nascimento e começo de vida cercado de cuidados de Deus para preservar sua vida. No capítulo 4, o narrador coloca a confrontação entre Jesus e o diabo e sua recusa ao aceitar os reinos da terra o autoriza a pregar o reino dos céus.

O Cristo, como homem, enfrenta as tentações dos homens: os apetites, o orgulho e o poder, tentações são inerentes ao homem e eternas. O narrador, ao colocar o leitor dentro da cena e presente no confronto, tem a intenção de induzir esse leitor a pensar em sua relação com os temas da provação de Jesus. Porque como Bakhtin incansavelmente salienta: um enunciado é sempre resposta de enunciados anteriores e provocador de respostas futuras.

Se no trecho que acabamos de comentar, o narrador opta por preservar a sequência dos eventos, em outro trecho da narrativa, o narrador de Mateus faz escolhas diferentes e optou pela reordenação dos eventos. Em Mc 4, o narrador cede a voz a Jesus que conta quatro parábolas sobre o reino, a parábola do Semeador, a parábola da Candeia, a parábola da Semente e a parábola do Grão de Mostarda e, em seguida, narra o episódio de quando Jesus acalma uma tempestade. Esse episódio da tempestade mostra o poder de Jesus sobre a criação, então, o narrador deseja que o leitor faça a relação do reino com seu rei que é poderoso.

O narrador de Mateus toma diferentes caminhos: em primeiro lugar, resolve optar pela omissão da parábola da candeia e da parábola da semente. E no capítulo 8, narra quatro curas e, em seguida, temos a história de Jesus acalmado a tempestade, mostrando que Jesus tem diferentes poderes. O narrador de Mateus também opta por uma maneira inédita de inserir a simbologia da candeia; não reproduz a parábola, porém, no Sermão do monte, em Mt 5.14-14, introduz a mesma ideia da parábola como parte da fala de Jesus: “Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada no alto de um monte. Nem se acende uma lamparina para colocá-la debaixo de um cesto, mas num lugar adequado onde ilumina bem todos os que estão na casa”.

Por fim, é importante salientar uma citação de Marcos no evangelho de Mateus, mas como conclusão de outra mininarrativa. Em Mc 1, o narrador, ao iniciar a história de um endemoninhado, diz: “Depois, entraram em Cafarnaum, e, logo no sábado, Jesus foi ensinar na sinagoga. E maravilhavam-se com a sua doutrina, porque os ensinava como alguém que tem autoridade e não como os escribas” (Mc 1.21-22). O narrador de Marcos deseja mostrar a autoridade do discurso de Jesus dentro de uma sinagoga, o lugar do poder religioso da época e que estava em conflito com as ações e mensagem de Jesus. Mateus opta pela omissão do episódio do endemoninhado e reproduz a sentença sobre a autoridade de Jesus, porém, ao final do uso de material da Fonte Q, o Sermão do Monte: “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, as multidões estavam maravilhadas com a sua doutrina, porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas” (Mt 7.28-29). Para o narrador de Mateus, é relevante mostrar que os discípulos de Jesus percebem a diferença da mensagem que não é apenas teórica: Jesus age de acordo com seus ensinamentos.

Concluimos que é possível identificar claramente a presença efetiva do evangelho de Marcos no evangelho de Mateus. Porém, cada inserção dessas deve ser examinada para que vejamos a função que o material incluso exerce na produção de sentido do texto, a serviço do narrador de Mateus. Como Fiorin explica, “o conceito de intertextualidade concerne ao processo de construção,

reprodução ou transformação de sentido” (2008, p.29). Cabe, portanto, ao narrador avaliar como utilizar o material de outro texto para a produção de um determinado efeito de sentido.

### **4.3 O papel do narrador**

Sabemos que o narrador não somente é o responsável por contar a história, como também por fazer com que o leitor adote sua narrativa, confie nele e aceite o que ele diz. A maneira como a história deve ser contada para atingir seus objetivos é decidida e elaborada por este narrador que, no caso do evangelho de Mateus, escolhe os momentos em que além de ser onisciente e onipresente, é até intruso fazendo julgamentos ou comentários e os momentos em que deliberadamente não fornece explicações, oferecendo lacunas para o leitor preencher e oportunidades de reflexão. "A ausência proposital de precisões é um meio seguro de programar o efeito de uma narrativa. O texto fala tanto pelo que diz como pelo que não diz" (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.157).

Vejamos alguns exemplos de estratégias diferentes que o narrador opta por utilizar na formação do cronotopo do reino que, como já dissemos, abrange presente, passado e futuro.

A estratégia de utilização de citações do Antigo Testamento cobre toda a narrativa de Mateus, o que causa identificação para os ouvintes/leitores do século I, visto que trata da sua cultura, tradição e história, porém, também traz à narrativa um intercâmbio de tempos históricos, o que viabiliza a projeção para o futuro também. Vejamos mais um exemplo em que temos o cumprimento de uma profecia do Antigo Testamento na narrativa de Mateus. Em Mt 21.4-5, o narrador narra a entrada de Jesus em Jerusalém e relaciona a cena a uma outra narrativa do Antigo Testamento: “Ora, isto aconteceu para se cumprir o que foi dito por meio do profeta: “Digam à filha de Sião: Eis que o seu Rei vem até você, humilde, montado em jumenta, e num jumentinho, cria de animal de carga”. Em Zc 9.9, o profeta Zacarias revela como será a entrada do rei do



reino dos céus em Jerusalém: “Alegre-se muito, ó filha de Sião! Exulte, ó filha de Jerusalém! Eis que o seu rei vem até você, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta”. Interessante notar como o narrador, apesar de ter um papel central na narrativa, deliberadamente prefere se colocar como observador da história e deixar que o leitor teça suas próprias opiniões sobre as personagens. Nesse trecho, o narrador opta por salientar a humildade de Jesus mesmo ao entrar em Jerusalém sendo celebrado e não ressalta suas qualidades de justo e salvador que são apontadas durante a narrativa e se concretizarão no clímax da história com a ressurreição.

O clímax da narrativa se aproxima e o leitor continua recebendo informações para entender a identidade do rei do reino dos céus que opta por conviver com os humildes, doentes e rejeitados da sociedade. Alter comenta sobre o realismo psicológico e moral bastante complexo dos textos bíblicos: “Esmiuçar os personagens bíblicos como figuras de ficção permite ver nitidamente os aspectos contraditórios e as múltiplas facetas de sua individualidade humana, que é o meio escolhido pelo deus bíblico para Seu experimento com Israel e com a história” (2007, p.28).

O narrador de Mateus, em algumas ocasiões, decide mudar o estilo do texto, convertendo uma comunicação em outra quando transforma um discurso indireto em direto com o objetivo de aproximar a narrativa do leitor e de evidenciar a realidade social, visto que, como Bakhtin declara: “As palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos contraditórios entre si, pois frequentaram e se constituíram em todos os campos das relações e dos conflitos sociais” (BRAIT. 2005, p. 171). As palavras de Jesus e seus interlocutores refletem os conflitos, contradições e diferentes ideologias dos diferentes interesses envolvidos na trama de Mateus.

Temos em Mt 8.28-34, um exemplo desse tipo de transformação, além de redução do texto marcano e omissão:

<p>Marcos 5.1-20</p> <p><b>1</b> Entrementes, chegaram à outra margem do mar, à terra dos gerasenos. <b>2</b> Ao desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de espírito imundo, <b>3</b> o qual vivia nos sepulcros, e nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo; <b>4</b> porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram quebradas por ele, e os grilhões, despedaçados. E ninguém podia subjugar-lo. <b>5</b> Andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras. <b>6</b> Quando, de longe, viu Jesus, correu e o adorou, <b>7</b> exclamando com alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes! <b>8</b> Porque Jesus lhe dissera: Espírito imundo, sai desse homem! <b>9</b> E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião é o meu nome, porque somos muitos. <b>10</b> E rogou-lhe encarecidamente que os não mandasse para fora do país. <b>11</b> Ora, pastava ali pelo monte uma grande manada de porcos. <b>12</b> E os espíritos imundos rogaram a Jesus, dizendo: Manda-nos para os porcos, para que entremos neles. <b>13</b> Jesus o permitiu. Então, saindo os espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada, que era cerca de dois mil, precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, onde se afogaram. <b>14</b> Os porqueiros fugiram e o anunciaram na cidade e pelos campos.</p> <p>Então, saiu o povo para ver o que sucedera. <b>15</b> Indo ter com Jesus, viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido, em perfeito juízo; e temeram. <b>16</b> Os que haviam presenciado os fatos contaram-lhes o que acontecera ao</p>	<p>Mateus 8.28-34</p> <p><b>28</b> Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, saindo dentre os sepulcros, e a tal ponto furiosos, que ninguém podia passar por aquele caminho. <b>29</b> E eis que gritaram: Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo? <b>30</b> Ora, andava pastando, não longe deles, uma grande manada de porcos. <b>31</b> Então, os demônios lhe rogavam: Se nos expeles, manda-nos para a manada de porcos. <b>32</b> Pois ide, ordenou-lhes Jesus. E eles, saindo, passaram para os porcos; e eis que toda a manada se precipitou, despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, e nas águas pereceram. <b>33</b> Fugiram os porqueiros e, chegando à cidade, contaram todas estas coisas e o que acontecera aos endemoninhados. <b>34</b> Então, a cidade toda saiu para encontrar-se com Jesus; e, vendo-o, lhe rogaram que se retirasse da terra deles.</p>
---	--

<p>endemoninhado e acerca dos porcos. <b>17</b> E entraram a rogar-lhe que se retirasse da terra deles. <b>18</b> Ao entrar Jesus no barco, suplicava-lhe o que fora endemoninhado que o deixasse estar com ele. <b>19</b> Jesus, porém, não lho permitiu, mas ordenou-lhe: Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti. <b>20</b> Então, ele foi e começou a proclamar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera; e todos se admiravam.</p>	
--	--

No capítulo 8 do evangelho de Mateus, o narrador apresenta Jesus descendo do monte onde proferiu um longo sermão e, ao percorrer sua jornada pela estrada, tem vários encontros com pessoas de diferentes classes e em situações distintas que precisam e recebem cura. Em primeiro lugar, um leproso se aproxima e Jesus traz a cura, tocando-o. É significativo o fato de Jesus o tocar, visto que os leprosos eram considerados impuros de acordo com a lei mosaica e estavam sujeitos ao isolamento.<sup>15</sup> Em seguida, Jesus cura à distância o criado de um centurião devido à sua fé. Continuando seu percurso, Jesus decide visitar seu amigo e discípulo Pedro, e cura sua sogra, ardente de febre. Um escriba, representante dos que rejeitam a Jesus, o encontra e diz querer segui-lo. Jesus, porém, sabe que este tem preocupações com sua própria família que estão à frente do seu desejo. Jesus resolve passar para outra margem e, após enfrentar e acalmar uma tempestade, chega à terra de gentios para curar estes dois endemoninhados (Mt 8.28).

Temos a expansão do cronotopo do reino quando diversas personagens diferentes entre si, marginais, poderosos, conhecidos e desconhecidos são

---

<sup>15</sup> Em Lv 13.46: “Será imundo durante os dias em que a praga estiver nele; é imundo, habitará só; a sua habitação será fora do arraial”.

reunidos no reino por apresentarem fé. Jesus ouve e atende aos pedidos ao ter certeza da fé em seu poder ser manifestada.

É essencial observar esta decisão de Jesus de sair do espaço do seu povo, onde multidões o procuram, e decidir ir para outro espaço, onde a maioria o rejeita. O narrador pretende que o leitor perceba que os espaços não regem as ações de Jesus: ele é responsável por sua agenda, e pelo itinerário de sua jornada. Bakhtin comenta sobre a concretude do espaço na narrativa de aventuras e de costumes que é “preenchido pelo sentido real da vida e entra em uma relação essencial com o herói e seu destino” (1993, p. 242). O elemento espaço-temporal no evangelho de Mateus está à serviço da formação do cronotopo do reino. Todos os encontros de Jesus e suas falas convergem para a construção do significado desse grande e principal cronotopo do evangelho.

Destacamos várias transformações feitas pelo narrador de Mateus na narrativa de Marcos. Em primeiro lugar, Mateus decide trocar o local da narrativa: em Marcos a história se passa em Gerasa, em Mateus o espaço é a cidade de Gadara. Estas duas cidades ficam na região de Decápolis, fora da Judeia, portanto são cidades gentílicas, onde é possível haver a criação de porcos, visto que os judeus jamais criariam esses animais, já que os consideravam imundos. Entendemos, então, que o narrador de Mateus não deseja reforçar o espaço geográfico exato como decisivo para a narrativa, e, sim, o fato de Jesus após ter demonstrado poder de cura a favor dos que o seguem, decide incluir um local gentílico em seu percurso. Lembramos aqui do comentário de Bakhtin sobre as definições espaço-temporais não apenas serem inseparáveis umas das outras, mas, também, sempre tingidas de um matiz emocional e ético (1993, p.349). E é exatamente o significado de Jesus decidir ir para uma cidade gentílica, onde a maioria o rejeita, que é importante para a construção de sentido da narrativa. O que deve ficar ressaltado para o leitor é a carga significativa e emocional do cronotopo do encontro quando Jesus sai de sua própria cidade, onde muitos o procuram apenas para receber

milagres e não mostram interesse na mensagem do reino e nem em mudança de vida, e vai para um local em que é repudiado e livra os endemoninhados.

O narrador de Mateus também resolve fazer uma adição ao optar por um testemunho duplo e coloca dois endemoninhados na narrativa. Porém, decide também fazer uso de uma omissão e várias informações sobre o endemoninhado são suprimidas: o narrador de Mateus não informa que ele vivia nos sepulcros, nem que as cadeias não podiam prendê-lo, ou que andava de noite e de dia clamando, ou que se feria com pedras.

O diálogo entre Jesus e o endemoninhado é bem semelhante; ressaltamos apenas sobre a firme decisão do narrador de conter sua opinião sobre as personagens. Em Marcos, o protagonista é chamado de “Jesus, Filho de Deus Altíssimo”, enquanto, em Mateus, o narrador chama Jesus apenas de “Filho de Deus”. A seguir, temos Jesus aceitando o pedido dos demônios de entrarem nos porcos; em Marcos, há o discurso indireto: “Jesus o permitiu”. Em Mateus, mais uma vez, o narrador leva o leitor a avaliar as palavras de Jesus: “Pois ide”. Bakhtin explica que existe no discurso indireto uma tendência analítica enquanto, no discurso direto, os motivos emocionais ou afetivos afloram (1997, p. 165). O discurso direto, portanto, permite que o leitor se achegue à personagem e deduza suas intenções ao escolher as palavras e o momento de falar, por exemplo. Nesse episódio, Jesus, ao usar o imperativo, mostra que tem poder sobre os espíritos malignos e a decisão de que esses entrem nos porcos é sua.

Em outro trecho, Mt 13.44, o narrador cede a voz e sua autoridade de narrador para Jesus que conta uma parábola sobre o reino de Deus: “O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido no campo, que um homem achou e escondeu. Então, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo”. Nesse trecho, o narrador aparentemente se ausenta totalmente. Porém, o leitor mais ativo sabe que a decisão de colocar Jesus contando uma parábola é do narrador que deseja a interpretação do leitor. Como João Leonel registra: “o narrador abdica do primeiro plano narrativo e transfere a palavra a Jesus, passando a exercer uma mediação diminuta”

(2013, p.79). A parábola serve como uma alegoria atemporal que transcende o tempo presente e será lembrada e interpretada no futuro também.

O narrador do evangelho de Mateus dedica o capítulo 13 a várias parábolas de Jesus sobre o reino de Deus e, também utiliza o recurso por várias outras vezes espalhados pela história, o que acentua a vivificação da narrativa. Bakhtin sustenta que a obra está “disposta para a reação do outro, para sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores” (2003, p.279). O uso intenso das parábolas e a razão do narrador colocar o protagonista relatando-as colaboram para a atemporalidade do texto: as parábolas exigem sempre a interpretação do ouvinte/leitor.

#### **4.4 A organização do evangelho de Mateus**

Como vimos, é da competência do narrador as decisões quanto às estratégias empregadas para o convencimento do leitor: a escolha sobre o que vai ser revelado ou ocultado, o gênero utilizado, o momento de ceder a voz às personagens e, também, como o texto será organizado.

Comentamos como a intertextualidade com o Antigo Testamento também se traduz na base da estruturação do evangelho de Mateus. O narrador organiza o evangelho de Mateus em blocos narrativos e discursivos que se alternam, se completam e exigem a atenção do leitor para encontrar o significado, a ligação e a razão da mescla de narrativas e discursos. Dale C. Allison, em *Studies in Matthew*, compara essa alternância regular com as oscilações entre narrativa e discurso de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio (2005, p. 137)

O narrador, que se estabelece como onisciente no início do evangelho, toma a decisão de se afastar e cede a voz a Jesus não somente nos seus cinco grandes discursos espalhados pela trama, como também, em meio aos blocos narrativos.

Como vimos, o cronotopo da estrada favorece a inclusão do cronotopo do encontro, então, os blocos narrativos privilegiam as falas das personagens que se encontram e estabelecem acordos ou desacordos, problemas e soluções, críticas e defesas, aproximações e afastamentos.

Entendemos que o narrador de Mateus faz a opção de revelar a identidade e cosmovisão de Jesus através de suas ações e palavras, o que aproxima o leitor da trama e exige mais de sua interpretação.

#### *4.4.1 Blocos narrativos e Blocos discursivos*

No evangelho de Mateus, os blocos narrativos e discursivos complementam, respondem e exemplificam um ao outro. Iremos observar como se desenvolve a relação de cumplicidade entre os blocos narrativos e discursivos: o leitor atento ao caminhar pela narrativa tem a possibilidade de observar a ligação entre os blocos e o esquema de conexão entre eles.

O importante para a discussão desta tese é observar como os encontros que acontecem na estrada e são relatados nos blocos narrativos enchem de sentido os blocos discursivos. Outro ponto a ser destacado é como Jesus se revela por meio de seus discursos, falas e ações e a possibilidade de o leitor formar uma imagem da identidade de Jesus. Também podemos observar a formação de uma nova identidade da maioria das personagens que ao se encontrar com Jesus tem suas vidas transformadas através da visão do outro que Jesus oferece ou a recusa dessa tomada de consciência por meio do olhar do outro.

Bakhtin, por meio de sua conceitualização de exotopia, argumenta como “só um outro pode nos dar acabamento, assim como nós podemos dar acabamento a um outro” (TEZZA, 1997, p. 220). Os encontros que se desenrolam no evangelho de Mateus demonstram isso: a necessidade do olhar do outro, do olhar de Jesus, para que seus interlocutores possam refletir sobre suas vidas e seus valores. Bakhtin assevera que existe uma “limitação

intransponível” no meu olhar que só o outro pode revelar (TEZZA, 1997, p. 222).

Consideramos que os blocos narrativos que tratam desses encontros no cronotopo da estrada que representa a própria vida enchem os blocos discursivos de sentido, por isso eles representam a visão de Jesus e a representação do significado do cronotopo do reino no evangelho de Mateus. Bakhtin insiste que toda enunciação é produto da interação social: “A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico” (1997, p. 38). As palavras de Jesus em seus discursos são cada vez mais fartas de sentido à medida que as narrativas mostram transformações causadas pelas relações exotópicas que se desenrolam ou pelas rejeições e perseguições que Jesus, o Cristo, sofre.

Robert Alter, ao comentar sobre o uso dos diálogos no texto, afirma que “a preferência bíblica pelo discurso direto é tão evidente que o pensamento é quase sempre falado, isto é, apresentado como citação de um monólogo interior” (2007, p.108), como podemos ver neste trecho: “E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste; porque dizia consigo mesma: Se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada” (Mt 9.20-21). Aqui, mesmo dentro de uma narrativa, o narrador decide transcrever o pensamento da personagem, para, como é comum no evangelho, aproximar o leitor da história.

Relevante destacar aqui a noção da natureza ativamente responsiva da fala viva destacada por Bakhtin. A compreensão de um enunciado pressupõe uma resposta, seja ela imediata ou tardia. A estratégia do acentuado uso de diálogos e sermões dos blocos discursivos e da transcrição de falas nos blocos narrativos no evangelho de Mateus revela a intenção do narrador de continuamente fomentar a resposta, análise e tomada de posição do leitor. O uso do discurso direto e, por consequência, o presente do indicativo, é um dos elementos chave para a diminuição da distância narrativa. Harald Weinrich em seu livro *Estructura y Función de los Tiempos en el Lenguaje* (1974) trata da relação dos tempos verbais com as situações comunicativas e divide-os em dois grupos, ou “sistemas temporais”. Iremos estudar essas marcas do tempo, principalmente em sua relação com o



discurso direto. Em resumo, a forma verbal presente, usada no discurso direto, tem a função de aproximar a narrativa do leitor (1974, p.70).

Entendemos que os blocos discursivos não somente incentivam, mas reivindicam que a participação do leitor seja uma evidência da vivificação do texto do evangelho de Mateus. A marca do evangelho de possuir uma ênfase nas falas das personagens, nos diálogos esperados ou inusitados e nos sermões que atraem multidões o torna uma grande obra inserida no grande tempo: evidencia uma relação com o passado do Antigo Testamento, relata uma história do século I e projeta sua mensagem para o nosso presente e para o futuro.

Robert Alter comenta sobre o “papel extremamente subsidiário da narração sumarizante em comparação com a fala das personagens” (2007, p. 104). O autor refere-se aos textos bíblicos do Antigo Testamento, porém esse comentário é pertinente ao Novo Testamento também e, em especial, ao evangelho de Mateus. Além da inclusão de transcrições de diálogos nos blocos narrativos do evangelho, estes funcionam como introduções, confirmações ou transições entre os blocos discursivos, como Alter descreve: “A primazia do diálogo é tão acentuada que muitos trechos narrados em terceira pessoa, quando bem examinados, acabam se revelando dependentes do diálogo que os precede ou que introduzem” (2007, p. 105).

Pertinente também a esta tese é o comentário de Massaud Moisés de que o uso de diálogos seja “o instrumento linguístico mais adequado à comunicação de dramas e conflitos: um recurso dramático por excelência” (2004, p.120). O evangelho de Mateus, assim como todos os evangelhos sinóticos, tem o foco em Jesus, sua identidade e mensagem. Ressaltamos, no entanto, que Mateus, não apenas foca o protagonista, como suas falas e discursos recebem absoluta importância, quer seja nos blocos discursivos, quer seja nos blocos narrativos. Acreditamos que os ensinamentos de Jesus nos blocos discursivos tenham um relevante papel de evidenciar a identidade e autoridade de Jesus e, com isso, impregnar os cronotopos da estrada, do encontro e do reino de tons emocionais, inclusive para a construção de sentido dos blocos narrativos. Por outro lado, suas enunciações não seriam tão eloquentes, se não houvesse o suporte dos blocos

narrativos que oferecem o “horizonte social”, como Bakhtin chama, que carrega as palavras de um conteúdo social e ideológico (1997, p.16). Concluímos, então, que a interdependência e relevância da intercalação dos blocos narrativos e discursivos são essenciais para a construção de sentido e expressão dos cronotopos.

Em Mt12.46 -50, o narrador descreve um evento em que Jesus fala ao povo quando alguém lhe diz que sua mãe e irmãos querem falar com ele. O narrador transcreve a resposta de Jesus, o que certamente oferece uma dramaticidade maior à cena: “E, estendendo a mão para os discípulos, disse: “Eis minha mãe e meus irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12.49-50). Entendemos, portanto, que a escolha do uso do gênero de narrativa de aventuras e de costumes seja justamente para a beneficiar a trama dessa aventura itinerante com um ritmo ágil e vivo e o explícito emprego do grande número de falas, nos blocos narrativos e os cinco blocos discursivos visam o engajamento e convencimento do leitor. Defendemos, portanto, que os blocos narrativos trazem os encontros inusitados e os acontecimentos excepcionais típicos da narrativa de aventuras e de costumes e cooperam para a impregnação de sentido dos blocos discursivos.

Bakhtin defende que “todo enunciado, fazendo parte de um processo de comunicação ininterrupto, é um elemento do diálogo, no sentido amplo do termo, englobando as produções escritas” (1997, p.15). Cada enunciado de cada personagem, e em especial de Jesus por ser o protagonista, provoca uma resposta-reação do leitor no sentido de levá-lo à reflexão sobre o sentido dessa fala dentro da narrativa e significa também uma oportunidade para uma relação com a história do próprio leitor.

Robert Alter destaca três tipos de funções gerais cumpridas pela narração entremeada com o diálogo.

- a) Descrever ações essenciais para o enredo: “E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles” (Mt 13.58).
- b) Comunicar dados secundários: “Então, os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás; e deliberaram

prender Jesus, à traição, e matá-lo. Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo” (Mt 26.3-5).

c) Repetir, confirmar, subverter ou focalizar afirmações de personagens. (2007, p.121): “Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo dizendo: Estou inocente do sangue deste [justo]; fique o caso convosco!” (Mt 27.24).

Comentamos sobre como a narrativa de aventuras e de costumes, retratada por meio dos cronotopos da estrada e do encontro, tem a propriedade de envolver o leitor. Em primeiro lugar porque o caráter de uma aventura é justamente ser uma trama repleta de acontecimentos inesperados, como Bakhtin salienta: “é um tempo de aventuras, um tempo de acontecimentos excepcionais e fora do comum” (1993, p. 238). A narrativa de aventuras e de costumes do evangelho de Mateus cativa o leitor pelo seu enredo surpreendente e também devido às suas personagens, muitas vezes também inusitadas e suas variadas reações à mensagem que o protagonista anuncia em seu percurso por esta estrada. O leitor é inevitavelmente envolvido na trama por meio de tantas falas de Jesus e de seus interlocutores presentes tanto nos blocos discursivos, quanto nos blocos narrativos.

Por meio das falas e discursos e ações de Jesus que os reafirmam, corroboram e justificam, a identidade de Jesus é construída. Os cronotopos da estrada e do encontro entrelaçados promovem oportunidades para Jesus travar diálogos com personagens representantes de grupos que têm toda espécie de relacionamento com ele.

Existem os discípulos que convivem com Jesus e a cada dia conhecem mais dele, porém, apesar de presenciarem os milagres, ouvirem os discursos e testemunharem muitas conversas, até o final da narrativa, ainda apresentam momentos de dúvida sobre se Jesus é realmente o Cristo: “Então, os discípulos, aproximando-se de Jesus, perguntaram em particular: Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo? E ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé” (Mt 17.19-20).

Existem as multidões que se dividem entre os que anseiam apenas pelos milagres de Jesus e os que desejam aprender mais e demonstram fé e disposição à transformação pelo arrependimento: “[...] Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos?” (Mt 13.54); “[...] eis que um chefe, aproximando-se, o adorou e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a mão sobre ela, e viverá” (Mt 9.18).

Existem os representantes do religião judaica, os fariseus e os escribas que vêem Jesus como uma ameaça a seu poder e posição na hierarquia da religião: "Ora, vendo isto, os fariseus perguntavam aos discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores? (Mt 9.11); “Mas os fariseus murmuravam: Pelo maioral dos demônios é que expelle os demônios” (Mt 9.34).

Existem os representantes da política e do império que também refutam as ideias do reino dos céus temendo a perda do seu poder:

[...] Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia! (Mt 26.63-65)

Tendo eles partido, eis que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho, e disse: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar. (Mt 2.13)

É possível, portanto, constatarmos tanto a diversidade social das linguagens quanto as vozes individuais que compõem essa narrativa de aventuras e de costumes. Vemos que a estruturação do evangelho em blocos narrativos e discursivos valoriza e ressalta as narrativas e os discursos que se concentram em momentos e destinatários distintos. Além disso, as palavras de Jesus e de seus interlocutores carregadas da cosmovisão de cada um e da ideologia de cada grupo chegam até o leitor para que este compreenda as diferentes visões, contraponha as várias posições, reaja e tome um posicionamento.

Entendemos que através do entrelaçamento dos blocos narrativos e discursivos que garante a fluidez e ritmo essenciais de uma narrativa de aventuras e de costumes, o leitor pode se sentir inserido nas cenas. Podemos observar que a estratégia de intercalação dos blocos narrativos e discursivos e do uso de gêneros menores intermeados dentro do grande gênero da narrativa de aventuras e de costumes colabora com a aproximação com o leitor. Vejamos como isso acontece.

Usamos, com algumas alterações, a estrutura registrada por Allison em *Studies in Matthew* (2005, p. 137) para delinear a seguinte organização do evangelho de Mateus em blocos discursivos e blocos narrativos que se alternam:

- Cap 1-4 Narrativa da genealogia, nascimento e início da missão itinerante de Jesus.
- Cap 5-7: Primeiro discurso: Sermão do Monte - exigências para entrar no reino de Deus.
- Cap 8-9: Narrativas de ações e diálogos de encontros de Jesus – em Israel e para Israel.
- Cap 10: Segundo discurso: Instruções para os discípulos – palavras e atos dos que pertencem ao reino.
- Cap 11-12 Narrativas de ações e diálogos de encontros de Jesus com personagens que precisam de curas físicas – começo da oposição.
- Cap 13: Terceiro discurso: as parábolas do reino – o porquê de muitos não aceitarem o evangelho.
- Cap 14-17: Narrativas de ações e diálogos de encontros de Jesus – reação à oposição: fundação da Igreja.
- Cap 18: Quarto discurso: a Igreja.
- Cap 19-23: Narrativas de ações e diálogos de encontros de Jesus – Começo da Paixão
- Cap 24-25: Quinto discurso: Escatologia – sermão profético.

- Cap 26-28: Narrativas do julgamento, morte e ressurreição de Jesus

Os blocos discursivos referem-se às ocasiões em que o narrador supostamente cede a palavra à personagem que faz uso da primeira pessoa do singular e profere o discurso no tempo presente. Temos, então, a imediata conexão entre o leitor e o protagonista. Para Bakhtin, o discurso é “parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (1997, p. 128). Mais adiante, veremos exatamente este ponto: como cada discurso de Jesus responde à narrativa anterior promovendo a ligação entre os blocos e mantendo o encadeamento e ritmo exigidos por uma narrativa de aventuras e de costumes.

Os blocos narrativos referem-se às cenas que são apresentadas pelo narrador que faz uso da terceira pessoa do singular, usando as formas do passado. O uso intensivo dos diálogos inseridos nos blocos narrativos pode ser interpretado como uma estratégia do narrador para convidar o leitor a entrar na cena e fazer parte da narrativa. Massaud Moisés, ao comentar que os diálogos remontam os antigos gregos que os empregavam para fins didáticos, afirma que a razão para isso é que os diálogos oferecem à narrativa objetividade, verossimilhança e persuasão” (2004, p.120).

Robert Alter ressalta que nos textos bíblicos, duas categorias distintas de narrativas são utilizadas. Existem eventos narrativos que descrevem momentos significativos da sequência narrativa e os sumários que são uma forma de narrativa que articula uma cena à outra ou a exposição de algum material que não merece destaque (2007, p.10).

Examinemos, primeiramente, os dois sumários, tidos como clássicos do evangelho de Mateus: Mt 4.23-25 e Mt 9.35. Os sumários aceleram a narrativa e estabelecem conexões com os discursos que se seguem.

O evangelho de Mateus inicia com a consolidação da posição de onisciência do narrador e de sua determinação em evidenciar a autoridade de Jesus. Esse início pode ser considerado uma narrativa introdutória em que o narrador estabelece a identidade de Jesus e, após seu batismo e embate com satanás no deserto,

começa sua viagem missionária itinerante. O narrador, usando seu conhecimento onisciente, acelera a narrativa, relatando que a missão de Jesus engloba ensino e curas e que sua notoriedade está além da Galileia:

Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou. E da Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e além do Jordão numerosas multidões o seguiam. (Mt 4.23-25)

Esse sumário, que trata da missão bem-sucedida do herói, liga a narrativa ao discurso seguinte que, inclusive, o autentica: o Sermão do Monte (Mt 5-7) proferido por Jesus que ao ver as multidões, “sobe ao monte e passa a ensiná-los” (Mt 5.1-2).

O sumário de Mt 9.35 encerra os capítulos 8 e 9 em que Jesus cura várias pessoas ao percorrer cidades e povoados e ressalta a aflição dessas pessoas: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doença e enfermidades. Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.35-36). Em seguida, Jesus apresenta os nomes dos doze apóstolos, lhes dá autoridade para expelir demônios e curar e os coloca como pastores para essas ovelhas (Mt 10.8).

Além desses dois sumários, existem eventos narrativos que fazem a transição entre os blocos discursivos e narrativos, articulando uma cena à outra. João Leonel, ao comentar o papel dos sumários, destaca que: “O papel desempenhado pelos sumários no evangelho de Mateus é de maior importância, mesmo que ocupem um espaço diminuto do texto. Eles operam a conexão entre os blocos narrativos e discursivos no evangelho, promovendo, dessa forma, o fluxo da narrativa” (2013, p. 80).

Em *As Formas Literárias do Novo Testamento*, Klaus Berger define sumários não como abreviações e, sim, como a transmissão da “plenitude decisiva da ação.

Eles formam a base da narração, da qual cenas específicas se levantam" (1998, p. 299).

Muitos estudiosos, como Dale Allison, relacionam os cinco discursos de Jesus no evangelho de Mateus com os cinco livros do Pentateuco, devido ao destaque e relevância que têm dentro da narrativa. Os discursos de Jesus são como a coluna de sustentação da narrativa, assim como o Pentateuco, a Torah, para os textos judaicos. O indício dessa semelhança é a decisão de o narrador encerrar todos os cinco discursos com sumários que apresentam a mesma estrutura:

Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina. (Mt 7.28) Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina. (Mt 7.28)

Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles. (Mt 11.1)

Tendo Jesus proferido estas parábolas, retirou-se dali. (Mt 13.53)

E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galileia e foi para o território da Judeia, além do Jordão. (Mt 19.1)

Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos, disse a seus discípulos: Sabeis que, daqui a dois dias, celebrar-se-á a Páscoa; e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado. (Mt 26.1-2)

A organização da narrativa em blocos narrativos e discursivos que se explicam e se complementam é projetada pelo narrador com o objetivo de ganhar a credibilidade do leitor e fazer com que se envolva nas questões que são levantadas pela história. O narrador privilegiado do evangelho de Mateus manuseia os blocos narrativos e os blocos discursivos para que trabalhem em sincronia revelando a dimensão das personagens dentro dessa narrativa de aventuras e de costumes tendo em vista o aliciamento do leitor. E o principal recurso do narrador de Mateus são os discursos de Jesus, as falas das personagens, os diálogos, que são "a forma clássica da comunicação discursiva" (BAKHTIN, 2003, p. 275).

Bakhtin é categórico ao afirmar que todo enunciado tem origem em um outro enunciado anterior e será seguido por um novo enunciado, ou pensamento ou ação responsivos a esse enunciado:



Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos dos outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseadas nessa compreensão) (2003, p. 275).

O Antigo Testamento e o evangelho de Marcos, também influenciados e responsivos a outros enunciados anteriores, propuseram questões que são revisitadas por Mateus. O evangelho ao fazer uso tanto do Antigo Testamento quanto do evangelho de Marcos e da Fonte Q procura oferecer novas respostas e também propor novas perguntas para o ouvinte/leitor do século I, assim como, para o futuro leitor.

O evangelho de Mateus destaca-se entre os sinóticos pela inclusão de cinco grandes discursos de Jesus, o que ilustra a ênfase dada às falas em uma narrativa de aventuras e de costumes, e certamente a importância do que o protagonista tem a dizer. É importante que o leitor seja chamado a avaliar o que é dito pelo protagonista; é dessa forma que o leitor participa gradativamente da trama, elaborando juízo de valores. A posição do narrador de disponibilizar todo este espaço para os discursos de Jesus relaciona-se diretamente com a estreita relação entre as falas e esse gênero do discurso.

Lembramos que, de acordo com Bakhtin, “os gêneros pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes e escreventes” (2003, p.272). A resolução do narrador de enfatizar as falas e discursos de Jesus tanto nos blocos discursivos quanto nos blocos narrativos aumenta a função mimética da narrativa. O narrador deseja conduzir o leitor à uma aproximação e identificação com o protagonista e seu discurso, a mensagem do reino. Com a reprodução das falas do protagonista, o narrador pretende criar um vínculo sólido entre o leitor e Jesus. João Leonel, em sua obra *Mateus, o Evangelho*, afirma que os discursos caracterizam uma comunicação tensa que exige daqueles do leitor respostas e posturas. O autor ressalta também que “os discursos são mecanismos poderosos para despertar os leitores à ação” (2013, p. 113).

Por meio dos discursos e falas, portanto, o leitor, aos poucos, é envolvido no universo de signos utilizado por Jesus e seus seguidores, já que a linguagem transparece a situação histórica e social do momento. Bakhtin chama de *universo de signos*, “o conjunto de signos de um determinado grupo social” (1997, p. 171). Em sua obra, *Bakhtin, Dialogismo e Construção de Sentido*, Beth Brait ressalta que: “A linguagem funciona diferentemente para diferentes grupos na medida em que diferentes materiais ideológicos, configurados discursivamente, participam do julgamento de uma dada situação” (2007, p. 99).

O objetivo do narrador é trazer o leitor para dentro das cenas, fazendo com ele se sinta um, dentro das multidões que seguem Jesus.

Que os blocos discursivos funcionam como respostas e reações aos blocos narrativos, os biblistas já discutem há muito tempo. Porém, acreditamos que colaboramos com a interpretação do evangelho de Mateus ao relacionarmos as funções dos blocos narrativos e discursivos dentro de uma narrativa de aventuras e de costumes. Podemos observar a dialogicidade entre os blocos como evidência do diálogo vivo que, para Bakhtin:

está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. ao se constituir na atmosfera do “já-dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já é esperado. Assim é todo diálogo vivo. (1993, p. 89).

#### 4.4.2 A conexão entre os blocos narrativos e os blocos discursivos

Vejamos como os blocos discursivos se relacionam com os blocos narrativos e como juntos constroem o sentido da narrativa.

O evangelho inicia com um bloco narrativo que abrange os capítulos 1 ao 4; esse bloco pode ser visto como introdutório para toda a narrativa, já que apresenta Jesus como o filho de Deus e o narrador apresenta evidências disso por meio da genealogia de Jesus que revela sua nobreza e autoridade e o coloca como o

Messias esperado do Antigo Testamento, como já vimos; de sua concepção e sobrevivência possíveis apenas devido a intervenções de Deus; de seu encontro com Deus que confirma que Jesus é Seu filho; de seu encontro no deserto com satanás em que fica evidente que nada o desviará de sua missão.

Temos, então, neste primeiro bloco narrativo, o estabelecimento de Jesus, como o Cristo, o principal ponto de sua identidade para a narrativa e os capítulos em que a presença do narrador é mais marcante. Existem também projeções sobre a abertura deste rei e de seu reino aos gentios e não somente aos descendentes de Abraão por meio da genealogia apresentada. A fé e obediência de seus pais que confiam e seguem as instruções do anjo do Senhor também são fatores que constroem a identidade de Jesus. O narrador descreve também a instabilidade política e o temor não só do rei Herodes como de “toda Jerusalém” ao saberem que havia nascido o rei dos judeus: “Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém; então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer (Mt 2.3-4).

Consideramos estratégica a frase de Jesus ao iniciar sua missão itinerante: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus”. (Mt 4.17). Os ouvintes de Jesus na narrativa e o leitor de Mateus de qualquer época naturalmente podem se perguntar o que esse arrependimento envolve e o Sermão do Monte nos capítulos 5 a 7, responde à questão. Bakhtin comenta que “com muita frequência, o cronotopo do encontro exerce, em literatura, funções composicionais: serve de nó, às vezes, ponto culminante ou mesmo desfecho (final) do enredo” (1993, p. 222).

Após o bloco narrativo de introdução, surge o encontro de Jesus com seus discípulos e seguidores e a primeira oportunidade para uma explicação mais detalhada sobre o reino dos céus. O encontro proporciona a oportunidade ideal de intimidade entre Jesus e seus discípulos.

O leitor ativo pode perceber que os discursos de Jesus podem ser vistos como oposição ou reforço das circunstâncias e dos diálogos do bloco narrativo anterior. Entendemos, então, que a compreensão também é ativa, como Bakhtin reforça, “a compreensão amadurece apenas na resposta. A compreensão e a resposta estão

fundidas dialeticamente e reciprocamente condicionadas, sendo impossível uma sem a outra” (1993, p. 90). Jesus, ao testemunhar o complexo comportamento da sociedade e compreender como a cosmovisão do povo era contrária às leis de Deus, se sente instigado a responder.

Todas as informações que o narrador oferece ao leitor antes do primeiro discurso de Jesus mostram a autoridade de Jesus, como o Cristo, para que possa regulamentar quais serão os bem-aventurados no reino dos céus e como as leis devem ser cumpridas com um grau de exigência muito maior. O discurso se torna muito mais eficaz e contundente exatamente porque o leitor sabe quem é esse homem que anda pela estrada curando multidões: um rei que oferece milagres e não somente ao povo de Israel: “E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou” (Mt 4.24). Após este cenário exposto pelo narrador, o leitor está engajado na trama e estimulado a descobrir sobre o reino dos céus.

O primeiro discurso de Jesus, o Sermão do Monte, é proferido no início de sua missão e de seu reinado, com o objetivo de esclarecer para seus discípulos e seguidores os requisitos para que sejam aceitos em seu reino: não são as pessoas de destaque, poder e riqueza, e sim, os perseguidos, os humildes e os pobres que devem ser sal da terra e luz do mundo.

Em seguida, Jesus apresenta uma reinterpretação da lei mosaica acerca de assuntos essenciais para o reino relacionados a comportamentos: homicídio, adultério, juramentos, vingança, amor ao próximo, justiça, esmolas, oração, jejum, tesouros, julgamentos e falsos profetas. Esses assuntos são abordados na lei de Moisés e Jesus explica que as leis são as mesmas, porém, a preocupação dos que fazem parte do reino deve ir além da simples obediência, gerando arrependimento e mudança de comportamento e diz: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir”. (Mt 5.17). Neste discurso, Jesus menciona as leis e, em seguida, comenta sobre o que espera no cumprimento delas e repete a forma: “Ouvistes que foi dito aos antigos” e “Eu, porém, vos digo”. Lembramos aqui o que diz Bakhtin sobre as vozes presentes nos signos: “Vozes

diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre as várias épocas do passado, e o presente, entre as várias épocas do passado, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios” (1997, p.177). Percebemos, então, que o fato de Jesus resgatar a lei mosaica do passado e estabelecer uma maneira nova de cumprimento, lança para o leitor a possibilidade de pensar sobre essas leis no momento presente também. Jesus esclarece que ele mesmo cumprirá essas leis como rei do reino dos céus que está sendo inaugurado.

Entendemos, portanto, que os blocos narrativos tratam dos encontros de Jesus com toda sorte de interlocutores, mostrando momentos em que Jesus está exposto a várias vozes sociais ao percorrer essa estrada. Os blocos discursivos, no entanto, são momentos mais introspectivos, em que Jesus para e fala aos seus discípulos e parte da multidão que tem disposição e interesse para ouvir sua mensagem sobre o reino dos céus.

O versículo 5.17, “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir”, faz a ligação do discurso com o terceiro bloco narrativo: nos capítulos 8 e 9, Jesus mostra, na prática, como cumprir as leis e ser “sal da terra e luz no mundo”. (Mt 5.13-14).

Nesses dois capítulos, Jesus encontra personagens que representam diferentes vozes sociais. Bakhtin repetidamente afirma que a enunciação é “de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social” (1997, p.16). É por essa razão que, em primeiro lugar, as palavras do enunciado não são neutras e sim, carregadas de sentido e dialógicas já que trazem sentidos anteriores a elas e provocam respostas presentes e futuras. É exatamente por causa da carga social, emocional e ética que os enunciados suportam que o narrador transcreve os diálogos. Bakhtin ressalta que “as peculiaridades de construção e entoação dos enunciados interrogativos, exclamativos ou imperativos não se conservam nos discurso indireto” (1997, p. 165).

As palavras de Jesus e de seus interlocutores transmitem as ideologias e as tensões para o leitor que se conecta mais facilmente à trama por meio dos diálogos:

“E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me. E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra. (Mt 8.2-3). O leitor tem certeza da expressão de fé do leproso ao ver este chamar Jesus de “Senhor” e declarar que tudo depende da vontade de Jesus. Com a categórica afirmação de Jesus “Quero, fica limpo!” utilizando o presente do indicativo e o imperativo, o leitor quase pode ouvir a voz de Jesus!

Em um primeiro momento, Jesus está em Cafarnaum onde cura à distância, pelo toque, a mãe de um de seus discípulos, vários desconhecidos, mostra sua autoridade em relação à natureza e começa a mostrar que sua missão não se dirige apenas aos judeus, mas aos gentios também, quando vai para uma região onde é rejeitado e cura dois endemoninhados.

Podemos notar a fé como ponto marcante da identidade dos que publicamente pedem ajuda de Jesus confiantes de serem atendidos, a autoridade de Jesus ser cada vez mais confirmada a cada milagre e também observar a abrangência do reino dos céus se alargar ao observarmos a diversidade dos que têm recebido atenção e cura: os rejeitados pela sociedade como um leproso e uma mulher com hemorragia, um centurião romano e um chefe, publicanos e pecadores, cegos e endemoninhados. Todos foram recebidos no reino por demonstrarem ter fé; este é o único ponto em comum das suas identidades.

Observamos também a recusa de Jesus quando tem consciência de que as pessoas desejam apenas os milagres ou a presença de Jesus sem estarem prontas para uma transformação de suas vidas. Jesus ao se ver cercado dessas multidões ávidas por seus milagres, afasta-se delas: “Vendo Jesus muita gente ao seu redor, ordenou que passassem para a outra margem” (Mt 8.18). Jesus também rejeita um escriba que deseja ser seu discípulo, porém não está preparado para fazer sacrifícios para isso e repreende um discípulo que põe suas preocupações pessoais como prioridade:

Então, aproximando-se dele um escriba, disse-lhe: Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores. Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. E outro dos discípulos lhe

disse: Senhor, permite-me ir primeiro sepultar meu pai. Replicou-lhe, porém, Jesus: Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. (Mt 8.19-21).

No final do capítulo 9, Jesus comenta sobre o grande número de pessoas que precisam ouvir a mensagem do reino e diz: “A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara” (Mt 9.37-38). Reforçamos que tanto o uso do presente do indicativo e do imperativo cooperam para a diminuição da distância narrativa entre o texto e o leitor: as palavras de Jesus também são endereçadas ao leitor!

Esse versículo se liga ao capítulo 10, em que Jesus chama seus doze discípulos, lhes dá poderes para cuidar dessa seara e profere seu segundo discurso com instruções para seus trabalhadores.

O capítulo 10, então, responde à necessidade de trabalhadores para assumirem a missão do reino que iniciam sua própria missão. Nesse discurso, Jesus tem o objetivo de instruir seus discípulos: “Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai” (Mt 10.8). O discurso direto e o uso do imperativo têm o potencial de incluir o leitor na narrativa que pode receber essas instruções e imaginar o que seja ser um discípulo de Jesus.

O discurso define para seus destinatários pontos que devem ser examinados para que haja uma transformação e suas vidas. Relembramos que a transformação é um traço comum de uma narrativa de aventuras e de costumes, porém, essa transformação ocorre com um diferencial no evangelho de Mateus. As transformações dos textos gregos e romanos como *O Asno de Ouro* de Apuleio ou *As transformações*, de Ovídio eram temporárias e externas apesar de causarem transformações. Semelhantemente a esses textos, as transformações em Mateus ocasionam uma percepção de si mesmo e uma mudança de cosmovisão após o contato com o olhar do outro, Jesus.

Os capítulos 11 e 12 mostram a resposta de Israel a essa missão: uma resposta negativa em que tanto as autoridades como os escribas e os fariseus não

apenas rejeitam, como atacam Jesus e suas ações. Os fariseus acusam Jesus de expelir demônios pelo poder de satanás, ao que Jesus responde: “Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós” (Mt 12.27-28).

A ênfase desse bloco narrativo está na rejeição da mensagem de Jesus por parte dos escribas e fariseus. O bloco discursivo anterior em que Jesus trata da missão de seus discípulos que exige transformação e provoca uma resposta, exige uma posição responsiva seja para concordar ou discordar. Bakhtin chama o enunciado de vivo justamente devido à sua natureza ativamente responsiva. A compreensão de um enunciado gera uma resposta seja ela qual for por parte do ouvinte que se torna falante (2003, p. 271).

No capítulo 13, em seu terceiro discurso, Jesus explica, por meio de várias parábolas, a razão para tanta rejeição e perseguição: o coração dos homens. Nesse discurso, Jesus apresenta um conjunto de sete parábolas sobre o reino e seu significado como sua posição responsiva aos ataques dos escribas e fariseus. Jesus, ao compreender ativamente o discurso dos escribas e fariseus, a ideologia contida em suas palavras, toma uma posição ativa e responde imediatamente mostrando sua interpretação para essa rejeição.

O narrador, ao tornar a ligação dos blocos narrativos e discursivos cada vez mais forte, intensa e provocativa, pretende obter a resposta ativa do leitor, inserido na trama devido a essa estratégia narrativa.

A parábola mais conhecida, a Parábola do Semeador, sua explicação, e a Parábola do Grão de Mostarda também fazem parte do evangelho de Marcos, assim, como a explicação para o uso de parábolas por Jesus. No final do capítulo, Jesus ao pregar em Nazaré, é rejeitado pelo seu povo porque pertence a uma família humilde e, portanto, não tem direito de ser rei. O povo ainda não entende que Jesus não fala sobre um reino terreno e sim sobre um reino sobrenatural e o narrador resume a situação: “E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles” (Mt 13.58).



A ligação entre o terceiro discurso e os capítulos 14 a 17 está na reação a toda essa rejeição quando Jesus funda sua Igreja que será formada pelos que têm fé.

Novamente, a natureza social do discurso é enfatizada, como Bakhtin reitera: “A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de um discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior (1997, p.16). Este grande bloco narrativo é carregado de tensão e apresenta fatos decisivos para o encaminhamento para o clímax do enredo.

Destacamos a morte de João Batista que anunciou o reino dos céus e arrependimento antes de Jesus começar sua missão itinerante. O assassinato de João Batista evidencia a pressão social sobre Jesus e seus discípulos e seguidores exercida pelos poderes políticos e religiosos.

O narrador também acentua momentos em que Jesus se retira e precisa estar só: a rejeição não apenas dos escribas e fariseus, mas parte do povo de Israel e a incompreensão de seus próprios discípulos preenchem o cronotopo da estrada de inquietação e instabilidade:

Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, à parte; (Mt 14.13).

E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sozinho. Em caindo a tarde, lá estava ele, só. (Mt 14.23)

Jesus, porém, disse: Também vós (meus discípulos) não entendeis ainda? (Mt 15.16)

Esse bloco narrativo exhibe a significativa e marcante declaração de Pedro que identifica Jesus como o Filho de Deus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.

Jesus fala com seus discípulos sobre seu futuro: será açoitado pelos escribas e fariseus e morto, mas ressuscitará ao terceiro dia. Apesar de Jesus esclarecer que esses eventos eram necessários e parte do plano de Deus, seus discípulos não compreendem e Jesus não oferece explicações: “Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos

escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia” (Mt 16.21). O narrador começa o evangelho esclarecendo que Jesus é o Cristo, porém, esse conhecimento também não é suficiente para o leitor entender a razão para essa predição de sofrimento, morte e ressurreição.

No capítulo 17, o narrador onisciente relata a transfiguração de Jesus em frente a Pedro, Tiago e João: “E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz (Mt 17.2). Jesus decide apresentar uma prova clara de que é o messias, filho de Deus para prepará-los para o momento que irá deixar, por um momento, seus discípulos: “Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. Ouvindo-a os discípulos, caíram de bruços, tomados de grande medo” (Mt 17.5-6).

Essa transformação de Jesus, agora, sim, externa, que acontece em sua relação exotópica com o próprio Deus não causa uma transformação em Jesus que o leva à autoconsciência: Jesus é o Cristo, Filho de Deus. Porém, pode ser um instrumento para causar transformações nos discípulos e no leitor. A tipologia do cronotopo da estrada descrita por Bakhtin mostra que é nesse caminhar que as personagens são moldadas, inclusive espiritualmente. Esse encontro de Jesus com o próprio Deus consolida eficazmente a identidade de Jesus como o Cristo para seus discípulos e para o leitor.

Após certificar seus discípulos de que é o Cristo, que será morto em breve e estender sua missão aos gentios que demonstram fé, Jesus profere seu quarto discurso com ensinamentos para sua igreja que deverá continuar a espalhar a mensagem do reino.

O quarto discurso de Jesus, narrado no capítulo 18, versa sobre o caráter e a autoridade de sua Igreja. Podemos observar que os fatos ocorridos no bloco narrativo anterior como a pressão social e política, o reconhecimento de Jesus como o Cristo por Pedro e a angústia que cerca Jesus constróem seu discurso e o

enchem de sentido. Como Bakhtin ensina, a língua apresenta uma natureza social e a enunciação não existe fora desse contexto social (1997, p. 16).

Vejamos um exemplo disso. Jesus critica a doutrina dos fariseus já que não fazem o que ensinam em Mt 16.5-12 e no capítulo 18, conta a parábola do credor incompassivo que tem sua dívida perdoada, mas não perdoa a dívida de outro. Percebemos que o fato de a parábola remeter ao comentário anterior de Jesus faz com que a questão do fermento se torne um exemplo real sobre o assunto da parábola. O discurso torna-se, então, pleno de significado devido à narrativa anterior e é por essa razão que o discurso é social e dialógico.

Vemos também a narrativa de Mt 14.1-12 que relata o fato de Herodes mandar prender e matar João Batista porque esse o recrimina por ter um relacionamento com sua cunhada. E, em seu discurso do capítulo 18,, Jesus afirma que os maiores em seu reino são as crianças devido à sua inocência. O ouvinte ( e leitor ) mais atento relaciona as duas histórias, pode compará-las e é incentivado a refletir sobre a questão que envolve mentira, traição e usurpação de poder de Herodes e inocência e pureza das crianças.

O cronotopo da estrada, saturado pelo tempo, carrega todas as histórias de todos os encontros que acontecem desde o começo da narrativa e torna evidente que os discursos de Jesus se destinam apenas a seus discípulos e seguidores, aos que têm fé. Nesse quarto discurso, Jesus trata da ética de sua igreja e é uma resposta à situação social em que está inserido. Bakhtin discute que o discurso sempre é uma resposta, contestação, confirmação, antecipação de respostas e objeções potenciais, busca de apoio (1997, p. 128). Insistimos, portanto, na conexão existente entre os blocos discursivos e os narrativos: podemos olhar para os discursos de Jesus como respostas às circunstâncias expostas nos blocos narrativos, além de um momento de maior intimidade entre Jesus, seus discípulos e o leitor.

A narrativa, neste ponto, se aproxima do clímax, e após Jesus ter deixado seu ensinamento para a igreja, começa a narrativa da Paixão nos capítulos 19 a 23. Jesus continua surpreendendo seus seguidores e ouvintes/leitores de todas as

épocas: abençoa as crianças, que até para seus discípulos eram apenas um estorvo e fala sobre o perigo das riquezas, acentuando que esse não é um valor estimado no reino dos céus: “Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus”(Mt 19.23).

Jesus, ao contar a parábola das bodas, retrata a realidade: chamou os seus para fazerem parte do reino, mas como não aceitaram e o rejeitaram, neste momento o convite está aberto a todos: “Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes” (Mt 22.9).

No capítulo 23, Jesus fala duramente aos representantes do poder e atribui grande parte de sua rejeição aos religiosos: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entraís, nem deixais entrar os que estão entrando!” (Mt 23. 13)

Podemos observar que numa narrativa de aventuras e de costumes o cronotopo da estrada se enche do contexto social em que as personagens estão inseridas, porém sem tratar de sua vida cotidiana: “O personagem principal e os principais acontecimentos que decidem sua vida estão fora da vida cotidiana” (BAKHTIN, 1993, p. 242). Com exceção da cura da sogra de Pedro e da mãe de Jesus e seus irmãos que o procuram, o narrador de Mateus não oferece informações sobre o que acontece na vida privada de Jesus e seus discípulos e seguidores. Suas vidas giram em torno do cronotopo da estrada que representa suas vidas como um todo; esse caminhar é o movimento que dá sentido às suas existências.

Por fim, o quinto discurso, exposto nos capítulos 24 e 25, é conhecido como o Sermão Escatológico, e aborda, então, o fim dos tempos. O Sermão Escatológico aparece no evangelho de Marcos com algumas diferenças, porém, o material do capítulo 25 que inclui a parábola da Dez Virgens e a Parábola do Talento são material exclusivo de Mateus.

Jesus, ao descrever como será sua segunda vinda, esclarece o destino dos que aceitaram a mensagem do reino: “então, dirá o Rei aos que estiverem à sua

direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 24.34).

O destino daqueles que rejeitaram sua mensagem, porém, será bem diferente: “Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 24.41).

Nesse último discurso, Jesus deixa claro que a mensagem de seu reino agora se estende a todos que têm fé e sua origem, raça, gênero ou posição social não são excludentes na decisão de aceitação do evangelho: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações” (Mt 24.14).

O final do discurso, o capítulo 25, se refere ao grande julgamento na segunda vinda de Jesus:

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda. (Mt.25.31-33)

Nesse dia, haverá a separação dos justos, os que aceitaram a mensagem do reino e entrarão para o reino dos céus, dos que rejeitaram Jesus e irão para o fogo eterno: “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25.34); “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41).

Este quinto e último discurso, rigoroso e repleto de comoção, mostra a firmeza da missão e da mensagem de Jesus. O cronotopo da estrada nesse ponto se entrelaça com o cronotopo do reino revelando a relação entre o presente e o futuro dos participantes dessa missão: o reino dos céus pertence tanto ao presente quanto ao futuro; suas ações, valores e atitudes presentes determinarão seu destino futuro. Bakhtin aponta que o cronotopo da estrada “transforma-se despercebidamente numa metáfora da estrada, o caminho da vida, da alma que ora se aproxima de Deus, ora se distancia dele” (1993, p. 350). O quinto discurso figura

como um discurso de conclusão da mensagem do reino e é essa mensagem que os discípulos e o leitor devem guardar para viverem o fim da trama.

A última frase do discurso resume a ideia e faz a ligação com o último bloco narrativo do evangelho que inicia com o plano dos principais sacerdotes e anciãos do povo de tirar a vida de Jesus: “E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna” (Mt 25.46).

A conexão do bloco discursivo com o último bloco narrativo prepara o leitor para que avalie o clímax e desfecho da narrativa que relata a Paixão e Ressurreição de Jesus: o povo, o poder político, o poder religioso, os discípulos e seguidores e o leitor estarão incluídos nesse final e terão oportunidade de tomar suas posições em relação ao rei do reino dos céus.

Os blocos discursos e as falas de Jesus dentro dos blocos narrativos revelam sua identidade como Filho de Deus e sua cosmovisão e são destinados a expor o olhar do outro aos destinatários para provocar transformações de suas consciências. Todas as suas palavras são repletas de respostas a outras vozes e provocadoras de outras respostas e reações, como Bakhtin explica: “Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc)” (1997, p. 32).

Os capítulos finais de Mateus confirmam as predições de Jesus: seus discípulos e o leitor certamente relembram suas palavras que, se antes, provocaram, talvez, incredulidade, agora são mais uma prova da identidade do Cristo que possui onisciência.

No momento em que é traído por um de seus discípulos e preso, no encontro com a multidão que se aproxima com espadas e porretes, Jesus faz uma acusação: “Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um saltador? Todos os dias, no templo, eu me assentava (convosco) ensinando, e não aprendestes” (Mt 26.55). Para seus discípulos e para o leitor, essa verdade é contundente e os faz refletir: Jesus havia acabado de fazer seu quinto discurso em que declara que é imprescindível que cada um faça uma escolha em relação a seguir ou rejeitar as leis do reino e assim, ter a vida ou o castigo eternos.

Mais uma vez, as falas de Jesus ressoam toda a carga emotiva do cronotopo do encontro, ao mesmo tempo que o cronotopo da estrada, do encontro e do reino são ainda mais saturados de significado por causa das suas palavras. Bakhtin ao discutir que o cronotopo do encontro pode tornar-se um símbolo dentro do enredo afirma que “o motivo do encontro recebe matizes diferentes e concretos, inclusive emocionais e de valor (o encontro pode ser desejado ou indesejável, alegre ou triste, às vezes terrível e também ambivalente)” (1993, p. 222).

Ao longo da narrativa, vários encontros de Jesus com seus interlocutores são impregnados de emoção, declarações de fé, alegria pelos milagres recebidos, esperança e aceitação, enquanto outros encontros transparecem rejeição, acusação, deboche e cinismo.

No último bloco narrativo, Jesus é preso, abandonado pelos seus discípulos, crucificado e morto tingindo os cronotopos do encontro e do reino de desolação, escárnio e abandono.

Porém, as palavras da predição de Jesus voltam à mente dos discípulos e do leitor quando no terceiro dia após sua morte, ele ressuscita e, mais uma vez, o uso do presente do indicativo e do imperativo faz com que sua fala atinja o leitor. Seu comando se dirige a sua discípulos e ao leitor: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado (Mt 28.19-20a). Assim como sua promessa: “E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século”. (Mt 28.20b)

Vimos, então, como a estrutura do evangelho de Mateus, organizada com a alternância entre blocos narrativos e discursivos conectados por um fio de sentido que alinhava todo o enredo, contribui para a produção de sentido de uma narrativa de aventuras e de costumes pelo fato de envolver o leitor, prendê-lo à história e inseri-lo na trama. Pudemos observar como os blocos narrativos e discursivos se completam e se enchem de significação e de juízo de valores formando um círculo de respostas e reações que um bloco provoca no outro. Entendemos que o narrador de Mateus faz a opção de revelar a identidade e cosmovisão de Jesus através de

suas ações e palavras, o que aproxima o leitor da narrativa e exige mais de sua interpretação.



## 5 OS EFEITOS DOS CRONOTOPOS NO EVANGELHO DE MATEUS

Discutimos, no Capítulo 3, em primeiro lugar, a estreita relação estabelecida entre os gêneros literários e os cronotopos, o que Bakhtin resume afirmando que “pode-se dizer francamente que o gênero e as variedades de gênero são determinadas justamente pelo cronotopo” (1993, p.212). Pudemos concluir que o gênero de narrativa de aventuras e de costumes privilegia os cronotopos da estrada e do encontro.

No evangelho de Mateus, Jesus tem uma missão itinerante, como Northrop Frye comenta: "o próprio Messias era um errante e o Cristianismo não se centrava em Jerusalém do mesmo modo que o fazia o Judaísmo" (2004, p.194).

O protagonista percorre várias cidades e povoados, sendo que são mais relevantes do que o espaço geográfico os significados que esses lugares carregam. No *Guia Literário da Bíblia*, Alter e Kermode comentam:

É que simplesmente as relações espaciais e cronológicas dentro dos textos bíblicos sempre têm significado simbólico, correspondam ou não à realidade como comumente compreendida. A padronização é determinada por considerações estético-literárias e não por fatos históricos ou geográficos. (1997, p. 621)

O leitor, com o avançar da narrativa, pode perceber quais espaços representam a aceitação e identificação com Jesus e quais espaços representam sua rejeição e estranhamento. Em *Matthew - Storyteller, Interpreter, Evangelist*, Warren Carter discute que “o leitor discerne os significados dos diversos cenários ao interpretar o evangelho” (1989, p. 176, tradução nossa). De acordo com Chatman (1978, apud CARTER, 1989, p. 176), os cenários funcionam de diversas formas: fornecem um pano de fundo para ações e paixões; podem simbolizar a própria ação ou um contraste dessa ação; podem existir na imaginação da personagem ou transitar entre a imaginação e a realidade. Como dissemos, é possível para o leitor apreender as associações e temas relacionados aos cenários que compõem os

cronotopos da estrada.

Fazemos um parêntese aqui para lembrar que, quando Bakhtin analisa a interligação do cronotopo da estrada com o cronotopo do encontro, trata do deslocamento, do movimento e da travessia, signos que nos remetem diretamente à temática da viagem (1993, p.222). O cronotopo da estrada no evangelho de Mateus é tomado de uma forma simbólica, visto que Jesus é itinerante e percorre vários lugares geográficos, sinagogas, casas, montes, barcos, mar e não se refere apenas a estradas.

Vimos como o cronotopo da estrada, ou seja, o percurso que Jesus realiza apresenta um valor figurativo e temático, visto que fornece ao enredo um campo para que imagens possam ser formadas. É na estrada que acontecimentos inusitados da narrativa de aventuras e de costumes acontecem, ou seja, que a concretização da trama ocorre.

O cronotopo da estrada é o cenário onde ocorre o cronotopo do encontro, repleto de valor emocional e ético: os diálogos entre Jesus e uma gama de variadas personagens que revelam todo tipo de sentimento e emoção, despertando no leitor identificação ou estranhamento. É na estrada que Jesus, ao encontrar toda essa variedade de interlocutores, propõe a eles também um novo percurso: viver os valores do reino dos céus que são expostos ao longo da narrativa. Como já dissemos, Bakhtin afirma que o encontro é um dos acontecimentos formadores de enredo mais antigos e que sua ligação com o cronotopo da estrada é estreita e natural (1993, p. 223).

Os cronotopos também cooperam para a formação da identidade das personagens, à configuração da imagem do homem. Assim como os cronotopos oferecem o campo carregado de simbolismo e concretude para a formação das personagens, estas também acrescentam imagens e significados aos cronotopos com seus discursos e atitudes. Bakhtin afirma que tanto o enredo quanto as personagens são “forças criadoras que enformaram, humanizaram essa paisagem, fizeram dela um vestígio falante do movimento da história e, até certo ponto, predeterminaram inclusive sua marcha posterior” (2003, p. 253).

Temos, então, uma interação entre os cronotopos da estrada e do encontro que fornece concretude à trama e, por meio deles, a formação do terceiro cronotopo que identificamos como o cronotopo do reino, que, como vimos, está sendo inaugurado nesta aventura de missão, mas estará totalmente instalado apenas no futuro. Já comentamos, também, sobre a combinação e coexistência dos cronotopos e de seu caráter dialógico (BAKHTIN, 1993, p. 357), o que retrata o enredo de Mateus: a estrada, o percurso da missão itinerante de Jesus, é o local dos encontros e do ensino sobre o reino dos céus.

Ao final de sua explicação sobre o significado de cronotopo, Bakhtin afirma que “Não almejamos a totalidade nem a precisão de nossas formulações teóricas ou definições” (1993, p. 212). Usaremos dessa liberdade que o próprio autor nos dá para tratar do cronotopo do reino, que é apresentado no evangelho de Mateus.

Entendemos que o cronotopo do reino do evangelho de Mateus possa ser visto como um tipo de cronotopo do encontro. O reino dos céus pretende justamente ser o encontro de Deus com todos que creem nele e, como já mencionamos, Jesus está inaugurando esse reino que foi prometido no Antigo Testamento: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade. de ti me sairá o que há de reinar em Israel” (Mq 5.2). O cronotopo do reino desde o Antigo Testamento apresenta “a predominância do matiz temporal e distingue-se por um forte grau de intensidade do valor emocional e ético” (BAKHTIN, 1993, p. 349).

Pretendemos, neste momento, analisar trechos do evangelho de Mateus para olharmos mais atenta e minuciosamente a formação da identidade do protagonista por meio dos três cronotopos mencionados: da estrada, do encontro e do reino. Os três cronotopos apresentam uma relação dialógica e por esta razão serão analisados em conjunto também.

### 5.1 Jesus fala a seus seguidores: Análise de Mt 5.17-20

O cronotopo da estrada, que se liga ao cronotopo do encontro, tem um importante significado em literatura; de acordo com Bakhtin: “rara é a obra que passa sem certas variantes do motivo da estrada” (1993, p. 223). E mais. Bakhtin enfatiza que “em arte e literatura, todas as definições espaço-temporais são inseparáveis umas das outras e são sempre tingidas de um matiz emocional e ético” (1993, p. 349). No evangelho de Mateus, os encontros acontecem nas estradas, ou seja, no caminho que Jesus percorre deslocando-se para espalhar a mensagem do reino e sua fama atrai multidões que também se movimentam, ávidas por ver, conhecer e ouvir esse rei. Bakhtin assinala que “na estrada, cruzam-se num único ponto espacial e temporal, os caminhos espaço temporais das mais diferentes pessoas” (1993, p. 349).

O leitor irá testemunhar esses encontros, muitos totalmente inesperados, por todo o evangelho e terá a oportunidade de refletir sobre a causa do cruzamento desses destinos e, às vezes, conhecer o resultado do encontro. O narrador privilegiado de Mateus prefere fazer poucas interferências claras e diretas, porém, algumas informações que deseja salientar esclarecem pontos importantes da narrativa. São esses encontros que também oferecem a oportunidade do leitor conhecer gradativa e profundamente o rei do reino dos céus. O entrelaçamento dos cronotopos da estrada e do encontro, por serem casuais e não programados, são motivo propício para a revelação das opiniões sinceras, das reações legítimas.

No capítulo 4, o narrador fala sobre a missão itinerante de Jesus em um sumário: “Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4.23). W. D. Davies e Dale C. Allison (1988, p. 411-412) salientam a estreita ligação entre as palavras e as ações de Jesus que compõem a sua missão. De acordo com os autores, o evangelho de Mateus apresenta um considerável número de tríades, como podemos observar nesse versículo (Mt 4.23): Jesus ensina, prega e cura.

Em Mt 9.35, novamente o narrador descreve a missão de Jesus usando a mesma tríade: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades”. Segundo Davies e Allison a razão pela qual o narrador insiste em registrar em primeiro lugar o verbo “ensinar” mostra o interesse principal da missão do Jesus mateano (1988, p. 413).

Jesus mora em Cafarnaum (Mt 4.13) e vemos que desde o início de sua missão, não apenas ele percorre várias cidades e povoados, como multidões de outros lugares o seguem: “E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e dalém do Jordão numerosas multidões o seguiam” (Mt 4.25). Concordamos com Davies e Allison em relação a seu comentário de que a itinerância de Jesus serve de exemplo aos evangelistas cristãos (1988, p. 412):

Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem. (Mt 10.23)

Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua (Mt 26.13)

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo (Mt 28.19)

De acordo com Davies e Allison, o sumário de Mt 4 não apenas resume a missão de Jesus, mas enriquece a narrativa de diversas formas: “fornece uma continuidade narrativa, estende o tempo narrativo, expande o ambiente geográfico, cria uma imagem de movimento e realça temas centrais” (1988, p. 412, tradução nossa).

Jesus cura as multidões da Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e dalém do Jordão (Mt 4.25). Davies e Allison se perguntam se esses lugares onde reações de todos os tipos acontecem não podem ser considerados como exemplos do universalismo do evangelho (1988, p.413).

É nesse contexto de exemplo de Jesus sobre como o evangelho do reino deve ser proclamado que o primeiro discurso de Jesus, conhecido como o Sermão do Monte, é inserido. Como ressaltamos, é importante para a

compreensão da narrativa o significado do espaço em que ela ocorre. O leitor habituado à tradição bíblica reconhece montes e montanhas como lugares de encontro com Deus. Segundo Carter, em Mateus, “a montanha é um lugar de teste, revelação de autoridade e encontro com Deus” (1989, p. 179, tradução nossa).

No capítulo 4, por exemplo, na narrativa sobre a tentação de Jesus, Satanás o leva ao topo de uma montanha para tentá-lo acerca do poder, apesar de os reinos não serem seus para que os oferecesse: “Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares (Mt 4.8-9). Vemos que, nesse trecho, o monte é pano de fundo para testar Jesus que, como homem, rejeita o poder.

No capítulo 5, Jesus sobe em um monte para revelar sua autoridade perante seus discípulos e a multidão: é o único discurso que contém exclusivamente mandamentos de Jesus. De acordo com Ulrich Luz, “é, portanto, o conteúdo central da proclamação da missão de Cristo. Pode-se chamar o tema do discurso de ‘a retidão do reino dos céus’” (1989, p. 214, tradução nossa).

Segundo Davies e Allison, é totalmente apropriado e relevante o primeiro discurso ser feito em um monte:

quando Jesus sobe ao monte, está procurando um lugar que seja condizente com suas profundas palavras. Isto é, o caráter revelador do discurso demanda um local adequado ao seu conteúdo. O “monte das bem-aventuranças” é, portanto, um monte simbólico, “o monte da revelação”. (1988, p. 423, tradução nossa).

Jesus sobe no monte para se afastando das multidões para falar com seus discípulos. Porém, percebemos que os que dentre as multidões se interessam pelos ensinamentos de Jesus também sobem ao monte para ouvi-lo: “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina” (Mt 7.28).

Segundo Davies e Allison (1988, p. 419), as multidões apresentam diversas funções no evangelho de Mateus. Em primeiro e principal lugar, elas seguem

Jesus onde quer que ele vá e, por essa razão, indicam o carisma que o protagonista exerce sobre o povo. Em segundo lugar, as multidões se mostram abertas e receptivas, visto que muitas vezes demonstram deslumbramento, surpresa e reverência, como nesse trecho do final do Sermão do Monte (Mt 7.28) e outros:

Vendo isto, as multidões, possuídas de temor, glorificaram a Deus, que dera tal autoridade aos homens. (Mt 9.8)

E toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o Filho de Davi? (Mt 12.23)

De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então, glorificavam ao Deus de Israel. (Mt 15.31)

Em terceiro lugar, as multidões contrastam com os fariseus: Jesus condena os líderes judeus, porém, tem compaixão pelas multidões: “Desembarcando, viu Jesus uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os seus enfermos” (Mt 14.14); “Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.36).

Jesus, ao proferir seu primeiro discurso, se dirige a um ouvinte em especial: seus discípulos, escolhidos e chamados por ele e também aos seus seguidores que desejam mais do que apenas seus milagres. É a primeira vez no evangelho que a palavra discípulos aparece: “Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos”. Sabemos que até esse ponto da narrativa, apenas quatro homens foram chamados para seguir Jesus: Pedro e André (Mt 4.18) e os irmãos Tiago e João (Mt 4.21). Davies e Allison argumentam que provavelmente o grupo de discípulos deveria ser maior do que apenas os quatro, mas o importante e ponto chave para a narrativa é o contraste dos discípulos com a multidão; os discípulos representam os fiéis; são o símbolo dos que creem. (1988, p. 425). Entendemos que as multidões se dividem em dois grupos distintos: um grupo que anseia pelos milagres de Jesus e é movido pela curiosidade e um grupo que deseja conhecer e aprender com Jesus e é movido pela fé. Apesar de Jesus se afastar da multidão que se reúne à sua volta com o desejo de

conseguir benefícios, uma parte dessa multidão o segue para o ouvir e conhecer mais sobre o reino que ele anuncia.

Tezza, em seu artigo, *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*, afirma que “a palavra sempre se dirige a alguém; e a sua compreensão vai além do simples decodificar de um sinal, é uma compreensão ativa, uma resposta” (2005, p.32). O autor também fala que “a palavra só ganha vida concreta no espaço social entre o falante e o ouvinte” (2005, p. 199). O discurso de Jesus se concretiza no momento em que seus discípulos e seguidores param para escutá-lo e refletem sobre o que está sendo dito. Jesus, em seu primeiro discurso, fala sobre as leis do reino que está inaugurando e seu desejo é justamente ativar uma resposta em seus ouvintes (e leitores): que seus discípulos vivam essas leis, respondam a elas com suas atitudes e comportamento.

Luz sustenta que “O Sermão do Monte, portanto, não é ‘teologia’, mas ‘mandamento’ de Jesus, lei cumprida (Mt 5.17). Portanto, não somos, de maneira alguma, confrontados pela questão do verdadeiro ‘entendimento’, mas apenas pela questão mais profunda sobre a verdadeira prática do Sermão do Monte” (1989, v.1,p. 215, tradução nossa)

Em uma narrativa de aventuras e de costumes, as aventuras vividas pelo herói fazem parte de sua biografia: “é característica do romance a fusão do curso da vida do homem com seu caminho real e espacial, ou seja, suas peregrinações” (BAKHTIN, 1993, p.242). O leitor não recebe mais informações sobre a vida privada de Jesus, além do que foi relatado pelo narrador no início da narrativa: a concepção, o nascimento e o livramento recebido por Deus para que pudesse cumprir sua missão; a vida cotidiana de Jesus está completamente associada e mesclada com sua peregrinação.

Bakhtin afirma que “os signos da estrada são os signos do destino” (1993, p. 242), como podemos perceber pela narrativa de Mateus: a vida de Jesus resume-se à sua peregrinação pela estrada; tudo acerca de sua cosmovisão e identidade será revelado durante o percurso pela estrada.

No evangelho de Mateus, no primeiro bloco narrativo, o narrador relata acontecimentos que envolvem a vida familiar de Jesus: sua concepção



miraculosa, já que José e Maria não coabitavam (Mt 1.18) e as idas e vindas fugindo do rei Herodes para salvar Jesus (Mt 2. 13,19, 22). Apenas mais uma vez, a família de Jesus é mencionada quando sua mãe e irmãos o procuram: “Falava ainda Jesus ao povo, e eis que sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora, procurando falar-lhe. E alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te” (Mt 12. 46,47). Essas são as únicas ocasiões em que a família de Jesus é citada; nenhum outro fato referente à sua vida familiar é relatado; o importante para a narrativa são os encontros por essa estrada que representa a própria vida. A vida das outras personagens (discípulos e todas que Jesus encontra pelo seu caminho) também parece desenvolver-se separadamente da estrada: apenas o que é importante para os encontros com Jesus é revelado.

De acordo com Carter, o leitor assegurado percebe que a narrativa se origina em um tempo e uma cultura divergente da sua e que expõe os obstáculos da localização histórica. O evangelho de Mateus trata da vida cotidiana, costumes, padrões sociais, valores culturais e a experiência religiosa do mundo do primeiro século (1989, p. 6). Entendemos, porém, que a temática do cronotopo da estrada e do encontro é o que se sobressai no texto. O deslocamento e movimentação de Jesus que provocam os encontros e oferecem a oportunidade de Jesus falar sobre o reino dos céus é o que impulsiona a narrativa. Qualquer detalhe da vida cotidiana de Jesus, dos discípulos e dos que passam por essa estrada é revelado apenas se oferece pertinência ao motivo do encontro. No evangelho de Mateus, o foco não está na vida cotidiana das personagens e, sim, nos motivos de seus encontros. Exatamente como Bakhtin descreve a narrativa de aventuras e de costumes: “O personagem principal e os principais acontecimentos que decidem sua vida estão fora da vida cotidiana” (1993, p. 242).

Porém, o protagonista tem um objetivo concreto e caminha em direção a esse propósito, que só vai ser revelado bem mais a frente: “Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia” (Mt 16.21).

Nem o narrador, nem Jesus esclarecem porque era necessário Jesus passar por sofrimento, morrer e ressuscitar. Em Mt 1.21, o narrador afirma que “Ela (Maria) dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles”. O leitor sabe, então, que essa é a razão de seu nascimento, porém, a relação entre sua morte e ressurreição e a salvação do seu povo não é explícita. Os discípulos e o leitor, neste momento, não entendem a razão do sofrimento; ainda não fazem a relação entre o propósito de seu nascimento com sua morte e certamente ficam com essa declaração de Jesus na mente, aguardando que, talvez mais tarde, recebam uma explicação. O leitor é atraído mais ainda a este mundo imaginado que assemelha-se à vida no mundo real: não temos as explicações de tudo que acontece.

O trecho de Mt 5.17-20 recebe o título de “Jesus não veio revogar a lei, mas cumprir”<sup>16</sup>. Lembramos aqui que o texto original não possuía a divisão entre capítulos e versículos e nem os títulos, que foram adicionados para orientação do leitor.

Como vimos, os discursos de Jesus têm como destinatários seus discípulos e seus seguidores. Bakhtin insiste no caráter dialógico da linguagem: não só cada enunciado é carregado de vozes anteriores, como também, tem a pretensão de originar algum tipo de resposta, reação, uma “compreensão ativa”. A ideia do dialogismo está totalmente associada à teoria da exotopia que diz respeito à necessidade do outro para podermos nos enxergar por inteiro: a partir do que realizamos sobre o que o outro vê em nós, conseguimos nos ver de maneira diferenciada. Tezza afirma que, em certo ponto, o princípio dialógico decorre da exotopia: “eu só posso me imaginar, por inteiro, sob o olhar do outro” (1997, p. 221).

Jesus chama seus discípulos e seguidores ao arrependimento “porque está próximo o reino dos céus” (Mt 4.17) e seus discursos têm a intenção de despertar a consciência desses seus interlocutores sobre o significado de suas atitudes. Os discursos de Jesus são as impressões do outro sobre o comportamento dos discípulos, seguidores (e ouvintes e leitores) e permitem

---

<sup>16</sup> Título da versão da Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada. Na versão da Nova Tradução na Linguagem de Hoje, consta o título “A Lei de Moisés”.

a reavaliação da vida e da cosmovisão, tomada de consciência e, por fim, a transformação relacionada à narrativa de aventuras e de costumes.

Nesta narrativa de Mateus, seus discípulos foram os primeiros a se aproximarem, porém, o fato de Jesus ter subido ao monte mostra sua intenção de ficar mais bem localizado para que as multidões pudessem vê-lo e ouvi-lo.

Vejamos o trecho de Mt 5.17-20:

**17** Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. **18** Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. **19** Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. **20** Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.

Raymond Brown descreve o Sermão do Monte como a obra-prima do evangelho de Mateus e comenta: “Mais do que qualquer outro professor de moralidade, o Jesus mateano ensina com exousia, isto é, poder divino e autoridade, e através desse empoderamento é possível uma nova existência” (1997, p. 178, tradução nossa)

Após descrever as bem-aventuranças, ou seja, valores principais do reino dos céus, Jesus fala sobre como seus discípulos devem ser relevantes no mundo e passa a tratar das leis do reino. Primeiramente, ele ensina que as leis do reino dos céus são as próprias leis mosaicas e o que foi prescrito pelos profetas, não são leis novas de um governo que chega com o intuito de trazer mudanças e novidades. Davies e Allison comentam que a expressão “a Lei e os Profetas” era uma expressão tradicional que significava “As Escrituras” (1988, p. 484). No próprio evangelho de Mateus, a expressão é repetida mais duas vezes: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7.12); “Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22.40).

E, em segundo lugar, Jesus, como rei, também deve e se propõe a cumprir as leis. Os discípulos, as multidões e o leitor podem ver claramente

que o rei do reino dos céus não se assemelha em nada ao rei da época, Herodes, nem a qualquer outro rei. Segundo Brown, o trecho de Mt 5.17-48 “é marcante não apenas pela maneira como delinea o entendimento cristão sobre os valores de Jesus, como também, por sua cristologia implícita” (1997, p. 179, tradução nossa).

Também segundo Davies e Allison, Mt 5.17 significa que Jesus, que cumpre a Lei e os Profetas, os substitui e torna-se o centro da atenção: Jesus (o objeto significado) é naturalmente mais importante do que o signo (a Lei e os Profetas) (1988, p. 487).

Em meio a uma crise política e religiosa, Jesus fala sobre os valores do reino que devem fazer parte da vida dos que creem em qualquer situação. A Palestina do século I vive sob o império romano e o povo passa por uma crise de identidade e de liderança. Quando Jesus nasce, Herodes se preocupa quando magos do Oriente chegam para o adorar:

Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo. Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém (Mt 2.1-3)

Os poderes políticos e religiosos estão em luta por espaço e representação. Jesus não pretende participar dessa disputa e até o final da narrativa o rei Herodes, sacerdotes, escribas, fariseus e outros representantes dos poderes políticos e religiosos não entendem isso.

Entendemos que Mt 5.18 exerce no trecho a função de validar o versículo 5.17. A palavra grega “αμήν”, que inicia o versículo e é traduzida por “porque”, significa “amém” (Novo Testamento Interlinear, 2010, p.374) sendo sempre usada responsivamente em contextos cristãos e judaicos. O uso como uma fórmula introdutória, como nesse versículo (5.18) revela-se característico das falas de Jesus (DAVIES e ALLISON, 1988, p. 489).

Reforçando a ideia de que Jesus substitui a Lei e os Profetas, ressaltamos que se “até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei”, entende-se que o céu e a terra não são eternos e

quando passarem, a Lei também passará. Porém, em Mt 24.35, temos a afirmação de que as palavras de Jesus não passarão em tempo algum: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão”.

Jesus esclarece que as leis não vão mudar “até que tudo se cumpra” (Mt 5.18), expressão que os biblistas têm interpretado de duas maneiras de acordo com David Hill (1997, p. 118). A frase pode se referir à escatologia, ou seja, às profecias sobre a segunda vinda de Jesus, o final dos tempos. Davies e Allison acreditam que a frase significa até que a morte de Jesus inaugure a Nova Aliança, o que remete às profecias do Antigo Testamento, como vemos em Isaías 53:

Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido. Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos (Is 53. 4, 5, 8, 10)

Concordamos com Hill quando diz que a frase apresenta um objetivo e um propósito: “o cumprimento total da vontade de Deus: é para isso que existe a Lei e a validade da Lei serve a esse objetivo” (1997, p. 118, tradução nossa). Entendemos que Jesus propõe uma nova interpretação para a Torá e aponta que são as pessoas que devem passar por uma transformação.

Lembramos que na narrativa de aventuras e de costumes, a transformação e a identidade do homem estão inseridas no tempo “que envolve todo o destino da vida do homem” (BAKHTIN, 1993, p.237). Bakhtin afirma que é responsabilidade do homem, a transformação pela qual passa, esta é a base de toda a série de aventuras (1993, p. 241). A transformação e a nova identidade é que permitem que um homem entre no reino dos céus, e isso é possível com o auxílio de Deus.

Também existe uma discussão entre os biblistas sobre o versículo 19: “Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus;

aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus” (grifo nosso). Kilpatrick (1946, apud HILL, 1987, p. 118) acredita que o pronome demonstrativo “destes” se refere aos mandamentos que Jesus especifica nos versículos seguintes, enquanto Hill e Davies e Allison consideram que o pronome está relacionado com as Leis e os Profetas. A narrativa tem a sociedade do século I como o primeiro destinatário: são os primeiros ouvintes e leitores que conhecem as leis mosaicas e os profetas como os mandamentos de Deus e, por isso, acreditamos que o versículo 19 os remete a essas leis conhecidas deles.

Jesus também indica que não é porque as leis são falhas que a religião está enfraquecida e que os escribas e fariseus não são bons exemplos a serem seguidos. As leis de Deus são perfeitas e continuarão as mesmas: “nem um i ou um til jamais passará da Lei” (Mt 5.18). Jesus prega a humildade e a obediência a leis que protegem mais a outras pessoas do que a si próprios.

Os valores desse reino também são singulares já que os grandes para o reino são os que obedecem as leis de Deus e não os que têm algum tipo de poder. Jesus diz que veio para cumprir a lei e é isto que está ensinando, então, ele mesmo deve ser o exemplo para os discípulos, já que “aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus” (Mt 5.19b). Por outro lado, os escribas e fariseus que têm se colocado como exemplo para o povo estão totalmente equivocados, visto que: “Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus” (Mt 5.19a).

Jesus menciona, no último versículo, o poder religioso - os escribas e os fariseus - como um exemplo negativo e tem coragem para afirmar que esses e os que agirem como eles não entrarão no reino de Deus. Brown argumenta que “o Jesus mateano mostra a exigência de Deus não pelo descumprimento da Lei, mas requisitando uma observância mais profunda da Lei” (1997, p. 179, tradução nossa). Os fariseus e escribas não mostravam desconhecimento da Lei: apesar de conhecerem a Lei profundamente e a ensinarem, não a obedeciam.

Durante a narrativa, o cronotopo do reino vai sendo apresentado

gradativamente, e a identidade de Jesus vai sendo lentamente formada pelos cronotopos da estrada, do encontro e do reino. Nesse trecho, Jesus explica que entrarão no reino as pessoas que obedecerem às leis. É uma afirmação que certamente provoca uma série de reações emocionais e, provavelmente, contraditórias, se a situação política e religiosa for analisada. Em meio à crise, uma pessoa desconhecida que fala sobre outro reino talvez devesse, em primeiro lugar, cativar a multidão. Jesus, pelo contrário, começa a pregação sobre o reino dos céus, exigindo arrependimento e obediência. O narrador esclarece ao leitor, no início da narrativa, que esse homem que prega enquanto percorre as cidades é o Cristo, porém seus discípulos e seguidores estão começando a conhecê-lo e este mesmo leitor pode imaginar os sentimentos fortes e conflitantes que devem estar tomando conta das multidões. O cronotopo do reino vai provocar cada vez mais sentimentos e emoções fortes, profundas e confrontadoras nas personagens e no leitor.

Repetimos que Bakhtin insiste que “a escolha de todos os recursos linguísticos é feita pelo falante sob mais ou menos influência do destinatário e da sua resposta antecipada” (2003, p. 306). O leitor começa a perceber a situação ostensiva entre os fariseus e escribas e os representantes do reino dos céus no início do evangelho. Fariseus e escribas querem ser batizados e João Batista os afugenta: “Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento” (Mt 3.7-8). Os fariseus e os escribas, por serem a autoridade religiosa, parecem se sentir dispensados do cumprimento das leis e colocam-se apenas como conhecedores e fiscalizadores de sua obediência.

O primeiro discurso de Jesus tem o objetivo de revelar que as leis mosaicas permanecem e devem ser obedecidas com mais rigor e sempre tendo o outro em mente, ainda na inauguração do reino dos céus. Segundo Brown, o Jesus mateano mostra que Deus requer um cumprimento mais profundo da lei (1997, p.178). Podemos observar essa exigência de mais rigor pela frase inicial dos seguintes versículos e suas conclusões:

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento Mt 5.21-22.

Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. Mt 5.27-28.

Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos. Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Mt 5.28-36

Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; Mt 5.38-39

Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; Mt 5. 43-44

E para o ouvinte ou leitor que julgar impossível o rigoroso cumprimento das leis, o último versículo do capítulo, oferece a solução: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5.48). Isto é, o relacionamento com Deus possibilita o cumprimento das leis da maneira como Jesus demanda. Hill esclarece que o versículo, conclusão do capítulo, é baseado em dois versículos do Antigo Testamento: Deuteronômio 18.13, “Perfeito serás para com o SENHOR, teu Deus” e Levítico 19.2, “Fala a toda a congregação dos filhos de Israel e dize-lhes: Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo”. De acordo com Hill, “a ênfase não está em um caráter sem defeito, mas em uma verdadeira devoção à imitação de Deus” (1987, p. 131, tradução nossa).

Bakhtin, ao comentar sobre os princípios de Cristo, diz que “em todas as normas de Cristo contrapõe-se o *eu* e o *outro*: o sacrifício absoluto para mim e o perdão para o outro [...] Deus é para mim o que eu devo ser para o outro” (2003, p. 52). Jesus pode antecipar a reação dos seus ouvintes que provavelmente consideram difícil, ou talvez, impossível, o cumprimento das leis, mas mesmo assim, não hesita em exigir isso de seus ouvintes e incitá-los à transformação: somente através de uma exotopia produtiva, podemos



analisar e interpretar a visão de fora, o olhar do outro, e mudarmos nossa visão de mundo.

Podemos concluir que nessa estrada, que representa a própria vida, e nesses encontros, Jesus não tem a intenção de agradar as pessoas para convidá-las a ingressar em seu reino e, sim, de motivá-las à transformação, por meio de suas palavras, para poderem participar de seu reinado junto com ele.

## **5.2 Jesus atende a um centurião gentio: Análise de Mt 8.5-13**

Após fazer seu primeiro discurso, Jesus desce do monte, volta para sua cidade, Cafarnaum, e continua sua peregrinação, mostrando como pôr em prática o que ensinou em seu discurso. Segundo Brown, até este ponto Mateus apresentou Jesus como um “pregador e professor do reino - um Messias da palavra”. A partir desse ponto, a narrativa se concentra “nas grandes obras (os milagres) de Jesus produzidos por meio de suas palavras” (1997, p. 181, tradução nossa).

O capítulo 8 pertence a um bloco narrativo em que o narrador relata vários encontros de Jesus; primeiramente, Jesus realiza três curas que envolvem: um leproso (Mt 8.1-4), o servo de um centurião (Mt 8.5-13) e a sogra de Pedro, seu discípulo (Mt 8. 14-15). Davies e Allison salientam que as narrativas sobre essas três curas mostram um movimento de Jesus:

Ora, descendo ele do monte, grandes multidões o seguiram (Mt 8.1)

Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião (Mt 8.5)

Tendo Jesus chegado à casa de Pedro, viu a sogra deste acamada e ardendo em febre.(Mt 8. 14)

O movimento de Jesus mostra sua disposição e propósito em cumprir sua missão: esse deslocamento representa o interesse de espalhar a mensagem do reino por meio de suas palavras e atos que são congruentes. Os destinatários dos milagres de curas feitos por Jesus também revelam sua compaixão pelas minorias da sociedade judaica: um leproso, um jovem gentio e uma mulher.

Ao observarmos o início do capítulo 8, encontramos uma personagem

surpreendente que se aproxima de Jesus: um leproso. Considerado impuro física e espiritualmente de acordo com a lei mosaica, como já vimos, essa personagem é marginalizada e permanece isolada da família e de toda a sociedade. Esse leproso demonstra sua fé e pede a Jesus: “Senhor, se quiseres, podes purificar-me”. Essa é a primeira vez no evangelho de Mateus que uma pessoa, ao encontrar-se com Jesus, o chama de “Senhor”. Logo após esse encontro, Jesus entra em Cafarnaum e o centurião também o chama de “Senhor”. O leitor pode começar a perceber como marginalizados e pessoas representantes do poder se sentem atraídas por Jesus e são tratadas da mesma forma. Outro aspecto a ser destacado é a variedade de personagens inusitadas que aceita a mensagem que Jesus espalha pela estrada que percorre. Esses encontros, entre outros, segundo Brown (1997, p. 181), convergem para a constatação de que “A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara” (Mt 9.37-38). Esses últimos versículos do bloco narrativo precedem a escolha dos doze apóstolos.

Vejamos a passagem:

5 Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião, implorando:  
6 Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, parálítico, sofrendo horrivelmente.  
7 Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo. 8 Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado. 9 Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz. 10 Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta. 11 Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. 12 Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes. 13 Então, disse Jesus ao centurião: Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E, naquela mesma hora, o servo foi curado.

Nesse trecho, Jesus acaba de entrar em sua cidade, lugar que o leitor entende como um lugar familiar e de aceitação de sua mensagem. Porém,

quem imediatamente se aproxima de Jesus é um centurião<sup>17</sup>, personagem que o leitor também pode imaginar como sendo de oposição. No século I, o Império Romano controlava Israel, trazendo violência, paganismo e altos impostos. A carga emocional e ética do início da narrativa já chama a atenção do leitor. É do centurião, representante do poder romano, a iniciativa de se aproximar de Jesus logo que este entra na cidade. Percebemos, então, que o centurião apresenta uma grande disposição em conseguir ajuda porque vai falar com Jesus em público. O centurião, portanto, não se preocupa com a repercussão de seu ato. Lembramos que Jesus está sempre acompanhado de seus discípulos e, geralmente, há uma multidão que o segue.

Este encontro e diálogo vão ser comentados por toda a cidade, porém o centurião parece não se preocupar. Mais surpreendente ainda é o narrador informar que o centurião não apenas implora, como chama Jesus de Κύριε, “Senhor”: “apresentou-se-lhe um centurião, implorando: Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, parálítico, sofrendo horrivelmente” (Mt 8.5).

Carter comenta os nomes usados para se referirem ou chamarem Jesus e os significados desses títulos. Segundo o autor, o vocativo “Senhor” geralmente é usado por aqueles que se aproximam de Jesus reconhecendo sua autoridade como enviado de Deus. Além disso, o vocativo costuma aparecer juntamente com os verbos que também demonstram a reverência pelo enviado de Deus. Carter afirma que “o ouvinte / leitor identifica vários aspectos a partir do uso do termo ‘senhor’: a autoridade de Jesus, o relacionamento especial entre Jesus e seus discípulos, sua misericórdia, seu poder sobre a natureza, doenças, tradição e morte e seu papel no ensino dos discípulos” (1996, p. 199, tradução nossa).

Concordamos com Davies e Allison que entendem que o advérbio “terrivelmente” não apenas designa a severidade da doença, como revelam a magnitude do ato da cura (1991, p.21). Neste ponto, o leitor percebe que o

---

<sup>17</sup> Um centurião era o oficial responsável por uma centúria romana, isto é, cem soldados rasos. O centurião geralmente era um militar comum que havia sido promovido. Suas responsabilidades eram muitas e incluíam comando de campo e supervisão das penalidades capitais. (DAVIES e ALLISON, 1991, p. 10).

centurião tem humildade para pedir ajuda, tem grande consideração por um criado e fé para acreditar que Jesus tem poder para curar seu criado. É importante ressaltar que o narrador não oferece quase informação alguma sobre esse centurião: seu nome não é revelado, nem outra informação pessoal. O narrador não relata se ele é casado, se mora ali, nem informação alguma sobre o criado exceto sua condição física. As lacunas da narrativa são espaços abertos que convidam o leitor a preenchê-los. Segundo Marguerat e Bourquin, “a ausência proposital de precisões é um meio seguro de programar o efeito de uma narrativa. O texto fala tanto pelo que diz como pelo que não diz” (2009, p.157).

Essa estratégia do narrador contribui para uma identificação do leitor com as personagens: a caracterização mínima oferece uma possibilidade de real existência da personagem. Marguerat e Bourquin explicam que “a força do personagem é um efeito da leitura, o que quer dizer que ela nasce entre o texto e o leitor; é o leitor que adota tal figura da narrativa ou investe nela uma expectativa, uma esperança, uma interrogação” (2009, p.84). A economia de informações sobre as razões e motivações das personagens tem dois efeitos. Em primeiro lugar, cria uma sensação de ambiguidade nas personagens que lhes dá verossimilhança. Em segundo lugar, a imprevisibilidade da personagem a aproxima o leitor que passa a estudá-la. O leitor, estando mais ligado à personagem, também se conecta mais à narrativa.

Somente três informações são importantes e valorizadas: sua posição como representante do império romano, o cuidado que ele tem com seu criado e o fato de ele acreditar que Jesus pode curá-lo. Observamos como o cronotopo do encontro é repleto de valor emocional e ético: o narrador pretende que o encontro de Jesus com o centurião leve o leitor à reflexão sobre a atitude de cada um deles nessa cena.

Para Jesus, o fato de o centurião se aproximar, chamá-lo de “senhor” e implorar ajuda é suficiente. Ao ouvir o pedido do centurião, sem fazer qualquer

pergunta, Jesus simples e diretamente responde: “Eu irei curá-lo” (Mt 8.7).

Bakhtin diz que:

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas antipatias e simpatias - tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. (2003, p. 302)

O centurião acredita que sua iniciativa, desprendimento e súplica serão suficientes para Jesus compreender sua fala e aceitar seu pedido. O centurião sabe sobre o que Jesus tem falado e do poder que tem demonstrado e surpreendentemente, demonstra uma fé notável quando tem certeza da cura ao abordar Jesus e ao dizer que apenas a palavra de Jesus será suficiente: o oficial acredita que apenas um comando de Jesus irá curar seu criado. De acordo com Hill (1997, p. 158), a fé demonstrada pelo centurião aponta para “a falta de fé entre os judeus”, o que intensifica o peso da narrativa: a multidão e os discípulos que certamente estão ao redor de Jesus se surpreendem com a fé e coragem desse centurião.

Nesse momento, o cronotopo do encontro é sobrecarregado de valor emocional e ético. Para Bakhtin, na esfera religiosa, o motivo do encontro desempenha um dos principais papéis e liga-se a outros motivos como buscas, descobertas, reconhecimento, não reconhecimento, separações, etc (1993, p. 222-223). O cronotopo do encontro reveste-se ainda mais de sentido e contribui para a composição do enredo, quando o centurião diz “Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado” (Mt 8.8).

Neste momento, Jesus, os discípulos, as pessoas ao redor e o leitor podem dimensionar a fé do soldado romano; ele não apenas acredita que Jesus pode curar o criado paralítico que sofre horrivelmente, mas pode curá-lo à distância e apenas com suas palavras. Para Davies e Allison, a menção do vocábulo “palavra” ajuda a ligar o ensino de Jesus com seu ministério de cura.

Ambos são identificados pelo mesmo *logos*. Os autores ressaltam que “deve ser lembrado que apesar de os capítulos 8 e 9 tratarem principalmente de relatos de milagres, são intercalados com ensino. Portanto, os dois são inseparáveis. Palavra e ação são um” (1991, p. 36, tradução nossa).

De acordo com Davies e Allison, o fato de o gentio ser um centurião também destaca o valor e autoridade das palavras. “Se, como militar, o centurião que está sob autoridade, é capaz de exercer poder com uma palavra, quanto mais Jesus, que não está sujeito a nenhuma autoridade terrena” (1991, p. 23, tradução nossa).

É importante também o fato de o centurião chamar Jesus de “Senhor” novamente: o centurião reforça a autoridade e poder de Jesus sobre as doenças que eram ligadas ao pecado. Por duas vezes, também, Jesus menciona a grandeza da fé do gentio: “Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta” (Mt 8.10) e “Vai-te, e seja feito conforme a tua fé” (Mt 8.13).

Hill ressaltava que a expressão “não sou digno” remete à tradição litúrgica, e em especial à Eucaristia, em que essas palavras são usadas para confissão de pecados perante Deus. “Aqui provavelmente indicam uma atitude de respeito da parte do centurião: ele provavelmente diria essas palavras a qualquer pessoa de quem dependesse absolutamente. Porém, ele conhece a eficácia de uma palavra cheia de autoridade. Confia na palavra de Jesus” (1997, p. 158, tradução nossa).

Alter comenta sobre o precioso valor da palavra em toda a Bíblia, começando pelo fato de Deus ter criado o mundo com palavras e que são as palavras que distinguem o homem das demais criaturas e acrescenta: é com palavras que cada qual revela sua natureza singular, sua disposição para estabelecer pactos com os homens e com Deus, seu poder de controlar os outros, de enganá-los, de se solidarizar com eles e de lhes ser sensível (2007, p.111).

Entendemos que esta é uma das razões pelas quais o narrador resolve transcrever as palavras de Jesus e do centurião neste diálogo: são elas que carregam ainda mais o cronotopo do encontro de valor emocional e ético e, com isso, não apenas o leitor é atraído e inserido na cena, como as palavras têm a possibilidade de continuar repercutindo e incitando reações no futuro.

Ao ouvir a declaração de fé do centurião pagão, Jesus ressalta a importância da fé, no caso de um gentio que representa o ponto principal da narrativa: “Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mt 8.11-12). Davies e Allison enfatizam que é raro no evangelho de Mateus a indicação do estado emocional de Jesus e por essa razão, é significativa a maneira como Jesus expressa a nobre simplicidade da fé do centurião (1991, p. 24).

Jesus, ao se surpreender com a grande fé do centurião, superior à fé encontrada em Israel, revela que pessoas de toda parte farão parte do reino juntamente com exemplos de fé cujas histórias estão narradas no Antigo Testamento: Abraão, Isaque e Jacó. Jesus menciona não apenas os exemplos de fé, como também a origem dos que se reunirão no reino.

A expressão “do Oriente e do Ocidente”, abundantemente usada no Antigo Testamento, costuma ser interpretada como “por todo o mundo”. Alguns exemplos:

E a tua descendência será como o pó da terra, e estender-se-á ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul, e em ti e na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra. (Gn 28.14)

E os que congregou das terras do oriente e do ocidente, do norte e do sul. (Sl 107.3)

Assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis que salvarei o meu povo tirando-o da terra do oriente e da terra do ocidente. (Zc 8.7)

Não temas, pois, porque estou contigo; trarei a tua descendência desde o oriente, e te ajuntarei desde o ocidente.

(Is 43.5)

Nesse trecho, Jesus também anuncia que “muitos” não judeus entrarão no reino. O centurião, os discípulos e os seguidores ali reunidos imediatamente percebem a importância da demonstração de fé que acontece ali: “os signos se revestem de sentidos próprios, produzidos a serviço dos interesses daquele grupo (MIOTELLO, 2012, p. 171).

Além de afirmar que o centurião e todos que tenham fé estarão reunidos no reino dos céus, Jesus revela e antecipa que muitos que seriam considerados pretendentes naturais, os filhos do reino, o povo de Israel, serão banidos e condenados ao sofrimento: choro e ranger de dentes. Provavelmente, os discípulos se admiram e não compreendem porque Jesus, ao inaugurar o reino dos céus na terra e convidar as pessoas a fazerem parte desse reino, sentencia justamente os “filhos do reino” à condenação. Na verdade, João Batista já havia dito que os filhos de Deus podem aparecer nos mais inesperados lugares: “porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão” (Mt 3.9).

Percebemos que nos versículos 11 e 12 o narrador enfatiza o contraste entre a fé de um gentio e a descrença dos “filhos do reino”. Davies e Allison (1991, p. 27) esclarecerem que a expressão “filhos do reino” não deve ser interpretada apenas como uma oposição aos gentios, ou seja, todos os judeus; mesmo porque Jesus, seus discípulos e talvez o próprio escritor de Mateus eram judeus. Isso torna inacreditável a afirmação de que Israel como um todo estaria condenado e lançado “para fora, nas trevas” (Mt 8.12).

Concordamos com Davies e Allison que acreditam que Jesus, na verdade, está reafirmando e antecipando o que irá acontecer na narrativa: a rejeição da mensagem por “muitos judeus privilegiados e sábios que viveram na terra de Israel, viram Jesus, porém, não acreditaram nele” (1991, p. 26, tradução nossa). Ao falar sobre os “filhos do reino” nesse trecho, Jesus deseja



chamar a atenção para o fato de que justamente a maioria dos judeus que conhece a Lei e os profetas, vê os milagres e ouve as palavras de Jesus rejeita sua mensagem. Porém, desde o início da narrativa, o narrador esclarece que “seu povo” (Mt 1.21), na verdade, inclui judeus e gentios: a genealogia de Jesus mostra a inclusão de judeus e dos gentios por sua seletividade, os reis magos que vem para adorá-lo e vários exemplos de gentios que demonstram fé por toda a narrativa, como a mulher cananeia que tem sua fé elogiada por Jesus: “Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã”. (Mt 15.28)

Carter comenta que os três primeiros capítulos do evangelho de Mateus mostram a soberania e o ponto de vista de Deus que está presente em toda a narrativa (1989, p. 135). Por todo o evangelho de Mateus, várias convenções, como citações e cumprimento de promessas do Antigo Testamento, anjos, curas, associações de personagens do Antigo Testamento com Jesus, títulos dados a Jesus, cooperam para que o leitor possa ser lembrado de como o ponto de vista de Deus está presente no texto. Uma dessas convenções são os testemunhos de outras personagens e a narrativa sobre a fé do centurião, ao reconhecer a autoridade de Jesus, reforça o ponto de vista de Deus ao exibir um testemunho positivo a Jesus.

Portanto, gradativamente, o leitor reconhece quem são, de fato, os filhos do reino: os que acreditam que Jesus é o Cristo e demonstram fé no seu poder e autoridade. O narrador de Mateus destaca não apenas o contraste entre gentios crentes e judeus descrentes como entre judeus privilegiados e marginalizados. Assim, aos poucos, o cronotopo do reino se forma: por meio de citações e promessas do Antigo Testamento e pelos eventos, ações e palavras de Jesus na narrativa.

Carter comenta como um evento antecipa outro evento ou o enfatiza posteriormente na narrativa ao partilhar características similares (1989, p. 153). Concordamos com o autor que cita como um dos exemplos dessa estratégia a relação entre a narrativa do centurião e o último mandamento do

Jesus ressurreto: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19).

Nesse ponto da narrativa, o cronotopo da estrada, do encontro e do reino se enchem de significado, de valor emocional e ético e de concretude. Repetimos que o cronotopo fornece um “terreno substancial à imagem-demonstração dos acontecimentos” (1993, p. 355). Os principais cronotopos do evangelho de Mateus, os cronotopos da estrada, do encontro e do reino, propiciam as cenas carregadas de emoção, verossimilhança, e possibilidades de identificação e confrontação para o leitor.

Bakhtin discorre sobre como a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social e esses fatores são espontaneamente revelados e entendidos em um diálogo. Todos esses aspectos, todas as particularidades da enunciação, formam o processo interativo que acontece na produção de um diálogo (BRAIT, 2005, p. 67). Quando Jesus menciona os homens de fé do Antigo Testamento e nomeia as regiões do Oriente e do Ocidente, sua fala adquire um significado e uma simbologia extremos para o centurião e para todos que estão reunidos ali, imortalizando a cena; esse é o caráter imagístico do cronotopo, ou melhor, dos cronotopos da estrada, do encontro e do reino que se complementam e se fundem. E isso somente é possível porque o falante Jesus e todos os ouvintes reunidos ali conhecem a relevância e o sentido dessas palavras que “nesse sentido, funcionam como agente e memória social, pois uma mesma palavra figura em contextos diversamente orientados” (MIOTELLO, 2012, p. 172). Apesar da opção do narrador de não emitir comentários diretos sobre as personagens e a trama, o leitor ativo, à medida que acompanha a narrativa, gradativamente se inteira dos signos partilhados pela comunidade de Jesus e pode avaliar a carga significativa e emotiva que as enunciações carregam.

Tezza comenta que “toda palavra concreta (pensada, falada, escrita, sussurrada, imaginada, sonhada) está vestida, impregnada, banhada de significados sociais concretos prévios sobre os quais colocamos nossa orientação” (2003, p. 32). O narrador de Mateus, ao optar pela transcrição do

diálogo e desses referenciais, não somente farta os cronotopos de relevância, já que nesses signos ressoam vozes do passado, como provoca confrontação para os ouvintes/leitores do presente da narrativa e de futuros possíveis.

Jesus se dirige aos seus discípulos e à multidão quando exprime sua admiração pela fé do centurião: “Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta” (Mt 8.10). Após seu comentário sobre esse exemplo de fé, Jesus se volta para o centurião: “Então, disse Jesus ao centurião: Vai-te, e seja feito conforme a tua fé.” (Mt 8.13a). O narrador deixa claro que a ênfase do desfecho da narrativa recai sobre a conclusão de que a fé traz cura. Jesus ensina que tudo depende da fé do centurião e o narrador decide mostrar sua onisciência e relata que “naquela mesma hora, o servo foi curado” (Mt 8.13b).

Podemos observar, por essa narrativa, como as causas e efeitos giram em torno dos cronotopos e a imagem do homem se revela: por meio da tensão discursiva estabelecida no encontro durante a peregrinação de Jesus pela estrada, o leitor conhece mais de Jesus e do que é esperado dos pertencentes ao reino dos céus. Outro ponto a ser comentado é que no entrelaçamento dos cronotopos da estrada e do encontro, o cronotopo do reino vai sendo revelado e se saturando de sentido. São nos encontros de Jesus com outras personagens pela estrada que percorre, que o cronotopo do reino se manifesta. Vimos como o significado dos nomes Abraão, Isaque e Jacó e da expressão do Oriente ao Ocidente são saturados de sentido e ganham vitalidade porque se referem a um determinado espaço-tempo. O mesmo ocorre com o cronotopo do reino que foi anunciado no Antigo Testamento e agora começa a se concretizar.

### **5.3 Jesus ensina por meio de parábolas: Análise de Mt 13.1-19**

Jesus, seus discípulos e as pregações sobre o reino causam divisão e temor pela perda do poder entre os religiosos e políticos. O capítulo 11 de

Mateus mostra o auge do ministério de Jesus que é descrito assim: “Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (Mt 11.4-5).

Entendemos o início do capítulo 11 como o auge do ministério devido à evolução da narrativa: os primeiros dois discursos, Caps 5-7 e Cap10, esclarecem como a Lei e os Profetas devem gerar mudança de vida e os milagres de Jesus relatados nos capítulos 8 e 9 mostram como Jesus vive de acordo com esses ensinamentos. Como alternativa à organização do evangelho em blocos narrativos e blocos discursivos, Carter propõe a seguinte estrutura parcial: os capítulos 1 a 4 mostram o comissionamento de Jesus para cumprir o plano de Deus; em seguida de 4.17 a 11.1, vemos como Jesus cumpre esse plano; de 11.2-6 a 16.20, temos o significado das ações e palavras de Jesus revelando sua identidade e demandando uma resposta. (1989, p. 164). Carter, ao discutir os pontos centrais da narrativa, comenta que o leitor identifica o trecho de 11.2-6 como um dos pontos centrais já que toca a questão crucial da identidade de Jesus como o Cristo.

Davies e Allison argumentam que o capítulo funciona como um balanço da missão de Jesus em relação à missão de João Batista, seu aparente fracasso e seu verdadeiro êxito.

No capítulo 12, a notoriedade de Jesus desperta a reação das autoridades religiosas e políticas que se colocam francamente opostas à mensagem do reino. Ao presenciarem mais um milagre de Jesus, por exemplo, fariseus o acusam de fazer milagres por meio do poder do diabo e não de Deus: “Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expelle demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios” (Mt 12.24).

A narrativa começa a salientar, então, as reações contrárias a Jesus e sua mensagem; as multidões o seguem para obterem milagres, mas não querem comprometimento com esse reino ou mudança de vida:

Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: “Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. (Mt 11.20-21)

Vemos a oposição clara dos líderes religiosos quando recriminam o fato de Jesus realizar curas no Shabat, descanso semanal do judaísmo, que relembra o sétimo dia em que Deus descansou após a criação<sup>18</sup> (Mt 12. 9-14). Ao final desse encontro “na sinagoga *deles*” (grifo nosso), há o rompimento final entre os fariseus e Jesus: “Retirando-se, porém, os fariseus, conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida” ( Mt 12.14). E, em seguida, atribuem seus poderes a satanás (Mt 12.24) e não reconhecem as obras de Jesus como evidência da presença do Espírito e do reino de Deus (Mt 12.28). Salientamos aqui o claro propósito de o narrador salientar a oposição dos fariseus, visto que a narrativa do episódio em Marcos e Lucas não mencioná-los. Comparemos as narrativas:

Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expele demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios.(Mt 12.24)

Os escribas, que haviam descido de Jerusalém, diziam: Ele está possesso de Belzebu. E: É pelo maioral dos demônios que expele os demônios.(Mc 3.22)

Mas alguns dentre eles diziam: Ora, ele expele os demônios pelo poder de Belzebu, o maioral dos demônios .(Lc 11.15)

Acreditamos que a decisão de optar por nomear os fariseus, ao invés de “muitos” ou “escribas”, seja pelo fato de os fariseus serem os principais opositores à missão cristã, como afirma Hill (1987, p. 215). Já Luz ressalta que “Mateus quis destacar um único grupo de opositores de cada vez para melhor mostrar como a ruptura entre Jesus e os seus adversários atingia os principais representantes do judaísmo” (2005b, p. 153, tradução nossa).

Os capítulos 11 e 12 mesclam curas com exortações e, segundo Luz; formam um prelúdio para a separação entre Israel e a comunidade com a qual Mateus posteriormente termina seu evangelho (28.11-15, 18-20). As palavras ameaçadoras de Jesus são endereçadas ao Israel que sela o seu próprio

---

<sup>18</sup> “E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito” (Gn 2.2).

destino quando rejeita Jesus (2005, p. 62, tradução nossa).

De fato, o ataque dos fariseus revela o que esses adversários realmente são, de acordo com Hill (1987, p. 218): “uma geração má e adúltera” (Mt 12.34).

É no meio dessa tensão e saturação de sentido e teor emocional e ético dos cronotopos da estrada, do encontro e do reino que o narrador dá a palavra a Jesus que conta a Parábola do Semeador. Alter enfatiza que o uso do discurso direto para esclarecer situações:

[...] os escritores bíblicos muitas vezes estão menos interessados nas ações enquanto tais do que em como os personagens as praticam ou reagem a elas; e o discurso direto é o principal instrumento para revelação de respostas, variadas e às vezes sutis, dos personagens às ações em que estão envolvidos (2007, p.106).

Existem várias parábolas situadas dentro da narrativa do evangelho que são contadas por Jesus, não enquanto personagem, e sim, enquanto narrador. O narrador em terceira pessoa do evangelho decide contar uma parábola e cede a voz à personagem que assume essa narração. O gênero parábola não está à disposição da personagem; é o narrador que constrói textos dentro do texto principal.

Esse recurso da metalinguagem é chamado de *mise en abyme*, que é definido por Lucien Dallenbach como “[...] todo fragmento textual que mantém uma relação de semelhança com a obra que o contém” (1979, p.18). O *mise en abyme* transforma a narrativa em que é incluído e funciona como um reflexo, um espelho da obra que o inclui. Esse procedimento, também, exige uma maior participação do leitor como ensina Dallenbach: “O objetivo desse recurso seria pôr em evidência a construção da obra. Ao ler um relato construído dentro de outro, o leitor seria levado a pensar que o primeiro relato também é uma construção, não um universo paralelo. (apud PINO, 2004, p. 160). Dallenbach comenta que não só o *mise en abyme* demanda uma interpretação do leitor como possui grande poder de coesão interna (1979, p.67).

Como já vimos, os blocos discursivos tornam o texto mais interpretativo, exigem mais do leitor. O recurso do *mise en abyme* chama ainda mais a atenção do leitor como comentam Marguerat e Bourquin: "o processo de encaixe de uma narrativa em outra é o instrumento de uma estratégia narrativa cujo alvo é o leitor; a integração de um episódio no interior de uma história mais vasta visa a permitir uma migração de informações [...]" (2009, p.70). As duas histórias entrelaçadas mostram uma característica do narrador que, apesar de onisciente, decide não apresentar as razões para várias atitudes, fazendo o leitor apropriar-se da mensagem e elaborar suas conclusões. O *mise en abyme*, então, é mais uma estratégia que abre espaço para o leitor de qualquer época que tenha contato com a narrativa.

Neste ponto da narrativa, como já comentamos, as reações contra Jesus e sua mensagem aumentam e o narrador sente a necessidade de explicar o porquê da situação.

A narração de Jesus dentro da narrativa principal tem o objetivo de trazer o assunto da rejeição à tona e, ao fazer uso de uma parábola, colocar o ouvinte/leitor para refletir sobre o assunto.

Brown, comentando sobre o capítulo 13, destaca que: "as parábolas servem como um comentário diversificado sobre a rejeição de Jesus pelos fariseus nos dois capítulos precedentes" (1997, p. 185-186, tradução nossa).

Segundo Hill, "as parábolas do evangelho não são alegorias cujos mínimos detalhes devem ser interpretados, mas histórias didáticas que apresentam um ponto essencial" (1987, p. 223). O autor esclarece que o foco da Parábola do Semeador não está sobre como as pessoas deveriam ouvir a palavra de Deus, mas no fato de que "o Reino de Deus certamente virá, com uma colheita além das expectativas, porém, por meio de fracassos, desapontamentos e perdas" (1987, p. 225).

Carter comenta que as parábolas do reino do capítulo 13 confirmam e, portanto, desafiam, e repetem e, portanto, renovam a experiência dos leitores sobre o reino dos céus" (1996, p. 248, tradução nossa).

Davies e Allison também concordam que "o capítulo tem como tema o reino dos céus e sua recepção no mundo. O assunto aparece para ser tratado

nesta conjuntura do evangelho devido `a rejeição sofrida por Jesus e seus discípulos até esse momento” (1991, p. 375).

Acreditamos que as parábolas do capítulo 13 são ensinamentos para os discípulos que esclarecem que a rejeição de Jesus e sua mensagem pela maioria dos judeus e pelos líderes religiosos não surpreende Jesus e que eles devem permanecer firmes em sua fé.

Lembramos que Bakhtin diz que “a passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (2003, p. 268). Já mencionamos que Bakhtin, ao comentar sobre estilo e tom dos gêneros do discurso, afirma que essa dinâmica refere-se à comunicação oral e ao discurso escrito e lido (2003, p. 272). A recepção do texto pelo leitor ocorre de diferentes maneiras à medida que o narrador muda de gênero, varia entre narrativa e discurso e tempo verbal.

É por causa da necessidade que o falante tem de adequar sua linguagem às diferentes situações, interlocutores e objetivos de sua fala, que este emprega diferentes estilos e gêneros de discurso. O narrador decide que as parábolas serão mais significativas para o momento em que Jesus, mesmo em um contexto de declarada rejeição por parte dos líderes religiosos, está cercado de grandes multidões que desejam ouvir sua mensagem e cede a palavra a Jesus.

Hill salienta que o método didático de usar parábolas era característico de Jesus e uma maneira comum de ilustração usado pelos judeus: as parábolas do evangelho de Mateus são similares na forma às contadas pelos rabinos (1987, p. 224). O fato de o narrador escolher esse gênero para esclarecer a rejeição das autoridades religiosas aproxima Jesus de seus ouvintes; o que nos lembra da relação entre a tarefa de sujeito do discurso que foca no seu interlocutor (BAKHTIN, 2003, p. 289).

Entendemos que uma narrativa de aventuras e de costumes oferece uma abertura para a contação de histórias que perpetue uma mensagem. É comum, no gênero da aventura, que o herói se veja em uma situação em que esteja rodeado de pessoas com a atenção voltada para ele e que ele pare para



contar uma história cheia de sentido e lições para esse público em particular.

Como Bakhtin enfatiza, um discurso tem sentido somente se for uma resposta (a outro discurso). Bakhtin diz que “cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta dos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de ‘certo modo os leva em conta” (2003, p. 297). Jesus deseja esclarecer o porquê de diferentes reações a ele e sua mensagem e, para isso, coloca os ouvintes da narrativa e ouvintes e leitores posteriores a refletir sobre a parábola e também a tomar posição: E eu? Que tipo de solo eu sou? Qual o sentido da mensagem de Jesus para mim? Essa mensagem responde a minhas perguntas?

Desde os primeiros capítulos de Mateus, o leitor aprende a confiar nesse narrador onisciente e onipresente que conhece a genealogia de Jesus (Mt 1.1-1- 17), sabe dos detalhes da concepção fantástica de Jesus e emite opiniões próprias quando afirma que José era justo (Mt 1.19), relata o encontro de Jesus e o diabo no deserto (Mt 4.1-11) e assim por diante. Quando o narrador cede a palavra a Jesus para contar a parábola, o leitor se pergunta: por que é Jesus que está contando a parábola? O narrador nesse momento passa sua autoridade de narrador para o protagonista, o que aproxima o conteúdo do leitor.

Como vimos no Capítulo 2, a parábola, uma história que é contada para que os ouvintes formem uma imagem da situação, sinaliza para algo mais longe, além, mais profundo. A Parábola do Semeador, enxertada na narrativa, faz o leitor relacioná-la com o assunto anterior: sua exortação aos fariseus que acaba justamente com o ensino da árvore boa e seu fruto bom e a árvore má com seu fruto mau (Mt 12.22-37).

O fato de Jesus falar por parábolas várias vezes no evangelho de Mateus aponta para o conceito do grande tempo na literatura. Bakhtin propõe que uma grande obra começa a ser formada muito antes de sua escrita; nas tradições orais, por exemplo, como é o caso da Bíblia. Além disso, essa obra necessita do *distanciamento temporal* para ser entendida em toda a sua profundidade

(BAKHTIN, 2003, p. 260)

O que Bakhtin defende aqui é a ideia da literatura como relação social: a relação dialógica entre o tempo do escritor e o tempo do leitor, um dialogismo de temporalidades. A escolha do uso de parábolas enfatiza o potencial de a obra literária transpor o tempo e convocar o leitor de hoje a interpretar a parábola.

Vejamos parábola de Mateus 13.1-9:

Naquele mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se à beira-mar; **2** e grandes multidões se reuniram perto dele, de modo que entrou num barco e se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia. **3** E de muitas coisas lhes falou por parábolas e dizia: Eis que o semeador saiu a semear. **4** E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram. **5** Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. **6** Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. **7** Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. **8** Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um. **9** Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça.

É intrigante observar que para esclarecer uma situação incompreensível para os discípulos, para a multidão (e para o leitor), o narrador escolha colocar Jesus falando de uma maneira indireta para explicar esses eventos. A sensação de imprevisibilidade e ambiguidade nas personagens confere a elas verossimilhança e as aproxima de nós, leitores. A maneira como o narrador faz com que as personagens aos poucos mostrem sua personalidade e seu modo de pensar e agir exige que o leitor as estude e analise. O leitor se sente mais ligado às personagens e, por consequência, mais conectado com a narrativa.

A parábola, contada após vários encontros tensos em que Jesus continuamente usa para revelar mais sobre o reino, serve ao propósito do narrador de tornar a fala de Jesus atemporal e universal, como veremos.

O bloco discursivo do capítulo 13 engloba 7 parábolas e pretende mostrar o porquê da rejeição por parte de tantas pessoas representantes de

diferentes classes e situações.

O trecho de Mt 13.1-9 também se desenvolve dentro do cronotopo do encontro: Jesus sai de sua casa e “grandes multidões” se achegam para ouvi-lo. Repetimos aqui que os cronotopos, então, são os elementos que não só influenciam as personagens como, também, servem de impulso para o enredo (BAKHTIN, 2003, p. 357). Desta vez, a multidão que aguarda Jesus não está em busca de milagres; ninguém se aproxima ou pede nada. Jesus percebe, então, que a multidão deseja ouvir a sua mensagem.

Compreendemos que o fato de Jesus se sentar, primeiramente à beira-mar e em seguida em um barco, indica sua disposição física, sua intenção de ensinar, visto que se senta para pronunciar outros dois de seus discursos, como podemos ver:

Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los. (Mt 5.1-2)

No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século. (Mt 24.3)

O lugar em que Jesus se senta, à beira-mar e sua decisão de, em seguida, entrar em um barco também é significativo para a narrativa. Jesus chama seus discípulos junto ao mar (Mt 4.18); revela sua autoridade sobre a natureza durante uma tempestade no mar, dentro de um barco (Mt 8.24); vai de barco para lugares em que exerce o ministério de cura (Mt 9.1); sai de barco para se isolar e falar com Deus (Mt 14.13). Deduzimos que o mar e os barcos que fazem parte do cronotopo da estrada, como lugares de movimento e deslocamento em que encontros entre Jesus e seus interlocutores acontecem, incorporam sentidos pelo decorrer da narrativa e evocam associações para o leitor. Bakhtin explica que “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico, ou relativo à vida” (1997, p.99). Entendemos que os discípulos e as multidões se preparam para ouvir ensinamentos ou testemunhar milagres quando Jesus está à beira-mar ou em um barco e à

medida que a narrativa avança, o leitor também faz essa associação do cronotopo com palavras e ações de destaque do protagonista.

Podemos observar, no versículo 2, a ânsia com que as multidões querem ouvir Jesus: “e toda a multidão estava em pé na praia”. Interessante destacar também o contraste entre Jesus assentado e as multidões em pé. Jesus assentado no barco mostra sua intenção de falar e ensinar por algum tempo enquanto as pessoas em pé estão em uma posição que demonstra a disposição de ouvir e permanecem assim por um certo tempo, já que “de muitas coisas lhes falou por parábolas” (v.3). O leitor, nesse ponto, também se prepara para o terceiro discurso de Jesus que antecipa um longo ensinamento.

O narrador, portanto, apresenta um cenário ao leitor, antes de dar a palavra à personagem: Jesus sentado em um barco e grandes multidões perto dele, de pé na praia prontas para ouvir. Bakhtin reconhece que os cronotopos são os “centros organizadores dos principais acontecimentos” de uma narrativa (1993, p. 355). Podemos verificar que do cronotopo da estrada decorrem os encontros em que Jesus e tantas outras personagens interagem, dialogam, concordam e discordam e expõem e ocultam suas opiniões.

A Parábola do semeador, como é conhecida, usa do conhecimento de mundo da multidão: um semeador, uma semeadura, sementes e tipos de solo, um trabalho ao ar livre. É dessa maneira que a multidão é atraída pela narrativa, identifica-se com ela e pode extrair dela o ensinamento que Jesus deseja passar.

Esse cenário, apresentado pela personagem neste momento, faz parte do cotidiano da multidão que certamente se identifica com a parábola logo de início. Uma parábola usualmente traz um cenário com o qual a audiência possa se relacionar. Jesus torna a linguagem inteligível para as grandes multidões que, certamente, englobam, pessoas que trabalham no campo, ou que tenham familiares envolvidos com a agricultura, setor muito comum na época. Interessante pensar que não somente a área da agricultura é conhecida na época da narrativa, como se trata de uma atividade conhecida e desenvolvida em todas as épocas e lugares. Portanto, os futuros ouvintes e leitores puderam

e continuarão a ter a capacidade de interpretar a parábola que torna-se atemporal e universal.

O primeiro fato que chama a atenção é que Jesus não fornece informação alguma sobre o semeador: não sabemos seu nome, nada sobre sua aparência ou origem. Alter comenta que os sinais de uma individualidade matizada a que estamos acostumados estão ausentes nas narrativas bíblicas, mas que “seu silêncio é seletivo e intencional” (2007, p.178). O autor diz, então, que “os enigmas devem ser decifrados pelo leitor” (2007, p. 180).

Acreditamos que o fato de as informações sobre a identidade do semeador serem omitidas colabora com a atemporalidade e universalidade da parábola. Informações que formassem sua identidade poderiam situar a história em um tempo-espaço particulares que dificultariam a perpetuidade da parábola.

Jesus diz que o “semeador saiu a semear” e que as sementes “caíram” em diferentes solos. Não há uma descrição da atividade do semeador: ele não escolhe nem prepara o terreno. As sementes não são plantadas, caem em diferentes solos. A responsabilidade da semeadura não é do semeador, e sim, do solo. Jesus descreve o trabalho do semeador que nem sempre colhe tudo que planta devido aos diferentes solos: à beira do caminho (v. 4), solo rochoso (v.5), solo entre espinhos, boa terra.

Davies e Allison comentam que “o tempo de vida das várias sementes aumenta ao nos aproximarmos do clímax da parábola” (1991, p. 384, tradução nossa). As primeiras sementes caem à beira do caminho e nunca crescem: os pássaros as comem. Algumas das sementes caem em solo rochoso: nascem, mas não crescem muito; outras caem entre os espinhos e crescem um pouco, mas são sufocadas pelos espinhos. O leitor pode antecipar que o próximo solo será melhor, a boa terra.

Alter chama esse padrão de narrativa de estratégia de repetição de sequência de ações quando há “três repetições consecutivas, ou três mais uma, intensificadas ou incrementadas de uma ocorrência para a outra, geralmente terminando num clímax ou numa inversão” (2007, p.48). Ao usar essa estratégia da repetição, o narrador bíblico tem a “expectativa de que o

leitor ideal (de início, ouvinte ideal) ficasse atento às diferenças que surgem a cada instante num meio que parece fundar-se na recorrência permanente” (2007, p.150). Mais um ponto que nos leva a acreditar que o narrador conta com a participação do leitor, de qualquer época, para a interpretação da narrativa.

Queremos ressaltar também o significado dos tempos verbais em relação a suas funções nessa parábola, de acordo com as teorias de Harald Weinrich. Como já vimos, Weinrich divide os tempos verbais em dois grupos para distinguir duas “situações comunicativas”: o mundo comentado e o mundo narrado.

Ao contar a parábola, o protagonista utiliza, então, o pretérito perfeito para se referir a uma situação do mundo narrado: o texto é um relato e, para Weinrich, o emprego dos tempos do Grupo II faz com que os destinatários se coloquem em um outro plano “situado além da temporalidade e do mundo comentado” (1974, p.38, tradução nossa). Para o autor, o mundo narrado permite os destinatários uma atitude mais relaxada. Jesus relata com o pretérito perfeito: “uma parte caiu à beira do caminho; outra parte caiu em solo rochoso; outra caiu entre espinhos; outra caiu em boa terra.” (v. 4,5,7,8). Ingedore Koch explica que “o ouvinte sabe que deve receber a informação como relato, mas nada existe que o obrigue a relacioná-lo obrigatoriamente com o tempo passado: o mundo narrado é indiferente ao tempo cronológico” (2007, p.40). Por essa razão, acreditamos que a narrativa não esteja fixada no tempo passado e assim como atingiu o ouvinte e depois o leitor de séculos atrás e demandou dele interpretações, o mesmo acontece com o leitor de hoje.

No final da parábola, o protagonista convoca o leitor a pensar e buscar o sentido da narrativa de uma forma extremamente direta: “Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça” (v.9). Davies e Allison ressaltam que esse imperativo comum na tradição de Jesus aparece em vários contextos. “Tipicamente funciona como um aviso e/ ou para marcar a conclusão de um parágrafo ou outra unidade literária” (1991, p. 259). Observamos a mesma expressão em dois outros trechos, o que demonstra a expectativa do narrador em chamar a atenção do leitor: “Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça” (Mt 11.15) e “Então, os justos

resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça” (Mt 13.43).

A última frase de Jesus faz com que o leitor se sinta pressionado a refletir sobre a parábola: é sua a responsabilidade de decifrar o sentido da narrativa. A teoria bakhtiniana argumenta que o ouvinte é parte constitutiva não apenas de toda enunciação, como de toda palavra: a palavra só ganha concretude no espaço social entre o falante e o ouvinte/leitor.

Bakhtin comenta que até “porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico” (2003, p. 269). Cada escolha de Jesus ao contar a parábola leva o destinatário em conta e tem o objetivo de fazer com que o ouvinte/leitor se identifique e seja motivado a reagir em relação à comunicação. As palavras de Jesus só fazem sentido porque são destinadas a seus ouvintes/leitores que têm papel indispensável na compreensão ativa.

O último versículo traz um comentário de Jesus no presente, o que representa uma atitude tensa: “o falante está em tensão constante e o discurso é dramático, pois se trata de coisas que o afetam diretamente” (KOCH, 2007, p.38).

Koch, ao discorrer sobre o uso dos tempos “comentadores”, afirma que: “O emprego dos tempos “comentadores” (grupo I) constitui um sinal de alerta para advertir o ouvinte de que se trata de algo que o afeta diretamente e de que o discurso exige sua resposta (verbal ou não verbal); é esta a sua função, e **não** a de mencionar um momento no Tempo” (2007, p.38, grifo do autor).

Salientamos a teoria de Bakhtin de que, como já dissemos, as grandes obras extrapolam os limites da época em que surgem (BRAIT, 2005, p. 159). As obras, portanto, relacionam-se tanto ao passado quanto ao futuro. Razão pela qual, as obras adquirem, com o passar do tempo, cada vez mais significados, enriquecendo-se. A parábola resultou em um certo entendimento no momento em foi contada e, não só pode originar outras interpretações, ligações, ideias, ou seja, uma compreensão responsiva para os mesmos ouvintes e leitores, como pode provocar o leitor de hoje e do futuro.

Após Jesus contar a parábola, os discípulos se aproximam e perguntam

”Por que *lhes* falas por parábolas” (Mt 13.10, grifo nosso), referindo-se às multidões. Jesus responde que “Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido” (Mt 13.11). Intrigante a resposta de Jesus que discorre longamente sobre o privilégio que é para os discípulos poderem entender a parábola, porém, em seguida, começa a explicar a parábola, sem que eles tenham perguntado: “Atendei vós, pois, à parábola do semeador” (Mt 13.18). Temos a impressão que Jesus não quis ser rude com os discípulos e por isso imediatamente explicou a parábola, visto que “Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos, porque ouvem” (Mt 13.16). Entendemos que os discípulos entendem justamente porque têm fé em Jesus, desfrutam de sua companhia e ouvem.

Logo em seguida, Jesus conta mais sete parábolas e pergunta a seus discípulos: “Entendestes todas estas coisas? Responderam-lhe: Sim!” (Mt 13.51). Davies e Allison argumentam que o versículo se refere a todo o capítulo 13, o que mostra, então, que os discípulos estão entre os que ouvem e entendem.

A questão é, então, deixada para o leitor também que tem a vantagem sobre os discípulos de ter recebido no primeiro versículo do evangelho de Mateus a informação sobre quem é Jesus: “Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1.1).

As análises nos permitiram confirmar como os cronotopos claramente exercem a função de atuar na construção das personagens e sua cosmovisão. Repetimos que tanto os cronotopos propiciam as oportunidades para que a identidade dos sujeitos seja revelada quanto as personagens contribuem para a ampliação do sentido e da carga emocional e ética dos cronotopos da estrada, do encontro e do reino no evangelho de Mateus.





## 6 CONCLUSÃO

Chegamos ao fim de um intenso trabalho de análise do evangelho de Mateus e dedicamos um momento para pensar sobre o caminho percorrido e expor as principais ideias geradas no processo.

Ao finalizarmos nossa dissertação de mestrado, *“Imagens da mulher no Evangelho de Mateus: a construção de personagens femininas”*, o que mais nos chamou a atenção durante as análises foi a maneira como tempo e espaço operam na narrativa. Vimos que o tempo e o espaço são muito mais que referências temporais e espaciais ou pano de fundo para o enredo: na verdade, a função do tempo e do espaço é a de agregar sentido ao texto e contribuir para a construção das personagens.

Fundamental para a compreensão do evangelho foi entender como tempo e espaço formam uma unidade indissolúvel da forma como Bakhtin os define: o espaço social e tempo histórico como duas manifestações de um mesmo fenômeno que constrói as personagens (1993, p. 222). Foi decisivo, portanto, olhar para tempo e espaço dentro do conceito de cronotopia desenvolvido por Bakhtin.

Pudemos observar, na ocasião de nossa dissertação, como passado, presente e futuro se mesclam, se complementam e representam a dimensão da transformação e do movimento aos quais as personagens são sujeitas.

O cenário do evangelho de Mateus, além de conferir concretude ao texto, tem como principal função estabelecer oposições: cidades judias/gentias, locais sagrados/profanos, territórios de aceitação/rejeição de Jesus. Nessa perspectiva, o narrador apresenta, por exemplo, as sinagogas dos fariseus como local de confronto enquanto a sinagoga de Jesus representa um local de ensinamento; Jerusalém, como uma cidade de oposição a Jesus e sua comunidade e Belém, cidade de aceitação; montanhas e montes, os lugares para onde Jesus se retira para orar e estar com Deus; Cananeia e Galileia são a terra dos gentios, porém lugares que acolhem Jesus.

Decidimos, nessa ocasião, portanto, continuar o estudo do evangelho de

Mateus com foco nas funções cronotópicas. Mas não apenas isso. Na ocasião da dissertação, começamos a imaginar se e como as estratégias narrativas do evangelho de Mateus cooperavam para a longevidade do texto. O texto bíblico, como um todo, e o evangelho de Mateus, em particular, têm sido expostos à releituras há séculos e muitas gerações de diferentes temporalidades e contextos sociais e culturais continuam sendo atraídas pela sua riqueza textual.

Aliando nossos dois interesses, os cronotopos e a atemporalidade do evangelho de Mateus, decidimos verificar a relação entre os assuntos. Entendemos que a complexidade de sua textualidade faz com que o Mateus seja talhado a apropriações e releituras.

Por meio da análise literária dos discursos de Jesus (sermões e falas), com foco nos cronotopos da narrativa, nossa proposta foi reconhecer a viabilidade da presentificação, ou seja, a redução da distância narrativa entre o texto de Mateus e o leitor de hoje.

Nosso caminho nesta tese foi empregar as teorias do russo Mikhail Bakhtin para examinar o evangelho de Mateus como uma narrativa de aventuras e de costumes. Olhar para um texto bíblico utilizando teorias literárias tem sido feito aproximadamente desde os anos 1990 no Brasil e existe um consenso geral entre os estudiosos que o evangelho de Mateus reúne uma série de gêneros literários.

Ao iniciarmos nossa trajetória, algumas questões nos motivaram. Em primeiro lugar, entendemos que seria essencial saber como as personagens e, em especial o protagonista Jesus, se assumem como sujeito e como se relacionam com o mundo. Também seria relevante discernir quais as estratégias literárias que colaboram com a longevidade do texto. O texto de Mateus que já apresenta uma *vida post mortem*, como Bakhtin denomina (2003, p. 363) de vinte séculos, seguramente apresenta características retóricas que contribuem para essa longevidade. Pretendíamos também verificar se essas estratégias poderiam estimular releituras.

Decorrentes dessas problematizações, formulamos três hipóteses que puderam ser confirmadas por meio da análise do evangelho.

Nossa primeira hipótese de leitura é que os sujeitos e sua cosmovisão

são construídos pelos três cronotopos principais do evangelho: os cronotopos da estrada, do encontro e do reino. O protagonista, Jesus, sai em uma missão itinerante com o objetivo de pregar sobre o reino dos céus, percorrendo cidades, vilarejos, sinagogas, casas e cruzando o mar de barco repetidas vezes. Nesse percurso, Jesus fala sobre o reino em diálogos com toda sorte de interlocutores e faz discursos para seus discípulos e seguidores. Os três cronotopos entrelaçados funcionam concomitantemente por toda a narrativa.

As palavras de Jesus adquirem força, importância e autoridade crescentes: significados vão sendo acrescentados fazendo com que multidões cheguem de vários lugares, ávidas por ouvirem as mensagens de Jesus e fariseus e escribas façam cada vez mais oposição ao protagonista. Razão do nosso título enfatizar o versículo que defende a longevidade das palavras de Jesus. Não apenas as palavras de Jesus refletem sua identidade. As narrativas retratam inúmeros desses encontros e o leitor pode perceber que as ações e comportamento de Jesus corroboram suas palavras, sua mensagem. A relação e concordância entre as palavras e ações de Jesus não são especificamente relatadas pelo narrador de Mateus que é onisciente, mas faz a opção, na maior parte do tempo, de deixar que o leitor faça essas conexões e assumam um papel vital na construção de sentido da narrativa.

Pudemos demonstrar como os cronotopos da estrada, do encontro e do reino do evangelho têm a função de construir as personagens e como servem ao gênero de uma narrativa de aventuras e de costumes. Sabemos que é o gênero que constrói a imagem cronotópica: a cada gênero estão atrelados diferentes cronotopos, modos de entender o tempo. Os cronotopos da estrada, do encontro e do reino permitem a exposição da “aventura” da missão missionária de Jesus que é combinada com sua vida cotidiana. Vimos que o percurso de Jesus por esta estrada da vida oferece uma plena oportunidade para a expressão da ordem e do caos, das defesas e das acusações, dos questionamentos e das respostas por meio das falas das personagens. Durante nossa análise, pudemos ver como o cronotopo da estrada está intrinsecamente relacionado à narrativa de aventuras e de costumes: a estrada é um grande cronotopo temático que se apresenta como a ocasião oportuna

para todos os tipos de encontros casuais e inesperados de toda a variedade de personagens.

Bakhtin esclarece que o motivo do encontro - e seus desdobramentos como outros motivos como os desencontros, embates, alianças separações, entendimentos, desentendimentos fugas - são um dos mais antigos acontecimentos formadores de enredo e vemos o evangelho de Mateus exatamente desta maneira. Para nós, o evangelho pode ser descrito como uma série de encontros esperados e inusitados que oferecem uma oportunidade para Jesus falar, explicar e ensinar sobre o reino dos céus para esses interlocutores e para o leitor. Várias ocasiões são oferecidas ao leitor para que reflita sobre a mensagem do reino.

O capítulo 13 que abriga uma série de parábolas é um exemplo de como os três cronotopos agem entrelaçados e concomitantemente para a formação do sujeito Jesus e sua cosmovisão. Todas as parábolas do capítulo 13 versam sobre o reino dos céus, mas nada é dito explicitamente. É necessário que o leitor pense e reflita sobre o assunto. Nada é esclarecido imediatamente pelo narrador. No início do capítulo, vemos como Jesus se assenta à beira mar e depois, como as multidões se reúnem perto dele, entra em um barco e novamente se assenta (Mt 13.1-2). Jesus também não em pressa. Vai falar sobre “muitas coisas por parábolas” (Mt 13.3), portanto, por um longo tempo. Este início do capítulo 13 parece descrever e estar em um outro tempo, já que no capítulo 12, a variedade de assuntos e os confrontos com os fariseus tornam a narrativa pujante e acelerada. Jesus entra em embate com os fariseus quando passa pelas searas (Mt 12.1); cura na “sinagoga deles” (expressão que mostra o clima de posição) em um sábado; cura muitas pessoas pelo caminho, porém, as adverte “para que o não expusessem à publicidade” (Mt 12.16), já que muitos o seguem apenas em busca de cura; encontra e cura um cego, mudo e endemoninhado e é acusado pelos fariseus de agir “pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios” (Mt 12.24); Jesus se defende e chama os fariseus de “raça de víboras” (Mt 12.34); os fariseus pedem um sinal e Jesus novamente os maldiz chamando-os de “geração má e adúltera” (Mt 12.39); Jesus fala sobre luta espiritual (Mt 12.43);

e finalmente Jesus afirma que sua família são os que fazem sua vontade (Mt 12.50). Depois de tudo isso, Jesus se assenta, entra no barco, se assenta novamente e começa a contar as parábolas.

Como comentamos, no capítulo 13 podemos observar os cronotopos da estrada, do encontro e do reino trabalhando juntos na construção da personagem Jesus e sua visão de mundo. No percurso de sua missão, nesse encontro com discípulos e seguidores, ao explicar a parábola do joio, o próprio Jesus define a si mesmo e o que entende ser sua missão: “O que semeia a boa semente é o Filho do Homem” (Mt 13.37). É hora de entender o que está acontecendo, de compreender porque os fariseus se opõem tão duramente, de aceitar que o reino dos céus é somente para os que creem. O ritmo mais lento do discurso de Jesus propõe uma parada para que o leitor reflita sobre o turbilhão de ações descritas anteriormente. Vemos nesse entrelaçamento dos capítulos 12 e 13, um bloco narrativo e um bloco discursivo, como a estrutura do evangelho não deve ser olhada apenas como a maneira formal de se estruturar a narrativa, mas como uma estratégia comunicativa eficaz que tem o objetivo de guiar, prender e estimular o leitor.

Demonstramos como os cronotopos são responsáveis pelo matiz emocional e ético do enredo e é isto que constrói as personagens redondas, multifacetadas e complexas de Mateus. Jesus, como protagonista, é apresentado no início da narrativa como importante personagem histórico e o Cristo, porém, é no restante da narrativa que o leitor pode comprovar a essência de Jesus por meio dos sentimentos que expressa, além de suas palavras e ações. Nos encontros de entre o protagonista e seus múltiplos interlocutores, o leitor pode testemunhar como Jesus, apesar de ser o Cristo, tem sentimentos universais que esse mesmo leitor pode reconhecer: misericórdia e compaixão, alegria e ira, autoridade e humildade.

Na narrativa de Mt 14.13-21, Jesus faz o grande milagre da multiplicação dos pães, porém a preocupação que mostrou foi comum e humana: as pessoas estavam com fome. E Jesus ordena aos discípulos: “Não precisam retirar-se (a multidão); dai-lhes, vós mesmos, de comer” (Mt 14.16)

Em outra cena, Jesus enaltece a compreensão de Pedro que vê em

Jesus, o Filho de Deus e fala com grande amor sobre Pedro mostrar ter um relacionamento com Deus: “Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que estás nos céus” (Mt 16.17). Porém, Jesus não hesita em repreender Pedro severamente (e o narrador coloca a cena imediatamente depois) quando este aconselha Jesus a não passar pelo sofrimento: “Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens” (Mt 16.23).

Jesus que age de forma compassiva inúmeras vezes também se zanga e mostra sua ira ao falar com os fariseus que não fazem o que pregam: “Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo! (Mt 23.26).

Concluimos que realmente os cronotopos exercem a função de construção das personagens e sua cosmovisão e entendemos a grande carga emocional e ética do evangelho de Mateus, exposta pelos cronotopos, como outro fator relevante para a vivificação do texto: as emoções, sentimentos, sensações e instintos são universais e atemporais e afetam leitores de qualquer época. Cada personagem e cada encontro expõe diferentes emoções. Por meio das análises dos encontros de Jesus, pudemos observar como leprosos, endemoninhados paralíticos, doentes excluídos do convívio familiar e social, mudos e cegos mostram fé verdadeira, são curados e partem tendo suas vidas transformadas por esse encontro com Jesus (Mt 8.3, 8.32, 9.7, 9.22, 9.33,20.34). Fariseus e escribas se aproximam com perguntas para tentar confundir Jesus e não com a intenção de aprender, mas são descobertos em suas estratégias e partem com mais animosidade (Mt 12.38-42). Multidões se reúnem ávidas por ouvir a mensagem de Jesus e concluem que a mensagem e as ações de Jesus são concordantes e se enchem de esperança (Mt 7.28; Mt 9.8). Multidões também escarnecem e zombam de Jesus momentos antes de sua morte enchendo o cronotopo de hostilidade (Mt 27. 39). O cronotopo do encontro gradativamente se enche de diferentes e intensas emoções à medida que o enredo avança e essa carga emocional e ética atua como um grande fator de estreitamento de relação com o leitor que

se identifica ou não com cada uma delas e é levado à reflexão. Ao nosso ver, a característica do evangelho de levar o leitor à reflexão é um dos principais elementos que contribuem para a vivificação do texto.

Como nossa segunda hipótese relacionamos o uso acentuado de sermões e falas como uma estratégia do narrador que diminui a distância narrativa e, por esta razão, possibilita a atemporalidade e releituras do evangelho. Esta hipótese também pôde ser comprovada: foi possível ver a relação entre as enunciações de Jesus e seu propósito de provocar respostas em seus destinatários, sejam as outras personagens ou o leitor. Em nossa conclusão relacionamos a comprovação da segunda hipótese com a terceira que trata a organização do evangelho em blocos narrativos e discursivos como estratégia do narrador para conferir fluidez à narrativa com o objetivo de trazer o leitor para dentro das cenas.

Pudemos conferir como todo o ministério de Jesus (incluindo sua genealogia, concepção, nascimento, peregrinação, sofrimento, morte e ressurreição) tem como centro, motivo e objetivo o outro. Já no nascimento de Jesus, o narrador onisciente revela ao leitor o motivo de sua vida relacionando-o com os outros: “Ela (Maria) dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21). Em nossa tese, explicamos a relação exotópica de Jesus com os outros: o olhar de fora nos completa, nos dá acabamento e permite que tenhamos uma autoconsciência. As falas e discursos de Jesus adquirem concretude na medida em que são dirigidas e encontram o outro. Vemos que a identidade de Jesus tem no outro seu principal elemento de constituição, visto que sua vida e ministério têm como foco o outro. Vimos há pouco, como as emoções de Jesus são originadas pelo seu relacionamento com as pessoas que encontra pelo seu caminho e são essas emoções também são dirigidas ao outro.

Também pudemos ver como as palavras de Jesus visam o outro e como consequência disso, o contato de Jesus com seus interlocutores (e com o leitor) os levam, muitas vezes, à uma conscientização e transformação. Os diálogos com discípulos, doentes, cegos, mudos, marginalizados, fariseus, escribas, judeus, gentios, homens e mulheres gradativamente revelam a



identidade de Jesus Cristo para todos esses e para o leitor também. As palavras de Jesus como reação às circunstâncias que vão se instaurando na trama parecem crescer em sentido e peso.

Pudemos ver, por exemplo, por meio de nossas análises, como o uso do presente do indicativo e do imperativo têm a intenção de trazer o leitor para dentro da trama estimulando-o a tomar um posicionamento em relação às diferentes circunstâncias que se apresentam. As palavras são progressivamente mais carregadas de significado com o desenrolar do enredo; os diálogos são mais enfáticos e assertivos e as personagens são forçadas a tomar posições conforme o clímax se aproxima. O leitor é envolvido pela intensa carga emocional e ética dos cronotopos e também se sente pungido a interpretar todos os distintos comportamentos: a necessidade dos fariseus em arquitetar um plano contra a vida de Jesus, a necessidade de forjar uma motivo para sua condenação, a recusa de Jesus em defender-se, a fuga dos discípulos, o escárnio da multidão, o significado e a inevitabilidade de todos esses eventos.

Vejamos alguns exemplos do uso do imperativo e do presente do indicativo em falas e discursos de Jesus. O capítulo 8 e 9 de Mateus, parte de um bloco narrativo, servem como corroboração do primeiro discurso de Jesus: suas ações e comportamento evidenciam como Jesus age seguindo a mensagem do reino. Os capítulos relatam muitos encontros de Jesus com pessoas necessitadas de curas físicas e Jesus cura a todas elas. Estando em sua cidade, Cafarnaum, um paralítico é trazido à sua presença e o narrador apresenta as palavras de Jesus em discurso direto: “E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado em um leito. Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados” (Mt 9.1). O narrador pretende que o leitor entenda que o paralítico foi curado por causa da fé de seus amigos e sua e, em segundo lugar, as palavras de Jesus (usando o imperativo e o presente do indicativo) chegam aos ouvidos do leitor como se fossem dirigidas a ele. No primeiro discurso, o Sermão do Monte, Jesus estabelece quem serão os participantes do reino e suas afirmativas ganham

força ao usar o presente: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5.3). A força e autoridade da frase aumentam porque a narrativa segue com mais oito frases que usam a mesma estrutura:

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.  
 Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.  
 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.  
 Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.  
 Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.  
 Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.  
 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.  
 Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Mt 5. 4-11)

Ao término desse imponente discurso sobre quem são os bem-aventurados, Jesus usa um imperativo que conclui como se falasse ao leitor também: “Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós” (Mt 5.12).

Em outro trecho, Jesus cura um leproso e usa o presente também seguido do imperativo e o leitor sente como se estivesse entre as multidões testemunhando o milagre: “E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me. E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: **Quero, fica limpo!** E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra. (Mt 8 2-3, grifo nosso).

Na última ceia de Jesus com seus discípulos, Jesus os instrui a comer o pão e beber o vinho e, mais uma vez, o leitor sente que a instrução se dirige a ele:

Enquanto comiam, tomou Jesus um pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: **Tomai, comei; isto é o meu corpo.** A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: **Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue,** o sangue da [nova] aliança, derramado em

favor de muitos, para remissão de pecados.(Mt 26.26-28, grifo nosso)

O uso do presente do indicativo e do imperativo nas falas e discursos se repete inúmeras vezes e é desta maneira que o narrador decide finalizar o evangelho. Consideramos emblemático para o evangelho esse versículo e por isso, tomamos a liberdade de usá-lo novamente como exemplo. O narrador coloca na boca de Jesus sua missão que se estende a quem a compreender: “**Ide**, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. **E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século**” (Mt 28.19-20, grifo nosso).

Ao nosso ver, a ênfase nos diálogos e falas de Jesus - tanto nos blocos discursivos que se referem, naturalmente, aos sermões de Jesus, quanto nos blocos narrativos que dão uma grande ênfase aos diálogos transcritos em discurso direto - se coloca como uma das principais estratégias usadas pelo narrador para aproximar o leitor da trama e possibilitar seu engajamento com as questões levantadas.

Durante a narrativa, várias ocasiões são oferecidas ao leitor para que reflita sobre a mensagem do reino, a mensagem de Jesus. As parábolas do Capítulo 13, por exemplo, versam todas sobre o reino dos céus, mas nada é dito explicitamente. Analisamos a Parábola do Semeador e pudemos ver como é necessário que o leitor pense e reflita sobre o assunto. Nada é esclarecido imediatamente pelo narrador. Vimos como Jesus se assenta à beira mar e depois, como as multidões se reúnem perto dele, entra em um barco e novamente se assenta (Mt 13.1-2). Jesus também não em pressa. Vai falar sobre “muitas coisas por parábolas” (Mt 13.3), então, por um longo tempo. Este início do capítulo 13 parece descrever e estar em um outro tempo, já que no capítulo 12, a variedade de assuntos e os confrontos com os fariseus tornam a narrativa pujante e acelerada. Jesus entra em embate com os fariseus quando passa pelas seara (Mt 12.1); cura na “sinagoga deles” (expressão que mostra o

clima de posição) em um sábado; cura muitas pessoas pelo caminho (porém, as adverte “para que o não expusessem à publicidade” (Mt 12.16), já que muitos o seguem apenas em busca de cura); encontra e cura com um cego, mudo e endemoninhado e é acusado pelos fariseus de agir “pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios” (Mt 12.24); Jesus se defende e chama os fariseus de “raça de víboras” (Mt 12.34); os fariseus pedem um sinal e Jesus novamente os maldiz chamando-os de “geração má e adúltera” (Mt 12.39); Jesus fala sobre luta espiritual (Mt 12.43); e finalmente Jesus afirma que sua

Concluimos que a relação dialógica que é estabelecida entre os blocos narrativos e discursivos garantem o diálogo do texto com o leitor também. A estrutura do evangelho assegura o fluir e ritmo para a narrativa contribuindo com o envolvimento e aproximação do leitor da trama. Pudemos ver como os blocos narrativos e os blocos discursivos são ligados, respondem um ao outro e são responsáveis por preencherem um ao outro de sentido e demonstramos como as ações de Jesus corroboram suas palavras e estão em permanente concordância.

Repetimos, neste final de trabalho, que os cronotopos, as palavras de Jesus e a maneira como o texto é organizado têm sido essenciais e grandes responsáveis pela

longa vida do evangelho de Mateus. Compreendemos que o cânone e a força das religiões que sustenta Mateus são fatores determinantes para a longevidade do evangelho, porém, é inegável o papel dos cronotopos que constroem os sujeitos da narrativa e enchem a história de carga emotiva e de

valor colaborando com a ligação que se estabelece entre o leitor, a trama e as personagens. Nossa conclusão sobre a razão da longevidade do evangelho de Mateus também abrange o uso acentuado de falas e discursos de Jesus dentro dos blocos narrativos e discursivos. As falas e discursos do protagonista podem continuar ecoando para o leitor que sente que conhece a Jesus porque suas palavras também foram endereçadas a ele. A organização do texto tem como meta guiar e envolver o leitor no texto. O texto de Mateus não está preso ao século I, mas continua provocando reações, perguntas e transformações em seus leitores.

Apesar de nos dedicarmos o máximo possível à reflexão sobre o tema da tese, a longevidade do evangelho de Mateus e os cronotopos, as falas e sermões de Jesus e a organização da narrativa como principais colaboradores pela vivificação do texto, sentimos que uma continuação da pesquisa seria, se não necessária, altamente relevante. O trabalho nos fez pensar como uma pesquisa qualitativa de coleta de dados com leitores leigos que fizeram releituras da Bíblia (com a visão do texto bíblico como literatura) poderia contribuir e complementar nossas conclusões.

Acreditamos que o evangelho de Mateus sendo uma grande obra inscrita no grande tempo esteja sujeita e disponível a muitas leituras pelo mesmo leitor e pelos leitores do futuro.

A distância, o intervalo entre as nossas leituras e as leituras de outros são capazes de provocar diferentes construções de sentido, o que colabora para o enriquecimento contínuo e para a longevidade do texto bíblico.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Flávio. Posfácio In: FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

ALLISON, Dale C. *Studies in Matthew: Interpretation Past and Present*. Grand Rapids: Baker Academic, 2005.

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. ; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997.

AUNE, David. *The gospel of Matthew in current study*. Grand Rapids: Eerdermans, 2001,

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Tradução: A. F. Bernadini et al. 5ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAUER, David. *The Structure of Matthew's Gospel: a Study in Literary Design*. Sheffield: Almond, 1989 (Journal for the Study of the New Testament Supplement Series, n. 31).

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

BÍBLIA Sagrada. Edição Almeida Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BOER, Roland. *Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido*. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. (org.) *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BROWN, Raymond. *An introduction to the New Testament*. New York: Doubleday, 1997.

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus*. Comentário Sócio-político e Religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. *Matthew - Storyteller, Interpreter, Evangelist*. Massachusetts: Hendrickson, 1989.

DALLENBACH, Lucien. *Intertexto e autotexto*. In: Intertextualidades. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979, p. 51-76.

DAVIES, Dale C; ALLISON, Dale C. *The Gospel according to Saint Matthew*. V. I. Edinburgh: T. & T. Clark Ltda, 1988.

\_\_\_\_\_. *The Gospel according to Saint Matthew*. V. II. Edinburgh: T.&T. Clark Ltda, 1991.

DICTIONARY of major biblical interpreters. IVP Academic, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1997.

FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

HILL, David. *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KUNZ, Claiton André. *As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o reino de Deus*. Curitiba: AD Santos, 2014.

LEONEL, João. *Mateus, o Evangelho*. São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. *“E ele será chamado pelo nome de Emanuel”*: o narrador e Jesus Cristo no evangelho de Mateus. 2006. 453 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Estudo da Linguagem, Campinas – SP.

LEONEL, João; ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Bíblia, Literatura e Linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011.

LUZ, Ulrich. *Matthew 1-7: A commentary*. Minneapolis: Fortress, 1989.

\_\_\_\_\_. *Studies in Matthew*. Grand Rapids: Eerdmans, 2005b.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise literária. São Paulo: Loyola, 2009.

MCDOWELL, Josh. *Evidência que exige um veredito*. Evidência histórica da fé cristã. São Paulo: Candeia, 2001. v. 2.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.) Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012. *Ideologia e Linguagem*. 2-12

MITCHELL, Vernon. *The New Testament*. Maitland: Xulon, 2007.

MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

NOGUEIRA, Paulo. *Hermenêutica da recepção: textos bíblicos nas fronteiras da cultura e no longo tempo*. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 42, p. 15-31, jan./jun. 2012.

N.T. Interlinear Grego-Português. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OVERMAN, J. Andrew. *Igreja e comunidade em crise – o evangelho de Mateus*. São Paulo, SP: Paulinas, 1999.

PINO, Claudia Amigo. *A ficção da escrita*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

RENDTORFF, Rolf. *Antigo Testamento, uma introdução*. São Paulo: Academia Cristã, 2009.

STANTON, Graham N. Gospel of Matthew. In: HAYES, John H (org). *Dictionary of Biblical Interpretation*. Nashville: Abingdom, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Gospel for a New People*. Louisville: Westminster John Knox, 1992

STEGEMANN, Ekkehard W; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do proto-cristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Paulus, 2004.



TALBERT, Charles. *Once Again: Gospel Genre*. *Semeia*, Atlanta, n. 43, p. 53-73, 1988.

TEZZA, Cristovão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco. 2003.

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1974

## 8 BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: Hucitec/UNB, 1999.

BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (orgs). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 2006.

BUBNOVA, Tatiana. *O que poderia significar o “Grande Tempo”? Bakhtiniana*. Revista de Estudos do discurso, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 5-16, Mai/Ago, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23260>> Acesso em 07 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_. *Voz, sentido e diálogo em Bakhtin*. *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do discurso, São Paulo, v., n.1: p. 268-280, Ago/Dez, 2011. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23260/17073>>. Acesso em 02/11/2017.

BURRIDGE, Richard A. *What are gospels? A comparison with Graeco-Roman biography*. Michigan: Eerdmans, 2004.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução: Waltensir Dutra. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

HAGNER, Donald A. *Matthew 1-13*. Dallas: Word Books, 1993, v. 1 (Word Biblical Commentary).

HENDRIKSEN, William. *Mateus V.2* São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

\_\_\_\_\_. *Matthew 14-28*. Dallas: Word Books, 1995, v. 2 (Word Biblical Commentary).

ISER, W. *O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kreschmer São Paulo: 34, 1996.

KOCH, Ingedore Vilhaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos Travaglia. *A Coerência Textual*. São Paulo: Contexto, 2013.

LIMA, Anderson de Oliveira. A linguagem econômica do Evangelho de Mateus: pressupostos para se ler o Evangelho. *PLURA*, Revista de Estudos de Religião, v. 2, n.1, 2011.

LOPONDO, L.; IGNATTI, A. S. *Tempo, espaço e reconhecimento em “Ensaio sobre a cegueira”*. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 58-63, 2010.

Disponível em:

<<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tl/article/view/2793/2792>>

Acesso em: 10 nov., 2017.

LUZ, Ulrich. *Matthew 21–28: A Commentary*. Translated by James E. Crouch. Hermeneia. Minneapolis: Fortress, 2005a.

MACHADO, Irene. *A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia*. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa (org.). *O círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado das letras, 2010, v.1.

NEVES, Maria Helena Moura; LOPES, Mariú Moreira Madureira. *Texto Bíblico e “Tradução”*: a voz divina no plano humano da coenunção. *Cad. Trad.*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 205-236, maio-agosto/2016.

OVERMAN, J. Andrew. *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo*. São Paulo, SP: Loyola, 1997.

RICOEUR, Paul. *Na escola da fenomenologia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

ROOT, Orrin. *Standard Bible Commentary: Matthew*. Ohio: The Standard Publishing Company, 1964.

SCHOLES, Robert; KELLOGG, Robert. *A natureza da narrativa*. Tradução de Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.

TODOROV, Tzvetan; PERRONE-MOISÉS, Leyla. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

